

**Universidade da Beira Interior**  
Departamento Comunicação e Artes



**Dissertação de Mestrado**

**Mestrado em Jornalismo: Imprensa,  
Rádio e Televisão**

**Dizer o Jornalismo Radiofónico**  
**O papel da Voz e da Locução em Rádio**

---

**Autor:** Sílvia João Marques de Faria

**Assinatura do Autor**

**Aluno:** M1466

**Orientador:** Professora Doutora Anabela Gradim

**Agosto 2009**

Ao Avô Rafael,  
que decerto teria ficado orgulhoso...

## AGRADECIMENTOS

Os primeiros agradecimentos vão para a minha família, pilar inquestionável da minha existência. Nunca serão demais:

Obrigada Mãe, Pai, Madrinha, Vítor, Cristina, Avó Dina, Avó Guida e Avô Faria e demais membros por acreditarem em mim e me deixarem escolher o meu caminho, ainda que por vezes não seja o melhor. É o meu. Obrigada por me fazerem sentir que estou no leme da minha vida e por me apoiarem quando as coisas não correm tão bem. Obrigada por toda a vossa preciosa ajuda no decorrer deste processo.

Obrigada João e Inês, meus mais-que-tudo, por me fazerem querer ser uma pessoa melhor.

Obrigada aos meus amigos, que me apoiaram muito na elaboração deste trabalho:

Mafalda, pela tua forma peculiar de utilizar a psicologia invertida para me fazer ter vontade de continuar, quando estou a desistir.

Cláudia, por seres incansável, pela tua preocupação e ajuda no decorrer deste trabalho. Sabes que sem ti não teria sido possível.

Vera, pelo teu constante incentivo e ajuda e pela tua tentativa de me incutires método. Obrigada por tudo.

Sandra, Michael, Ana, Diana, Micaela, Manuel, António, Isabel, Lisa, Luís, Daniel, Marco, Paulo, David, Jorge, Fátima, Sérgio, João Diogo, João Pedro, Joana, Ana Carvalho e Liliana. Obrigada.

A todos de quem me esqueci, obrigada.

Um agradecimento especial às rádios onde realizei as entrevistas e aos seus profissionais pela sua disponibilidade e amabilidade.

Gostaria também de agradecer ao Professor Canavilhas, pela sua ajuda com a bibliografia e sobretudo por me fazer gostar ainda mais de rádio.

Por fim, não o último, mas ainda antes dos primeiros agradecimentos, à minha orientadora, a Professora Anabela Gradim, pelo seu enorme contributo para a realização deste trabalho. Apesar de eu lhe estar sempre a dificultar o trabalho, a Professora conseguiu pôr-me no caminho certo. Obrigada.

## RESUMO

A voz é o instrumento principal dos animadores e jornalistas radiofónicos.

É através dela que se apresentam ao ouvinte e transmitem a mensagem.

Mas será que o papel da voz em rádio é quantificável?

Que espaço ocupam a escrita e a leitura enquanto aliadas e condicionantes da voz?

O que pensam os principais implicados – profissionais e ouvintes – acerca da importância da voz e da forma de falar em rádio?

No presente estudo tentamos responder a estas interrogações, tendo como suporte prático os métodos quantitativo e qualitativo, sendo que aplicamos inquéritos aos ouvintes e efectuamos entrevistas aos profissionais.

Da análise dos resultados dos métodos utilizados, bem como do estudo teórico, concluímos que a voz continua a ocupar um lugar muito importante em rádio, se bem que outros factores estejam actualmente em evidência, como a eficácia comunicativa.

A forma como se dizem as coisas em rádio e, em muitos casos, como se lêem, também é fundamental para a transmissão da mensagem radiofónica e para prender o ouvinte.

Palavras-chave: Rádio; Voz; Fala; Escrita; Ouvinte; Jornalista; Animador.

## ABSTRACT

Voice is the main instrument of radio's presenters and journalists.

It's through it that they present themselves to the listener and transmit the message.

But is the importance of voice in radio quantifiable?

What space do writing and reading occupy, as voice allies and conditionants?

What do the main participants – professionals and listeners – think about the importance of voice and way of speaking in radio?

In the present study, we try to answer to these questions, having as a practical buttress the quantitative and qualitative methods. We applied quests to the listeners and interviewed the professionals.

The analysis of the used methods' results, so as the theoretical study, helped us to conclude that voice has still a very important role in radio, but other factors are essential, like the efficacy in communication.

The way you say things in radio, and, in many cases, the way you read things in radio are also crucial to the transmission of the radio's message and to capture de listener.

Keywords: Radio; Voice; Speech; Writing; Listener; Journalist; Radio Presenter.

## ÍNDICE

|   |     |
|---|-----|
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....   | 6   |
| <b>PARTE I - A Voz em Rádio ou como combinar o instrumento vocal com a escrita e a leitura.</b> ..... | 9   |
| <b>CAPÍTULO I - Breve história da Rádio.</b> .....  | 10  |
| 1. “The medium is the message” .....  | 11  |
| <b>CAPÍTULO II - Escrever para Dizer</b> .....  | 16  |
| 1. Antes de Escrever para Dizer .....   | 17  |
| 2. Escrever para Dizer .....  | 20  |
| <b>CAPÍTULO III - A Voz</b> .....   | 31  |
| 1. O <i>logos</i> ou a importância do discurso e da oralidade .....                                   | 32  |
| 3. Cuidar da Voz.....   | 46  |
| 4. A credibilidade .....  | 47  |
| 5. Identidade .....   | 48  |
| <b>CAPÍTULO IV - Ler como quem fala</b> .....   | 50  |
| 1. Ler como quem fala.....  | 51  |
| <b>PARTE II - Hipóteses e sua experimentação</b> .....  | 56  |
| <b>1. As Hipóteses</b> .....  | 57  |
| <b>2. O ouvinte</b> .....   | 59  |
| 2.1. O Inquérito.....   | 59  |
| 2.2. A amostra.....   | 59  |
| 2.3. Os meios utilizados.....   | 60  |
| 2.4. A adesão .....   | 60  |
| <b>Inquérito sobre a importância da voz e da locução para os ouvintes de rádio</b> ... 61             |     |
| 3. As questões .....  | 64  |
| 3.1. Análise .....  | 65  |
| 3.2. Explicação da não inclusão de alguns pontos do inquérito .....                                   | 74  |
| 3.3. Questões abertas .....   | 74  |
| 3.4. Conclusões da análise quantitativa .....   | 75  |
| <b>4. Os Profissionais</b> .....  | 77  |
| 4.1. A Entrevista.....  | 77  |
| 4.2. As questões .....  | 78  |
| 4.3. Análise das entrevistas.....   | 80  |
| 4.4. Explicação da não inclusão das questões quatro e dezoito na análise.....                         | 87  |
| 4.5. Resultados da análise qualitativa.....   | 88  |
| <b>PARTE III - CONCLUSÃO</b> .....  | 89  |
| <b>BIBLIOGRAFIA</b> .....   | 92  |
| <b>ANEXOS</b> .....   | 94  |
| <b>Tabelas de resultados dos inquéritos</b> .....   | 95  |
| <b>Transcrição das Entrevistas</b> .....  | 105 |
| <b>Grelha TSF – 23 a 28 de Julho 2008 - Manhã</b> .....   | 146 |

## INTRODUÇÃO

A Rádio. Um meio de comunicação em mudança significativa, procurando adaptar-se às novas tecnologias. Longe vão os tempos em que nem sonhávamos quem seria a pessoa por trás da voz. Actualmente são poucas as estações que não possuem um site na Internet onde apresentam as caras de pessoas antes anónimas, que nos dão a conhecer os seus gostos e ambições. Estará a tecnologia a acabar com a magia com a rádio? Sim e não. Mas isso seria um assunto para outro trabalho.

No trabalho que apresentamos procuramos saber em que ponto da situação nos encontramos, relativamente à importância da voz para quem ouve e para quem faz da rádio a sua profissão, testando algumas hipóteses entretanto colocadas a partir da exploração teórica realizada.

A voz que faz amigos entre os ouvintes, que os acompanha em casa, no carro, no local de trabalho. A voz que mantêm os ouvintes informados, que lhes apresenta a música que queriam mesmo ouvir, que os diverte e ajuda nas horas de solidão. Mesmo quando não temos ninguém com quem falar, sabemos que à distância de um botão está aquela voz, que nos impede de nos sentirmos sozinhos, que nos faz pensar que está a falar exclusivamente para nós, seja num tom grave e sedutor ou num tom mais alto e entusiástico. A voz transporta emoções e sentimentos através do tom e do timbre.

Mas será que qualquer voz serve para falar em rádio? Existe uma definição de uma boa voz para rádio? É aqui que não existe consenso, ou pelo menos unanimidade. Quer entre os teóricos da rádio, quer entre os próprios profissionais da voz em rádio.

O que é uma boa voz para rádio? Serão muitos os requisitos? Vozes masculinas são melhores que as femininas? É a voz importante no que concerne à rádio e aos seus ouvintes?

Ao longo deste trabalho debruçar-nos-emos sobre estas e outras questões para tentar compreender o actual papel da voz em rádio e também o papel que está já teve, dando especial atenção ao cenário português, sem descurar, no entanto, países como os

EUA, Espanha e Reino Unido, que tem definitivamente uma palavra a dizer no que concerne ao meio radiofónico.

A voz é o veículo através do qual o animador e o jornalista chegam ao ouvinte e lhe transmitem a sua mensagem.

Todavia antes de nos preocuparmos com a voz e as suas particularidades físicas e técnicas centrar-nos-emos no que é necessário fazer para que o ouvinte entenda e compreenda a mensagem. Apesar de a rádio ser por excelência um meio oral, não podemos nem devemos almejar uma oralidade pura. O que passa ou deve passar para o ouvinte é o fruto de um *falso improvisado*, ou seja, o ouvinte não deve aperceber-se que o locutor ou animador que parece estar a falar sem qualquer suporte escrito, está na verdade a ler um texto.

A escrita de rádio não é uma escrita com as características habituais, que podemos ver, por exemplo, num texto de imprensa. É uma escrita com atributos próprios da linguagem oral e deve ser construída de forma a que pareça que se está apenas a falar e não a ler. O modo como se escreve para rádio pode influenciar a forma como a voz sai, o tom e ajudar a evitar possíveis erros que possam prejudicar a condução da emissão ou boletim informativo. À forma de escrever para dizer dedicaremos um capítulo deste trabalho.

Depois de analisarmos a opinião dos teóricos da rádio teremos material para formular algumas hipóteses relativamente ao que pensam as pessoas directamente implicadas neste estudo: os ouvintes, animadores e jornalistas.

Os métodos de investigação utilizados para analisar tais hipóteses foram qualitativos e quantitativos. A parte qualitativa foi assegurada por entrevistas a animadores e jornalistas da Rádio Renascença, TSF, Antena 1 e Rádio Clube e serviu para avaliar a noção que têm da voz e da locução e a importância que atribuem à voz no exercício das suas funções, assim como a sua perspectiva sobre o panorama actual da rádio nacional. Em cada uma destas rádios foram entrevistados dois jornalistas e um animador, ou seja, foram realizadas doze entrevistas.

As rádios foram escolhidas tendo como critério o seu carácter nacional, para tornarmos o assunto mais abrangente, já que nas rádios regionais muitas vezes o estilo de trabalho e o registo em termos de voz é diferente daquele que apresentamos na parte

teórica deste trabalho. O facto de termos optado por realizar entrevistas nestas rádios prende-se também com o reconhecimento do público perante as mesmas. São quatro das rádios mais ouvidas, o que nos permite também conjugar o ponto de vista dos profissionais com o dos ouvintes. Para além do carácter nacional escolhemos estas rádios pela sua vertente noticiosa e por serem aquelas que, na nossa opinião, melhor conjugam a animação com os blocos noticiosos.

O método quantitativo traduziu-se em inquéritos aplicados a 100 ouvintes de várias zonas do país, tendo em vista conhecer os seus hábitos de audição e compreender o valor da voz e da locução para quem ouve rádio.

A amostra é do tipo estratificada, uma vez que dividimos os inquiridos por quatro faixas etárias (dos 15 aos 25, dos 25 aos 40, dos 40 aos 60 e com mais de 60 anos de idade) e também os organizamos por zonas do país. Dos 15 aos 25 anos obtivemos 37 inquéritos, dos 25 aos 40 anos 30 inquéritos, dos 40 aos 60 anos 25 inquéritos e com mais de 60 anos oito inquéritos.

Quanto à localização, dividimos os inquiridos por Norte, Centro e Sul, sendo que recolhemos 31 inquéritos no Norte, 42 no Centro e 27 no Sul do país.

Com a divisão por faixas etárias e por zonas do país o nosso objectivo foi uma amostra que representasse a população, no que concerne à audição de rádio. Abrangendo as várias idades e zonas do nosso país, acreditamos poder avaliar a opinião geral dos ouvintes portugueses, ainda que pudéssemos tê-lo feito de uma forma mais aproximada e real se tivéssemos uma amostra maior.

Pretendemos com este trabalho avaliar a importância da voz e da locução na rádio portuguesa actualmente quer na perspectiva dos profissionais, quer na perspectiva dos ouvintes.

**PARTE I**  
**A Voz em Rádio ou como combinar o instrumento**  
**vocal com a escrita e a leitura.**

# **CAPÍTULO I**

## **Breve história da Rádio**

## 1. “The medium is the message”

De forma a estudar a voz e a locução como componentes essenciais do jornalismo radiofónico há que começar pelo início, pelo próprio meio, seguindo o conselho de McLuhan<sup>1</sup>. Trataremos então, inicialmente, a rádio e a sua história. A história daqueles que investigaram e trabalharam para que, através de processos cumulativos, a rádio adquirisse o formato em que hoje a conhecemos.

Para não nos desviarmos do assunto sobre o qual nos debruçamos neste trabalho, expomos apenas um breve resumo do que foi o nascimento e desenvolvimento da rádio ao longo dos tempos.

A rádio propriamente dita surgiu no espaço entre as duas grandes guerras, mas para a sua afirmação enquanto meio de comunicação ser possível, foram necessárias várias invenções e aperfeiçoamentos técnicos.

O nascimento da telegrafia sem fios, invenção essencial para o despoletar do processo que deu origem à rádio, data do século XIX, com a demonstração da existência das ondas electromagnéticas em 1864 pela mão de James Clerck Maxwell, um professor de física experimental britânico. O alemão Henrich Hertz também se interessou pelo tema, e deu o nome às ondas que deram início à propagação radiofónica – as ondas hertzianas.

Guglielmo Marconi, físico italiano, teve um papel fundamental no desenvolvimento da rádio. É considerado o inventor do primeiro sistema prático de telegrafia sem fios, o inventor da rádio. Aprofundou as descobertas de Maxwell e Hertz e em 1886 demonstrou a utilidade dos seus aparelhos em Inglaterra. Em 1899 conseguiu transmitir código Morse através do canal da Mancha, e anos mais tarde emitiu em Inglaterra a letra S do código Morse por sinais radiotelegráficos.

Recebeu o Prémio Nobel da Física em 1909 com Karel Ferdinand Braun, um galardão atribuído pelo seu contributo para o desenvolvimento do telégrafo sem fios. Porém, em 1943, foi acusado de ter mentido quando disse que nunca leu as patentes de Nikolas Tesla, supostamente o verdadeiro inventor da rádio. Esta acusação acabou por

---

<sup>1</sup> McLuhan, Marshall, *Understanding Media*, 1964, p.91

não se confirmar uma vez que Tesla já havia falecido. O facto é que antes de Marconi ninguém tinha tido a ideia de usar as ondas hertzianas para comunicar. A Rádio iniciava a sua função de transmitir mensagens. Marconi fundou a primeira companhia de rádio em Londres e aí se iniciou a industrialização dos equipamentos. Marconi não pensava ainda na voz humana como um instrumento viável, já que o que se transmitia deixaria de ser confidencial se todos entendessem o que se estava a dizer.

O padre e cientista brasileiro Roberto Landell de Moura construiu vários aparelhos de telegrafia com e sem fios também no século XIX.

Em 1897 surgiu outra invenção importante, o circuito eléctrico sintonizado. Oliver Lodge introduziu assim a possibilidade de mudar de frequência.

As primeiras transmissões de rádio ligam-se, entre outros, a Reginald A. Fessenden, inventor canadiano, conhecido pelo seu trabalho nos primórdios da rádio e por ter trabalhado para Thomas Edison. Na noite de Natal de 1906 transmitiu o seu primeiro programa, utilizando um telefone sem fios que ele próprio concebeu. Nesta transmissão Fessenden tocou no violino a música *Holy Night* e ler uma passagem da Bíblia. Na noite de 31 de Dezembro do mesmo ano, transmitiu um segundo programa. As transmissões foram feitas desde Brent Rock para operadores de rádio de navios ao longo da costa do atlântico. Chamam-se a estas as primeiras difusões de rádio porque mais do que uma pessoa as ouviu e Fessenden avisou previamente que estas iam acontecer.

Charles Herrold é também considerado por muitos o pai da radiodifusão. Herrold era um pioneiro da electrónica e foi o primeiro a transmitir rádio para uma audiência num horário regular, sendo que as emissões eram previamente anunciadas. Em 1910 publicou na revista da Electro-Importing Company a confirmação de que difundiu através do telefone sem fios concertos para homens em Santa Clara Valley. Em 1921 recebeu a licença para a rádio KQW, que mais tarde, em 1949 passaria a KCBS.

O físico norte-americano Lee de Forest, que desenvolveu a válvula tríodo, é considerado um dos nomes essenciais no desenvolvimento da rádio. Fez demonstrações do telefone sem fios na frota da marinha. Aí transmitiu música através de um fonógrafo para algumas estações costeiras, entre elas a de Nova Iorque. Transmitiu também alguma música e óperas para ouvintes. Lee de Forest foi dos primeiros a pensar na rádio

como forma de expandir entretenimento e cultura. O físico instalou, em 1916, a primeira estação-estúdio em Nova Iorque. Foi nessa altura que se deu o primeiro programa de rádio conhecido. Esse programa continha música, gravações e conferências. Também nessa época surge a primeira amostra de rádiojornalismo, quando se transmitiram os resultados eleitorais para a presidência dos Estados Unidos da América. Começava assim a Era da Rádio, que vigorou desde 1919. Com a chegada do microfone, pela mão da Westinghouse, a rádio transformou-se completamente. O microfone surgiu porque engenheiros da Westinghouse ampliaram os recursos do bocal do telefone. Foi também a Westinghouse que fez aparecer a própria radiodifusão, quando a Primeira Guerra Mundial chegou ao fim e sobraram vários aparelhos de rádio produzidos pela companhia de electricidade. A Westinghouse decidiu colocar uma antena de rádio no exterior da fábrica de modo a permitir aos habitantes do bairro desfrutar de música. Os restantes aparelhos começaram então a ser vendidos.

A Era da Rádio ficou assim conhecida devido à rápida ascensão e crescimento do número de emissoras de rádio nos Estados Unidos da América. Existiam apenas quatro emissoras em 1921, mas no final de 1922 o número de emissoras era já de 382!

O potencial da rádio ficou provado de várias formas. A Primeira Guerra Mundial teve um papel crucial neste domínio e ironicamente serviu de apaziguadora no que concerne à luta pelas patentes das invenções que conduziram à rádio. Na verdade, os governos americano e britânico aproveitaram para se apoderar das patentes e usar a rádio para fins estadistas.

Também o naufrágio do Titanic e o uso da rádio na guerra entre os russos e os japoneses chamaram a atenção para as potencialidades da utilização dos aparelhos no alto-mar. Depois da declaração de guerra em 1917, a marinha americana tomou conta das estações sem fios por todos os Estados Unidos da América.

Em 1920, começam as primeiras emissões regulares com a rádio norte-americana KDKA de Pittsburg.

Nos anos 30 a rádio enfrentou alguns problemas, nomeadamente a rivalidade com a imprensa, que, com o desenvolvimento da rádio se sentiu ameaçada e iniciou uma luta contra o meio recentemente desenvolvido. Para assegurar o seu lugar na liderança das comunicações a imprensa obrigou as agências noticiosas a escolher entre

um meio e outro. No entanto, à medida que o tempo foi passando, a imprensa começou a aperceber-se que os dois meios podiam coexistir e que a rádio até era uma ajuda, uma vez que quando a rádio emitia notícias importantes mais jornais eram vendidos.

Com o tempo a rádio foi ganhando estatuto e fidelizando cada vez mais ouvintes, o que despertou o interesse dos anunciantes publicitários, que começaram a introduzir as suas publicidades na rádio, facto este que se traduziu em mais disponibilidade económica por parte da rádio para avanços técnicos e afirmação no mercado.

Com este grande desenvolvimento e com o aparecimento de várias rádios, nasceu a noção de concorrência em rádio. Todas queriam ganhar o ouvinte, sendo necessária uma grande dose de criatividade, imaginação e originalidade. A publicidade desempenhou um papel de relevo nesta luta pelo ouvinte.

A rádio começava a ganhar poder sobre as pessoas, a ser um meio respeitado, Que melhor prova do poder da rádio que o sobejamente conhecido episódio de *A Guerra dos Mundos*, protagonizado por Orson Welles? Ao interpretar uma adaptação da obra de H.G. Wells na rádio norte-americana CBS em Outubro de 1938, Welles fez os ouvintes, que não sabiam que de uma interpretação se tratava, acreditarem que os extraterrestres haviam chegado para a dominação total da terra. Esta emissão espalhou o pânico por todo o território dos EUA.

Porém, apesar desta fase de poder e prosperidade, os problemas não tinham acabado para a rádio. Com o aparecimento e desenvolvimento da televisão anos mais tarde, a rádio enfrentou uma concorrência muito mais feroz que a da imprensa. A televisão não só ofertava o som, como também a novidade das imagens em movimento. O “ver para crer” ganhava um novo fôlego. A televisão tinha a mesma programação da rádio, mas com imagem, o que lhe dava uma grande vantagem junto dos consumidores. Esta desvantagem da rádio face às potencialidades da televisão está presente até aos dias de hoje, embora os meios de comunicação consigam subsistir cada um à sua maneira.

Hoje em dia há quem defenda que a rádio está em crise, que não consegue acompanhar a televisão. Mas há autores como Ivan Tenório (2008), que proclamam a nova rádio, uma afirmação do meio de comunicação com a ajuda das novas tecnologias. Tenório fala numa nova época de ouro da rádio. Este potencial fenómeno a registar-se

num futuro próximo, ficará a dever-se à introdução de novos elementos no mundo da rádio como são os novos veículos de transmissão mp3 e *iPod* e as novas tecnologias como o *pod-cast* e o *streaming*.

Para Ivan Tenório (2008)<sup>2</sup>, a rádio está a reinventar-se com as novas tecnologias. É uma rádio moderna, personalizada e inteligente, que apesar de todas as modificações trazidas pelo futuro, manterá a sua essência e magia, a perspectivada por este autor.

---

<sup>2</sup> Tenório, Ivan, *La Nueva Rádio – Manual completo del radiofonista moderno*, Marcombo, Barcelona, 2008.

## **CAPÍTULO II**

### **Escrever para Dizer**

## 1. Antes de Escrever para Dizer

Para que não haja falhas de comunicação, quem escreve para rádio (e quem lê em rádio, mas isso é um assunto que será abordado mais adiante) deve estar completamente ciente do que é comunicar e das regras básicas de comunicação.

A comunicação é o processo em que se compartilha um mesmo objecto de consciência: exprime a relação entre consciências<sup>3</sup>. É disso que quem escreve para rádio deve estar plenamente consciente. É sobre isso que João Paulo Guerra, no seu artigo *Assim como quem fala*<sup>4</sup>, se debruça. Segundo o autor, a linguagem da rádio deve ser antes de mais nada linguagem. Deve seguir as regras da comunicação, ter em conta as disciplinas comunicacionais.

A primeira coisa, isto indo mesmo à origem da questão, que devemos ter em conta é o signo, Devemos atentar no facto de os humanos não serem meros cães de Pavlov<sup>5</sup>, mas também terem reacção a algo que significa outra coisa<sup>6</sup>.

As primeiras teorias que devemos lembrar são a Semiologia de Ferdinand de Saussure, ciência que estuda os sistemas de signos, como são a linguagem e os códigos, e a Semiótica de Charles Pierce. A Semiótica é, tal como a Semiologia, uma teoria geral dos signos. Só que a Semiótica centra-se na função lógica dos signos, enquanto que a Semiologia foca a atenção na sua função social.

A linguística ou estudo da língua, e a Semântica, que estuda o significado dos significantes linguísticos são também essenciais quando falamos de comunicação e de saber comunicar.

Existem outras teorias como a Semasiologia e a Nomasiologia que também estudam aspectos directamente relacionados com a comunicação. A Semasiologia estuda o sentido das palavras e a Nomasiologia o sentido dos nomes. É claro que quem

---

<sup>3</sup> *Fundamentos de Comunicação*, Joaquim Caetano, Ana Cristina Monteiro, Humberto Marques, João Lourenço, Edições Sílabo, Lisboa, 2006

<sup>4</sup> *Colóquios sobre Rádio*, Sociedade Portuguesa de Autores, Publicações D. Quixote, Lisboa 1996

<sup>5</sup> Ivan Petrovich Pavlov, Nobel da Fisiologia ou Medicina pelo seu estudo sobre os reflexos condicionados nos cães. O natural é os cães salivarem por comida, mas Pavlov provou que podem salivar pelo estímulo-resposta. Associou campainhas de porta à comida e os cães começaram a salivar perante as campainhas, mesmo na ausência de comida.

<sup>6</sup> *Aliquid stat pro aliquo*, algo que está por algo, definição clássica de signo.

escreve para rádio não tem obrigatoriamente que se pôr a estudar todas estas disciplinas, mas o seu conhecimento permite uma maior consciência da escrita.

Para obter essa maior consciência é necessário ter em mente que a comunicação tem vários componentes, sendo estes a fonte, o emissor, o canal, a mensagem e o destinatário.

No jornalismo radiofónico por exemplo, a fonte é o sítio onde vamos buscar a notícia, o emissor é o jornalista, o canal todos os elementos técnicos que permitem que ouçamos rádio, a mensagem a própria notícia, e o receptor ou o destinatário, o ouvinte.

O linguista russo Roman Jakobson teorizou acerca das funções linguísticas, que se podem misturar numa mesma mensagem.

A função referencial, mais própria do jornalismo, trata da relação entre a mensagem e o objecto a que esta se refere. É despojada de artifícios de linguagem como por exemplo os advérbios de modo e os adjetivos.

Uma outra função distinguida por Jakobson é a função emotiva ou expressiva. Esta função exprime as emoções do emissor e trata da relação entre a mensagem e o referente.

Já a função conativa é a função apelativa que pretende provocar uma reacção no receptor.

A função poética ou estética está ligada à criatividade e à arte. É a função onde a mensagem se relaciona com ela própria.

A manutenção da comunicação é feita pela função fática. Esta função inicia, dá continuidade ou pára a comunicação.

Por fim a função metalinguística centra-se nos signos que o destinatário pode não compreender e ajuda a estabelecer o seu sentido.

Ainda na essência da comunicação devemos atentar no facto dos signos terem um significante e um significado. Os princípios da comunicação segundo os autores de *Fundamentos da Comunicação*, dizem-nos que cada significado tem um significante. Mas que nem sempre é assim, por vezes os signos são abertos e existe a possibilidade de a um significante corresponderem vários significados e vice-versa. Daí surge a problemática da denotação e da conotação. A denotação é o que o signo realmente é. A conotação agrega uma série de ideias subjectivas sobre aquele mesmo signo.

A comunicação em rádio deve ter presente todas estas teorias sobre o signo e a linguagem, uma vez que o meio tem características muito próprias.

Essencialmente, devemos ter em conta o facto de em rádio as imagens acústicas ou significantes corresponderem a significados. Aqui é necessário atentar na linearidade destas imagens acústicas ou significantes que foi explorada por Saussure e apresentada por António Fidalgo (1998) em *Semiótica, A Lógica da Comunicação*.<sup>7</sup> O significante é auditivo e apresenta-se numa linha temporal. Por terem apenas uma natureza acústica e auditiva, por oposição aos signos visuais que nos apresentam simultaneamente o significado (ex: sinais de trânsito<sup>8</sup>), os significantes são transmitidos uns a seguir aos outros numa linha de tempo e cabe aos receptores decifrar os seus significados. Esta questão é de grande pertinência em rádio, na medida em que o significante, ou seja, a palavra escrita que é transmitida através da voz, deve ser o mais clara e precisa possível, já que o ouvinte não tem o suporte visual para o ajudar a perceber o significado que pretendemos transmitir.

Lembremos também a possibilidade de um significante conter vários significados. Em rádio, tendo em conta a quantidade de significados que uma mesma palavra ou frase pode ter, devemos optar por deixar os termos ambíguos de parte, de forma a que o que dizemos e queremos transmitir seja o mesmo que o ouvinte ouve e percebe.

É por esta razão que é tão importante a forma de escrever os textos que se levam ao microfone. É essencial escolher bem as palavras e ter em atenção a forma como se constroem as frases.

---

<sup>7</sup> Fidalgo, António, *Semiótica, a Lógica da Comunicação*, Estudos em Comunicação, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 1998.

<sup>8</sup> Idem

## 2. Escrever para Dizer

Depois de conhecermos um pouco da história da rádio e os fundamentos básicos da sua comunicação, centramo-nos naquele que é o objectivo principal deste trabalho: o papel da voz e da locução em rádio, mais especificamente no jornalismo radiofónico.

Ao contrário do que é por vezes pensado pelos ouvintes, o que se diz em rádio não é fruto de puro improviso. Não queremos com isto dizer que a rádio não seja em grande parte oral. Como afirma João Paulo Meneses (2003) no livro de estilo da TSF,

*A Rádio é – como desejo – oralidade, mas a oralidade pura, em rádio, não existe.*<sup>9</sup>

Para dizer é preciso escrever, e a escrita torna-se indispensável se falarmos em jornalismo de rádio. Mas mesmo nos programas de rádio, mais espontâneos que os boletins informativos, é importante ter um guião, um suporte escrito, quer se siga à risca, parcialmente, quer se use apenas como rede de segurança.

Ortiz e Marchamalo (1994) frisam, na sua obra *Técnicas de Comunicación en Rádio – La Realización Radiofónica*, a importância da clareza e concisão do discurso radiofónico. A oralidade assume um papel muito importante na construção dos guiões. Segundo estes autores a escrita radiofónica deve basear-se na linguagem falada, ainda que com as devidas adaptações e correcções. O objectivo deste ponto de partida na oralidade é a compreensão do texto pelo ouvinte. Com esse propósito Ortiz e Marchamalo descortinam as regras mais básicas da construção de um discurso radiofónico. Frases curtas, sem explicações desnecessárias, compostas quase sempre por sujeito, verbo e predicado, nesta ordem. Mais, de acordo com os autores, iria confundir e fazer com que o ouvinte se desligasse mentalmente da emissão.

Ortiz e Marchamalo defendem um meio-termo na linguagem utilizada em rádio. Nem muito formal, nem demasiado simples. Uma linguagem simples, mas cuidada.

---

<sup>9</sup> Meneses, João Paulo, *Tudo o que se passa na TSF – ...para um “livro de estilo”*, Jornal de Notícias, Porto, Junho de 2003.

João Paulo Meneses (2003) concorda com esta simplicidade e concisão, mas também considera que se deve manter a riqueza vernacular da língua. A escrita deve ser criativa, deve surpreender e deliciar o ouvinte, sem ser demasiado livre e sem ser demasiado aborrecida.

Ivan Tubau, em *Periodismo Oral – hablar y escribir para rádio e televisión* (1994), afirma que *escrever para quem ouve é escrever como quem fala*<sup>10</sup> e que esta não é uma tarefa fácil. A tarefa de escrever para dizer torna-se complicada no ponto em que o que é dito não deve parecer escrito e quem ouve rádio deve ouvir falar e não ouvir ler. Tubau reforça a importância de pensar muito bem no que se vai escrever, da escolha cuidadosa e criteriosa das palavras, para que ouvinte nunca se sinta confuso nem à parte. É necessário que o ouvinte entenda o discurso, sem lugar para interpretações.

Quem partilha desta opinião é João Paulo Meneses, que em *Tudo o que se passa na TSF* (2003) atribui grande relevância à forma como se escreve em rádio. Para Meneses, a linguagem deve ser a mais simples e directa possível, sem, no entanto, se banalizar, sem perder a riqueza e variedade da língua. Contudo, também para o autor, a escrita oralizada é fruto de muito trabalho, porque tal como o próprio indica, é extremamente difícil transformar um discurso oral num escrito.

Esta dificuldade em transpor o oral para escrito prende-se com as características da rádio. É difícil prender um ouvinte, muito mais que um telespectador e um leitor. Pedro Barea e Roberto Montalvillo, em *Radio: Redaccion y Guiones* (1992), defendem esta ideia e apresentam as características da rádio. A rádio tem um carácter linear, o que torna a tarefa de prender o ouvinte delicada. O ouvinte de rádio não pode voltar atrás para ouvir aquilo a que não prestou atenção ou que não compreendeu, não pode saltar partes menos interessantes para si. Os autores focam também a irreversibilidade da rádio. Na rádio não há o voltar atrás, nem o suporte que a imprensa oferece. É portanto necessário ser o mais claro possível e escolher bem as palavras a usar. Barea e Montalvillo (1992), tal como Tubau (1994) consideram que quem escreve para rádio deve ser altamente selectivo e criterioso no que concerne aos termos usados. É imperativo eleger a melhor palavra, aquela que mais se adequa à mensagem que

---

<sup>10</sup> Tubau, Iván, *Periodismo Oral – Hablar y escribir para radio y television*, Ediciones Paidós Ibérica, Barcelona, 1994.

queremos passar, de modo a não deixar margem para dúvidas no ouvinte, nem dar azo a interpretações. O que é escrito e dito deve ser fiel à mensagem original. O mais cru possível, sem ser pobre em termos lexicais.

Ortiz e Marchamallo (1994) criticam a escrita utilizada em rádio, nomeadamente o uso de lugares comuns, as expressões que não se adequam e o uso de termos estrangeiros em demasia. Para os autores, este tipo de escrita perturba o fio condutor de uma emissão ou bloco informativo porque confunde o ouvinte. E o ouvinte é o elemento principal, aquele a quem devemos informar, animar ou simplesmente fazer companhia. E por conseguinte é essencial que ele não se afaste de nós e que o mantenhamos connosco através de um discurso perceptível, directo e simples, sem artifícios da linguagem.

Meneses (2003) afirma que o mais completo profissional de jornalismo radiofónico seria o que conseguisse escrever uma boa notícia em termos técnicos e que conseguisse simultaneamente escrevê-la como se de uma conversa oral se tratasse.

Mas de que conversa falamos? De uma qualquer, que temos com amigos? Sem preocupações gramaticais? Evidente que não. Não devemos levar a oralidade ao extremo. O oposto também não é aconselhável, ou seja, podemos pôr de parte as nossas aspirações literárias e o nosso desejo de provar que somos eruditos. Na escrita para rádio o facto de escrevermos bem, literariamente falando, não é importante, porque os recursos estilísticos só confundem a mensagem que tem que ser clara e directa. Não há tempo para interpretar, para duplos sentidos ou significados profundos.

Segundo Meneses, em rádio devemos procurar *a essência da comunicação, mas escrevendo*<sup>11</sup>. E esta tarefa torna-se complicada porque o ouvinte não deve perceber que estamos a ler e porque é difícil passar do registo oral, com características muito próprias, para o papel.

Meneses define uma *linguagem média*, que nem é demasiado oral, nem demasiado escrita. É, como o próprio nome indica, um meio-termo, entre uma linguagem muito informal, com utilização de calão, e uma linguagem completamente formal, cheia de artifícios próprios da literatura erudita.

---

<sup>11</sup> Meneses, João Paulo, *Tudo o que se passa na TSF...Para um "livro de estilo"*, Porto, Jornal de Notícias, Junho de 2003.

A *linguagem média* é, segundo João Paulo Meneses, aquela que, por exemplo, pais e filhos ou marido e mulher utilizam: informal, sem ser despojada de regras gramaticais e lexicalmente pobre, e formal, sem ser artificial. É uma linguagem natural, oral, sem ser banal:

*Sendo um dos diversos níveis de socialização que a nossa oralidade permite, a 'linguagem média' resulta de uma ponderação (inconsciente) de dois extremos: um determinado grau de à-vontade suficiente para estarmos descontraídos, mas sem excessos ou formalismos.*<sup>12</sup>

Fácil em teoria, esta linguagem média é difícil de alcançar na prática, uma vez que estamos programados para escrever bem, que se espera que usemos todas as potencialidades da nossa língua. Na escola, desde que a começamos a frequentar, somos valorizados por usarmos palavras *caras*, advérbios de modo, recursos estilísticos, frases longas com informações secundárias entre vírgulas...O que se procura em rádio é o oposto: uma linguagem despojada de artifícios, o mais oral possível, sem cair numa oralidade demasiado descontraída.

Meneses aconselha que se faça um teste quando se escreve um texto para rádio. Analisar cuidadosamente as palavras que se dizem e pensar “*eu diria isto na minha linguagem média? Eu formulava a frase assim, na conversa com o meu pai?*”. Ainda que não seja infalível, este método é de grande utilidade.

João Paulo Meneses critica os teóricos da escrita radiofónica que consideram que é necessário abolir palavras como “*mas*”, “*portanto*” e “*ou seja*”, com vista a simplificar o mais possível o texto. O que Meneses defende que deve ser retirado do vocabulário radiofónico são as expressões próprias da imprensa, e portanto nada orais, como “*de registar que*”, “*conforme*” e “*segundo*”. Meneses define estas palavras como sendo “*muletas*”, que em nada ajudam na compreensão do texto e que o separam da oralidade que procuramos atingir.

---

<sup>12</sup> Meneses, João Paulo, *Tudo o que se passa na TSF –...para um “livro de estilo”*, Jornal de Notícias, Porto, Junho de 2003.

Escrever para rádio não é o mesmo que escrever para imprensa escrita ou escrever um livro. Em rádio existe a primazia da oralidade. O que se escreve é para ser dito e principalmente para ser ouvido. A linguagem deve ser oralizada. E é isso que torna o trabalho mais complicado. Não é tarefa fácil passar de uma linguagem escrita para uma linguagem com características orais. É um dos casos em que se torna complexo ser-se simples. Porque é disso que se trata: ser simples. O que se escreve para rádio deve, como escreve Ivan Tubau (1994), parecer dito e não memorizado. Deve parecer verdadeiro e espontâneo, não ensaiado. Tubau dá alguns exemplos do que urge fazer quando se escreve qualquer texto para ser ouvido. Segundo o autor para escrever como se fala é necessário repetir mais que uma vez a mesma ideia, usar muita pontuação, usar palavras correntes e nunca rebuscadas, mas sobretudo pôr-se no papel de ouvinte.

Para assinalar as pausas, Tubau sugere a utilização de barras diagonais: apenas uma se se tratar de uma pausa pequena e duas para as pausas mais acentuadas. Esta é uma das formas de facilitar a leitura de um texto em rádio. Se as pausas não estiverem bem demarcadas, o mais certo é que o leitor se confunda e, por consequência, confunda o ouvinte.

Barea e Montalvillo (1992) salientam também a relevância do destinatário. Conhecer as suas características é saber para quem se escreve, para quem se fala.

Segundo os autores, o destinatário da mensagem, o ouvinte, tem tendência para a fácil dispersão, é preciso segurá-lo, agarrá-lo pelo ouvido, para que não desligue a rádio ou mude de estação. Para além de tendencialmente disperso, o público radiofónico é heterogéneo. A heterogeneidade é a razão pela qual quem escreve para dizer deve pensar que não está a escrever para si mesmo, mas para um grupo de ampla diversidade cultural e social, com experiências e nível de compreensão distintos. O discurso radiofónico deve ser construído de modo que todos o entendam.

Ortiz e Marchamallo (1994) defendem também uma escrita orientada para o ouvinte com a utilização de frases apelativas que suscitem emoções, para que a atenção do ouvinte seja conquistada pelo sentimento.

Deve então escrever-se tudo o que se vai dizer? Apenas as linhas essenciais? Qual o papel reservado para improviso e que vantagens e desvantagens traz ter um suporte escrito?

O guião radiofónico tem sido alvo de vários estudos, e os autores não estão de acordo quanto ao papel que este deve assumir na emissão de rádio.

Miguel Ángel Ortiz e Jesus Marchamalo (1994) consideram o guião o suporte principal para um programa de rádio. Deve conter todas as informações sobre o programa, os conteúdos e os suportes sonoros, assim como as relações que os ligam.

Todavia, para José Javier Muñoz e César Gil, o guião deve ser ainda mais completo, discriminando toda a narração do programa por ordem, atentando sobretudo nas características do meio.

A opinião de Robert Mcleish (2001) é mais próxima da de Miguel Ángel Ortiz e Jesus Marchamalo. Para o autor, o guião funciona como uma rede de segurança, um sítio onde nos apoiamos se a memória falhar, um fio condutor, deixando assim uma porta aberta ao improviso.

Barea e Montalvillo (1992) focam a sua atenção nos ouvintes, afirmando que o objectivo do guião radiofónico é conjugar todos os elementos da linguagem radiofónica de modo a provocar certos efeitos em quem escuta o programa.

Segundo Miguel Ángel Ortiz e Jesus Marchamalo (1994), não é possível fixar um guião-tipo, ou estabelecer regras para a construção de um guião, já que cada programa tem um tipo de guião distinto, afectado pelo cunho pessoal dos seus escritores. Por exemplo, um guião de um programa em directo é apenas um esquema e deixa muito espaço para o improviso.

Os autores distinguem algumas características que toda a escrita para programas de rádio deve ter. Primeiramente, o guião deve dizer da forma mais precisa possível o que se quer fazer. Também deve ser de fácil interpretação e compreensão por todos os que participam na gravação e emissão. Por fim deve ser fácil de modificar, quer no que concerne aos conteúdos, quer no que concerne à ordem.

Ortiz e Marchamalo apresentam determinadas convenções técnicas que os guiões devem seguir. As indicações técnicas, como o RM<sup>13</sup> que é preciso introduzir ou a música que passa depois do noticiário, separam-se claramente das falas do locutor. Esta separação deve ser bastante visível, através do tamanho de letra diferente, sublinhado e outros aspectos gráficos. As ordens contidas no guião devem ser claras e concisas, devem usar-se abreviaturas e resumir as informações de forma a evitar que os intervenientes se baralhem. O espaço para anotações e comentários deve ser tido em conta nos guiões, já que estes sofrem quase sempre alterações de última hora. As ordens técnicas que se referem a suportes ou fontes sonoras diferentes devem ser separadas em linhas diferentes para não gerar confusão. Nos textos do locutor não se deve cortar as frases a meio porque tal (des)organização do texto provoca confusão no locutor e por consequência, confusão no ouvinte.

De facto escrever para rádio é escrever para o ouvinte, pois o que se escreve tem que ser compreendido por quem ouve. É necessário que o ouvinte perceba a mensagem no momento, porque não a pode voltar a receber como acontece na imprensa escrita. Se não percebermos algo num jornal, podemos reler o artigo, ir ao dicionário ou mostrar a alguém mais entendido na matéria que nós. Na rádio não. Mesmo com o recente desenvolvimento do *pod-cast*, que permite guardar no computador uma emissão e ouvi-la quando tivermos tempo, não é a mesma coisa. A essência da rádio está na continuidade, no momento.

Mcleish (2001) considera que a forma correcta e adequada de escrever para rádio é empregando frases curtas, directas, que não dêem azo a interpretações. Estas frases devem estar escritas de forma a serem de simples absorção pelos olhos e a poderem ser ditas num único fôlego.

Iván Tenório, na obra *La nueva Radio – Manual completo del radiofonista moderno* (2008), apresenta a classificação dos guiões radiofónicos segundo o seu conteúdo, estrutura e formato. Segundo o conteúdo, o guião pode ser técnico, literário, ou técnico-literário. O primeiro contempla todas as ordens técnicas de uma emissão,

---

<sup>13</sup> Registo Magnético, nome dado aos sons gravados em rádio, como por exemplo uma entrevista para uma peça. Hoje em dia já não existem RM'S, mas sim RD'S (registos digitais), embora se continue a usar o termo no meio radiofónico.

como os intervenientes, o genérico, os jingles, etc. Já o literário foca-se no que o locutor vai dizer, na forma como vai dizer e nas anotações de introdução de música e certos efeitos. Pode ainda contemplar indicações sobre o tom, estilo e ritmo de interpretação, se o locutor o achar conveniente. Quando à estrutura, Tenório distingue dois tipos de guião, O americano, no qual os textos estão escritos apenas numa coluna e onde há separação das ordens técnicas e do texto do locutor e o europeu, que é composto por duas colunas no mínimo. A coluna esquerda serve para as ordens e anotações técnicas e a direita para o locutor, para o seu texto e outras anotações que considerar pertinentes. Tenório apresenta ainda os guiões abertos e fechados, que distingue tendo em conta o formato. O guião aberto é aquele que está sujeito a alterações conforme o desenvolvimento da emissão. Já o guião fechado não permite modificações. Tenório dá o exemplo das novelas de rádio.

Este autor deixa em aberto outros possíveis tipos de guião, dependendo do tipo de emissão, que seriam o resultado de combinações entre os tipos atrás mencionados.

Mas há sempre fugas ao guião, comentários e notas que não estão escritos, que os jornalistas e principalmente os locutores ou animadores utilizam para quebrar a rotina, para dar o seu cunho pessoal à emissão. Estas escapatórias podem ser perigosas se em demasia, mas são parte da natureza da rádio, do seu imediatismo.

João Paulo Meneses (2003) dedica um ponto do livro de estio da TSF ao improviso, tema que, segundo o autor, daria para todo um livro. Meneses considera o improviso uma opção arriscada, que pode prejudicar uma emissão. Para o autor o improviso mais adequado em rádio é o que está registado e antecipado. Quer Meneses com isto dizer, que em rádio não há, ou não devia haver, improviso em forma pura. É portanto necessário procurar a oralidade, mas não oralidade pura, sem vestígios da influência escrita. O que se pretende em rádio é uma oralidade fabricada, sempre suportada com um guião. Para que o que se diz não pareça lido, João Paulo Meneses aconselha que o suporte escrito seja lido de uma forma *falada* e que seja usada uma linguagem simples e directa, que se ponham de parte os artifícios da linguagem escrita, que denunciaram a escrita prévia do que se está a dizer. O ouvinte não deve aperceber-se desta produção de uma oralidade parcialmente real. Em teoria a rádio é oral.

Meneses distingue então dois tipos de improviso: o puro e o pensado, que está mais próximo daquele que deve acontecer na rádio, de uma oralidade fabricada. O autor distingue ainda três situações em que o improviso tem mesmo que acontecer. A primeira é a emissão em directo prolongada em que não há possibilidade de escrever tudo. Meneses dá o exemplo de um jogo de futebol, onde o imprevisto domina e é impossível prever a ordem dos acontecimentos. A segunda situação em que o improviso é incontornável é o bloco informativo que recebe uma notícia de última hora, a qual já não é possível tratar. Por último, Meneses fala dos problemas técnicos e falhas que podem surgir durante uma emissão e que obrigam ao improviso. Mas mesmo nestas situações, o autor defende que se pode e deve prever minimamente o que irá acontecer. No jogo de futebol há mais ou menos um padrão, informações que independentemente do resultado podem ser partilhadas com os ouvintes e as falhas técnicas e notícias de última hora devem ser tomadas com eventualidades possíveis. Isto leva-nos a concluir que o improviso, embora de certa forma rejeitado pelo autor, deve ser tomado como uma realidade iminente, ou seja, os acidentes, falhas e acontecimentos à margem do previsto podem e devem ser preparados, antecipados. Os jornalistas e locutores devem ter presente e treinar o que fazer perante determinada situação, para que nunca fiquem sem rede de segurança. A não preparação dos imprevistos pode levar a gaguejos e silêncios (brancas) desconfortáveis que prejudicam a emissão e retiram credibilidade ao emissor e à rádio empregadora.

Meneses defende então a escrita e leitura de tudo quanto se diz em rádio e tolera o uso de tópicos, que considera semi-improviso.

Para o autor, embora não seja necessário impor um tipo de escrita igual para todos os radialistas, já que cada um é que sabe qual a melhor forma para conseguir ler o texto sem se atrapalhar, há alguns passos que se podem dar para facilitar a leitura.

Passamos a enunciar alguns:

“

- Usar duplo espaço para separar as linhas e triplo para marcar os parágrafos;
- Nunca cortar a meio palavras ou números no final da linha (porque isso vai provocar pausas artificiais);

- Não encher a folha com uma mancha muito carregada de texto (“deixar respirar os olhos...”) nem, no caso de escrever à mão, usar as costas papel;
- Nunca cortar palavras, frases ou parágrafos no final da página (mais pausas artificiais e desorganização mental);
- (...)
- Palavras difíceis de pronunciar devem ser sublinhadas ou de alguma forma destacadas (“multilateralismo”);
- (...)
- As interrogações são difíceis de entoar e por vezes mesmo desagradáveis, para quando não há alternativa, os espanhóis têm um belo hábito: colocar o sinal de pergunta também no início da frase, para levar a modulação da voz no tom certo desde o princípio (porque a interrogação não deve ser feita apenas na última palavra).”<sup>14</sup>

Andrew Boyd (2001) aconselha quem escreve o texto a assinalar com letra maiúscula ou a sublinhar as palavras às quais queremos dar mais ênfase, que são habitualmente as palavras-chave ou as descrições. Boyd revela que a maior parte dos jornalistas ou animadores prefere o sublinhado às maiúsculas. Como sabemos quais as palavras às quais devemos dar uma maior ênfase? Lendo o texto em voz alta. Mais uma vez o reforço da preparação da emissão. A falsa instantaneidade, a pseudo-oralidade pura.

Assim como Meneses (2003), também Andrew Boyd (2001) defende a inclusão de tudo no guião. A emissão deve estar meticulosamente preparada e todas as anotações contidas em papel, de modo a evitar possíveis enganos. A melhor forma de prevenir uma eventual catástrofe, Boyd aconselha a escrita de tudo o que se vai dizer, marcando os anúncios horários. Até o simples facto de dizer a hora deve ser minuciosamente considerado. Boyd afirma que uma frase tão simples como *faltam treze minutos para as três* pode resultar em desastre se não for preparada e há por isso relógios especiais para

---

<sup>14</sup> Meneses, João Paulo, *Tudo o que se passa na TSF –...para um “livro de estilo”*, Jornal de Notícias, Porto, Junho de 2003.

animadores, que apresentam a hora tal qual ela deve ser dita. Embora estes relógios tenham um preço elevado, existem muitos animadores que não prescindem deles.

Em suma, de forma a que o ouvinte nos entenda e compreenda o que estamos a dizer é necessário que estejamos a ler um texto bem escrito e preparado, para não correremos o risco de cometer erros de leitura e dicção que podem arruinar a emissão. As palavras a introduzir no texto e a forma como este é escrito devem ser fruto de uma profunda análise: será que o ouvinte vai conseguir perceber a frase se estiver escrita deste modo? Será que conseguirá decifrar o significado? Esta palavra é de fácil compreensão? Não tem duplo significado? É importante ter em conta estas e outras questões antes de levar um texto ao microfone. A escrita deve ser o mais clara possível, sem deixar espaço para interpretações.

Para além de escrever para o ouvinte o animador/jornalista tem antes de mais de escrever para si próprio, isto é, escrever um texto com o qual se sinta confortável, que possa ler sem se enganar ou perder. Aqui reside o âmago da escrita para rádio. O profissional deve combinar uma escrita adequada ao meio com uma escrita que seja fácil de ler sem enganar e que o ouvinte possa entender.

Depois de entender a escrita como elemento fundamental em rádio centramo-nos no seu meio de transmissão: a voz.

## **CAPÍTULO III**

### **A Voz**

## **1. O *logos* ou a importância do discurso e da oralidade na Antiguidade**

A problemática da importância da voz e da forma de falar não é recente. Remonta já à Antiguidade Clássica dos grandes pensadores. A Antiguidade Grega primou pelo ensino oral, pela magia que os filósofos lhe atribuíam.

Um destes homens de grande sabedoria foi Platão, discípulo de Sócrates. Como Sócrates nunca registou as ideias do seu pensamento, Platão encarregou-se de transmitir o seu legado. Em *Fedro*, encontramos um tema de grande relevância para o nosso estudo: a recusa da palavra escrita por Sócrates. Para Sócrates o discípulo devia aprender pela palavra oral, pelo diálogo e não por um manual. A palavra escrita pode ser mal interpretada enquanto que a oral pode sempre ser corrigida. O receptor pode perguntar ao emissor o que quis dizer com certa frase e inquiri-lo sobre o seu sentido.

Em rádio o receptor, ou seja, o ouvinte, não pode responder nem questionar o animador/jornalista. É por isso que a voz deve transportar um discurso claro, sem espaço para interpretações.

Górgias, no seu *Elogio de Helena*, atribui um imenso poder à palavra, ao discurso. O *logos* é para Górgias um impulsionador de sensações e paixões. O discurso pode alegrar, entristecer, comover...Tem uma função hipnotizadora e encantatória.

A voz é um elemento essencial para o discurso falado, pois permite transportar as emoções que pretendemos transmitir e provocar. Já o era na Antiguidade Clássica, na sua épica oralidade. Mas será que a voz e o discurso têm ainda hoje este poder? Que importância é atribuída actualmente à voz, nomeadamente no campo em que este trabalho se insere, o da comunicação radiofónica?

## **2. A voz**

O instrumento de trabalho do jornalista radiofónico é a voz.

Deste e de outros profissionais da rádio e de outras áreas, como são o canto, a representação e o ensino.

Sem a voz, não seriam capazes de passar a sua mensagem, de informar, entreter e ensinar.

De acordo com o Dicionário das Ciências da Comunicação (2000), a voz é *o som produzido pelo ser humano quando faz vibrar as cordas vocais*.<sup>15</sup>

À primeira vista uma definição um pouco redutora, especialmente para quem faz da voz o seu trabalho, mas basta ir um pouco adiante na mesma página do dicionário para nos depararmos com uma definição muito mais abonatória e significativa. A voz é definida como *transmissão da palavra e daquilo que a palavra não consegue transmitir*.<sup>16</sup> Ainda segundo o mesmo dicionário, quem ouve a palavra, em oposição a quem a lê, faz mais do que ouvir o discurso propriamente dito. A audição da palavra é uma porta para o espírito do emissor. Quando ouvimos alguém a proferir palavras conseguimos identificar as emoções que pretende transmitir através da forma que dá à sua voz. Ainda segundo o mesmo dicionário, a voz é possuidora de quatro atributos. A *intensidade* é o atributo que nos permite falar alto, baixo ou moderadamente. A *pronúncia distinta* permite-nos distinguir bem os sons, separar as palavras e fazer as pausas necessárias para que nos possam compreender. Os *tons variados* são um atributo que permite diferenciar as emoções e sentimentos que pretendemos transmitir. Se estamos receosos o nosso tom vai ser mais baixo e vai transmitir o medo que sentimos. Ou se estivermos felizes o nosso tom de voz vai ser mais vivo e entusiástico. Fazemos inflexões de voz de acordo com os nossos sentimentos e a voz é o instrumento que usamos para os transmitir às pessoas com quem comunicamos. O Dicionário das Ciências da Comunicação (2000) distingue ainda o atributo da *expressão irrepreensível* que se prende com o som que atribuímos às sílabas. Damos a cada sílaba o som correspondente segundo a convenção, para que nos façamos entender.

Em *The Gutenberg Galaxy: The Making of Typographic Man*, McLuhan (1962) divide os meios comunicacionais em duas categorias. Os meios quentes e os meios frios.

---

<sup>15</sup> *Dicionário de Ciências da Comunicação*, Isabel Vaz Ponce de Leão, José Esteves, coordenação de Włodzimierz Josetskymaniak, Porto Editora, Porto, 2000

<sup>16</sup> *Idem*

Os meios quentes são aqueles que se dirigem a qualquer receptor e que proporcionam a esse mesmo receptor uma experiência completa. Os meios quentes dão ao receptor uma grande quantidade de informação o que faz com que quem recebe a mensagem, não tenha de se esforçar por entender nem envolver-se completamente nesta comunicação. Este tipo de meios, onde para Mcluhan se incluem a rádio, os livros, a fotografia e a imprensa, são visuais e servem para passar informação discreta.

Já os meios frios distinguem-se dos quentes pela necessidade de participação do receptor e pelo seu necessário envolvimento emocional. Por fornecerem menos informação, fazem com que o ouvinte tenha de participar activamente. Mcluhan inclui nestes meios frios a televisão<sup>17</sup> e o telefone,

A rádio é um meio quente, pela questão da participação, já que podemos realizar outras actividades enquanto ouvimos rádio, como conduzir, estudar, fazer a lida da casa...

Esta descrição de Mcluhan faz-nos atribuir um papel de grande relevância à voz e forma como se fala em rádio, já que, enquanto meio quente, a rádio não exige ao ouvinte que se embrenhe na comunicação, que faça parte dela, o que pode levar a que este se distraia, uma vez que normalmente não está concentrado apenas na audição de rádio. É por conseguinte necessário que a voz seja agradável e apelativa para o ouvinte de forma a que este se prenda à rádio e consiga assim entender a grande quantidade de informação que lhe é fornecida.

Na rádio a voz adquire uma importância extrema, na medida em que é o instrumento pelo qual o ouvinte se prende.

Iván Tubau (1994) defende a utilização da voz com vista a proteger os direitos dos ouvintes, que são, numa primeira instância ouvir e logo de seguida, compreender.

Tubau afirma que todos podemos falar, sejamos gagos, afónicos...Mas para falar em rádio é necessário cumprir certos parâmetros de qualidade elocutiva, de forma a que o ouvinte nos ouça e nos entenda. De modo a podermos concretizar tal fim, precisamos de usar correctamente a nossa voz. A voz é o emissor do processo comunicativo radiofónico e o ouvinte o receptor. Tubau define o aparelho físico que permite que

---

<sup>17</sup> Atente-se no facto de esta televisão de que Mcluhan fala ser a televisão do seu tempo, a de baixa definição.

tenhamos voz. Um aparelho que na verdade são três conjugados, aparelhos estes que se constituem dos órgãos que participam na produção e elaboração dos sons que emitimos.

O primeiro é o aparelho respiratório, do qual fazem parte os pulmões, os brônquios e a traqueia. São estes os órgãos que possibilitam a corrente de ar necessária para a formação da voz.

O segundo aparelho é o fonador, constituído pela laringe. Os órgãos mais importantes para o assunto sobre o qual nos detemos são as cordas vocais. É através delas que a corrente de ar proveniente dos pulmões vibra, dando assim origem à voz.

Por fim o aparelho articulatório, onde estão contemplados os lábios, a língua, os alvéolos e a úvula. Estes órgãos funcionam como uma caixa de ressonância para onde vai a onda acústica que se forma com a vibração das cordas vocais.

Resumindo, para haver voz é necessário corrente de ar, vibração e ressonância.

Tubau define a voz como um som articulado cujos atributos são o tom, o timbre, a quantidade e a intensidade.

Para Tubau, o tom é altura musical e está relacionado com as vibrações das cordas vocais. Mais vibrações significam um tom mais agudo, enquanto que se o número de vibrações for menor o tom de voz vai ser mais grave.

Já o timbre é para o autor mais difícil de explicar e definir. O timbre relaciona-se com a ressonância proveniente das vibrações das cordas vocais. É o que nos permite ter uma voz diferente da das outras pessoas.

A quantidade é o tempo que o som dura. Segundo Tubau, há dois tipos de quantidade quando falamos de voz: a absoluta e a relativa. A quantidade absoluta prende-se com alguns condicionalismos como são as características vocais do seu emissor, assim como a sua idade e personalidade e também com a emoção que se está a sentir quando se transmite o som. Por sua vez, a quantidade relativa relaciona-se com a língua e outros factores.

Por fim, Tubau, define a intensidade, que também pode ser absoluta e relativa. A intensidade é a forma como projectamos a voz, como a lançamos para o exterior. Relaciona-se com a potência do nosso instrumento e também com questões de respiração. Segundo a sua intensidade relativa, Tubau afirma que os sons podem ser fortes ou débeis.

Meneses (2003) atribui também uma extrema importância ao tom e ao timbre, que são os elementos que nos permitem diferenciar uma voz de outra.

O tom é a altura que a voz tem. Assume a forma de grave, agudo e por vezes de intermédio. Meneses explica que o nosso estado de espírito afecta o tom. O autor do livro de estilo da TSF dá o exemplo do nervosismo. Se algo nos está a inquietar o nosso tom vai subir onde não queremos que suba. É portanto crucial que nos sintamos à vontade com o nosso tom, de modo a que não cometamos erros de tonalidade que nos podem custar a não transmissão da mensagem e consequentemente a perda do ouvinte.

Acerca do timbre, Meneses indica que esta qualidade vocal é realmente individual, tem um cunho pessoal.

Quem pode afirmar que já ouviu duas vozes com timbres exactamente iguais? Não parecidos, mas exactamente iguais?

É pelo timbre que reconhecemos este ou aquele cantor numa música, um amigo ao telefone e, centrando-nos no assunto sobre o qual nos debatemos, um animador ou jornalista quando ouvimos rádio.

O timbre é criado pela ressonância e vibração das cordas vocais, que não funciona de igual forma para toda a gente. Este complicado sistema vocal é diferente de pessoa para pessoa e depende de vários factores, não só de carácter físico, mas também psicológico e externo.

João Paulo Meneses (2003) lembra o tempo em que os jornalistas escreviam os textos para os locutores lerem, o mesmo acontecendo na animação. Não existia sequer a palavra animador. A pessoa que escrevia não era a mesma que lia, uma vez que se considerava que a qualidade do instrumento vocal de quem escrevia não era suficientemente boa para ir ao microfone.

O locutor era uma pessoa dotada de uma voz grave, de uma grande força no timbre.

Se estivermos a falar de locutoras, o requisito era uma voz sensual, sem, no entanto, o ser demasiado, para não desviar os ouvintes da mensagem. Todavia, o homem era sempre preferido, pela sua postura séria e autoritária. Durante muitos anos, a rádio foi, como aconteceu também em muitas outras profissões, uma área do sexo masculino.

O locutor era um profissional cuja função era exclusivamente ler os textos que outras pessoas escreviam. Daí a expressão locutor *papagaio*.

Hoje em dia e já há algumas décadas, o locutor desapareceu para dar lugar a jornalistas e animadores que escrevem os seus próprios trabalhos.

Quer isto dizer que toda a gente pode falar em rádio? Segundo João Paulo Meneses...Não.

Meneses afirma que há dois tipos de motivos pelos quais não se pode ir ao microfone.

O primeiro prende-se com questões técnicas, relacionadas com a falta de experiência, preparação e formação adequada, ou seja, má dicção, respiração, pronúncia e entoação. Segundo Meneses, estes impedimentos são contornáveis com muito trabalho e esforço.

Já o segundo motivo pelo qual uma pessoa não pode falar em rádio é bastante mais complicado de corrigir, uma vez que se trata de uma questão física: deficiências ao nível da fala e do instrumento vocal, como a gaguez e outras dislexias fonéticas. Existem exceções de sucesso na correcção destes impedimentos, nas quais os terapeutas da fala e treinadores de voz têm uma grande parte da responsabilidade, mas são, como a própria palavra indica, situações fora do vulgar, da regra e, como afirma João Paulo Meneses, se estas deficiências se notarem numa emissão, o ouvinte será distraído pelo ruído e afastar-se-á da mensagem que se pretende transmitir.

Ortiz e Marchamallo (1994) caracterizam a rádio como um meio cego, em que o único suporte é o som. É entendendo o som como condutor da rádio que nos apercebemos das características especiais da linguagem radiofónica. É também assim que percebemos o real valor da voz. Os autores de *Técnicas de Comunicación en radio* focam a questão da voz como potenciadora de sentimentos no ouvinte. Segundo Ortiz e Marchamallo a duração do som influencia a percepção sensorial do ouvinte. Se ouvirmos alguém a ler muito lentamente, isso provocará em nós angústia. Já se não ouvirmos o locutor por algum tempo vamos ficar inquietos. O ouvinte tem assim na voz, ou na sua ausência, um impulsionador de sensações e ditador de estado de espírito.

Robert Mcleish ( 2001) aborda a questão do uso da voz tendo como ponto de partida a relação comunicador-ouvinte. Para Mcleish, o apresentador não deve gritar, já que está numa conversa a dois.

*Se ele estiver a meio metro do microfone e o ouvinte a um metro, a distância entre eles é de um metro e meio.*<sup>18</sup>

Se o locutor gritar, o ouvinte terá a tendência a afastar-se da conversa, criando-se assim um fosso que pode provocar danos irreversíveis na comunicação. O ouvinte tem na ponta dos dedos o poder de instantaneamente mudar de estação, pelo que não devemos feri-lo com um tom de voz muito elevado.

Mcleish expõe também as vantagens da diminuição do tom de voz, que dá ao locutor um estilo íntimo, como se estivesse a confidenciar algo ao ouvinte. Este estilo é muito visível nas emissões nocturnas, nomeadamente em programas com música mais calma, como é caso de inegável sucesso em Portugal o Oceano Pacífico de João Chaves na RFM.

Andrew Boyd ( 1994) faz também uma abordagem ao tom de voz que deve ser utilizado e à questão da projecção da voz. Deve o profissional da rádio falar normalmente ou projectar a voz? Deve usar um tom que não é o seu? Boyd afirma que, ao contrário de quem trabalha em televisão e tem sempre o suporte da imagem, quem trabalha em rádio tem que esforçar-se mais por ser ouvido e acima de tudo compreendido. Os animadores/jornalistas devem projectar a sua voz o suficiente para serem ouvidos, tendo em conta que os ouvintes normalmente estão a realizar outras actividades simultaneamente à escuta de rádio. Uma boa forma de saber qual a projecção adequada é imaginar que o ouvinte está no estúdio a poucos metros do microfone. O importante é nunca gritar:

*Yelling is not the way to make sure every syllable is heard – clear diction is.*<sup>19</sup>

---

<sup>18</sup> Mcleish, Robert, *Produção de Rádio – um guia abrangente da produção radiofónica*, Summus Editorial, São Paulo, 2001

Em *Produção de Rádio*, Mcleish (2001) centra a sua atenção no ouvinte e revela que para saber qual o tom de voz, a forma de leitura e o estilo a adoptar numa emissão, o melhor que se pode fazer é imaginar que o ouvinte se encontra à nossa frente no estúdio, que estamos a conversar com ele pessoalmente, em vez de pensarmos que estamos a debitar informação para uma massa anónima.

Ainda acerca do tom, Boyd (1994), refere as oscilações da voz. A voz anda para cima e para baixo. Podemos iniciar as frases num tom intermédio, subir a meio e baixar no final. A isto se chama de modulação. Muitas vezes os animadores/jornalistas não controlam bem a modulação o que faz com que a frase que está a ser proferida perca o seu sentido inicial. De acordo com alguns terapeutas da fala e treinadores de voz, nomeadamente David Dunhill e Joana Pitta Groz, a voz dos profissionais da rádio tem efectivamente muita modulação, mas, na maioria das vezes, a voz sobe e desce nas alturas erradas e de forma inapropriada.

Mcleish (2001) aborda igualmente a questão da inflexão e da modulação. Também para o autor uma má utilização do tom irá confundir e criar um choque em vez de transmitir a mensagem que efectivamente desejamos passar.

Segundo Mcleish existem animadores e jornalistas *monótonos*, que primam pela ausência de modulação e estão sempre no mesmo tom monocórdico. Uma voz sem altos e baixos pode tornar um assunto bastante apelativo num completamente desinteressante e aborrecido, o que faz com que o ouvinte concretize a sua acção de poder: mudar de estação. O mesmo acontece com sobe e desce o tom de voz de forma regular e sistemática, sempre nos mesmos sítios. Torna-se repetitivo e a repetição é também monótona e aborrecida.

Mcleish apresenta a fórmula habitual da inflexão: A frase inicia com um tom baixo, há uma rápida subida de tonalidade e depois vai baixando novamente aos poucos. Se forem ditas duas frases nesta sequência, a segunda iniciar-se-á no mesmo tom em que primeira terminou, gerando assim uma grande confusão no ouvinte, já que não se demarca bem onde acaba uma frase e começa a outra.

---

<sup>19</sup> Boyd, Andrew, *Broadcast Journalism – Techniques of Radio & TV News* (3<sup>rd</sup> reviewed edition), Focal Press, Oxford, 1994

De forma a que se contorne esta monotonia sem parecer artificial, Mcleish sugere que as frases se iniciem num tom mais alto que a frase dita anteriormente e que se usem sem medo, os altas e baixas tonalidades que o instrumento vocal tem para oferecer, sem cair obviamente em exageros. Mcleish aconselha também o animador/jornalista a ouvir-se, a gravar o seu trabalho para posteriormente o analisar e corrigir as modulações menos adequadas.

João Paulo Guerra (1996), em *Colóquios sobre Rádio*, critica a falta de sentimento que a voz da rádio moderna apresenta. Quando ouvimos um jornalista de rádio a fazer um bloco informativo, por vezes é como se estivéssemos a ouvir um autómato, no seu discurso mecânico. O jornalista afirma faltar à forma como se fala em rádio *o grito, a exclamação, a emoção*<sup>20</sup>. Para Guerra, as regras do discurso radiofónico podem coexistir com a criatividade e o sentimento. O rigor, simplicidade e clareza não têm que ser o contrário de criatividade, discurso rico e sentimento na voz.

Em rádio, a voz adquire uma função encantatória, pela ausência da imagem, que leva a que o ouvinte tenha a liberdade de imaginar quem está a falar, de criar cenários e situações.

Adriano Duarte Rodrigues (1996), na mesma obra, enfatiza os sentimentos que a voz transmite aos ouvintes e desmistifica a questão da formação académica e regras de construção de discurso dos animadores e jornalistas radiofónicos. Embora seja de extrema importância o facto de estar ciente da significação e da semântica e de todas os parâmetros de construção da notícia e do guião, os profissionais não devem esquecer-se da oralidade e do seu valor na comunicação radiofónica. Rodrigues lembra os tempos da antiga rádio, em que ninguém tinha formação académica e, no entanto, criou-se um estilo radiofónico, uma técnica e memória cultural. Mas, para o jornalista, é necessário não cair em exageros e se é positivo não perder a essência oral da rádio, também foi importante o desenvolvimento de técnicas de linguagem e voz. Essencial é que estas melhorias técnicas não façam desaparecer a função encantatória da voz. Rodrigues explica, no seu discurso incluído em *Colóquios sobre Rádio*, que apesar de a oralidade

---

<sup>20</sup> “Assim como quem fala”, *Colóquios sobre Rádio*, Sociedade Portuguesa de Autores, Publicações D. Quixote, Lisboa, 1996

ter passado para segundo plano com a racionalização literária do meio, o apelo do mundo oral está ainda muito enraizado nas nossas vidas:

*A nossa primeira experiência do mundo foi auditiva e será ainda auditiva a última percepção que teremos antes de fecharmos para sempre os nossos olhos*<sup>21</sup>

Na sua exposição, Rodrigues, realça o ouvinte, a parte da comunicação radiofónica onde se evidencia a função encantatória. O ouvinte deixa como que hipnotizar-se pela voz do animador/jornalista, até porque a escuta de rádio não é, na maioria das vezes, um acto singular e isolado. Quem ouve rádio está muitas vezes a fazer outra coisa como conduzir, trabalhar ou estudar. Está sem se aperceber a ser “encantado” pela rádio, a emissão é uma ambiência que pode nem se fazer notar, mas que se não estiver lá vai quebrar o encanto do ouvinte. A voz tem de facto este efeito mágico e hipnotizador, senão vejamos, quando falamos ao telefone e desenhamos sem nos apercebermos, mantemo-nos presos à voz, mas estamos a abrir o nosso subconsciente no papel. É então por este motivo que os animadores adoptam um tom mais baixo, intimista, próprio de quem procura ligar-se afectivamente e apelar ao lado emocional do ouvinte:

*(...) é o jogo plástico das materialidades expressivas da voz que distingue o discurso radiofónico, O efeito deste trabalho plástico é a cumplicidade.*<sup>22</sup>

Esta cumplicidade de que nos fala Adriano D. Rodrigues, não é, como o próprio explica, uma cumplicidade com um público vasto, com a massa, como se julgava nos anos 60, mas sim uma cumplicidade de animador para ouvinte individual. Na rádio aposta-se na familiaridade. O animador/jornalista é como que um amigo, que nos espera do outro lado do aparelho e que nos acompanha conversando connosco. Rodrigues dá o exemplo dos programas que tem chamadas telefónicas em directo e revela que as

---

<sup>21</sup> *Colóquios sobre Rádio*, Sociedade Portuguesa de Autores, Publicações D. Quixote, Lisboa,

1996

<sup>22</sup> Idem

estações têm até uma base de dados com nome, idade, profissão, gostos, entre outras coisas, dos seus ouvintes que ligam regularmente para o programa. Esta cumplicidade aplica-se sobretudo aos horários da manhã, depois do horário de entrada para o trabalho, à parte inicial da tarde e à madrugada, em que a percentagem de pessoas solitárias a escutar é maior. A voz é de extrema relevância no estabelecimento destas ligações. Com a consciência de que se é companheiro, amigo, deve-se adoptar um tom calmo, intimista, mais baixo que o habitual, se estivermos a falar do período nocturno, e mais alto que o habitual, alegre e expressivo, se estivermos a falar da manhã e da tarde.

O papel da voz em rádio tem sofrido algumas alterações, nomeadamente em Portugal, país sobre o qual este estudo mais incide.

No Congresso Internacional de Comunicação, numa exposição intitulada de *A voz como instrumento de “credibilização” na comunicação* (2001), Vítor Nobre expõe a situação vivida em Portugal antes de 1974. Nessa altura a voz era muito mais importante do que qualquer técnica de comunicação e os locutores eram como que idolatrados. Para trabalhar em rádio era necessário preencher certos requisitos, que embora não estivessem estabelecidos de uma forma objectivos, pesavam bastante na selecção dos candidatos. Voz suficientemente grave, volume e textura adequados eram características essenciais, sem as quais, por muito bom jornalista ou locutor que o candidato fosse, não se trabalhava em rádio. Depois do 25 de Abril de 1974 assistimos a uma liberalização na entrada para a profissão. O trabalho em rádio tal como muitas outras profissões, foi um pouco banalizado, consequência da febre de liberdade.

Vítor Nobre critica este abuso da liberdade, que fez com que não fosse dada muita importância à voz e esta não fosse tida em conta como um critério fundamental de selecção para trabalhar em rádio. Actualmente esta situação já não é tão extrema, mas resta saber até que ponto a voz é importante, quer para quem dela faz o seu instrumento maior de trabalho, quer para os ouvintes de rádio.

Nobre (2001), sem nunca ser objectivo quanto à questão da importância da voz, dá exemplos de acontecimentos em que esta se revelou decisiva. O domínio de Hitler sobre as massas é confirmado pelo radialista como sendo fruto da sua pujança vocal. O ditador dominava as massas, como que as hipnotizava, com a sua voz forte e assertiva.

Também o General de Gaulle é descrito por Vítor Nobre como alguém que soube fazer uso da sua voz para chegar a objectivos políticos.

Para concluir a sua exposição, Nobre enaltece algumas rádios locais, que ainda procuram a voz como condição fundamental para se ir ao microfone e apresenta dois comunicados do Movimento das Forças Armadas, aquando da revolução dos cravos. Um lido por aluno da Universidade Autónoma de Lisboa e outro, o original de Joaquim Furtado na RCP. Atribui a este último o poder que confere à voz em rádio. O da credibilidade.

Meneses (2003) valida a importância da combinação tom+timbre nas profissões de animador e jornalista. No entanto, confirma que, actualmente, voz já não é um critério essencial de selecção de candidatos para trabalhar na área em questão.

Embora o autor considere que a democratização no acesso à rádio teve um lado bastante positivo, revela que houve aspectos não tão bons nesta abertura significativa da rádio.

Esta mudança, foi provocada de certa forma por motivos financeiros, já que uma função que hoje em dia é desempenhada por uma pessoa o era por duas, e trouxe um sentimento de presença ao ouvinte. A alteração do sistema de recrutamento trouxe vozes ditas *normais* à rádio, o que faz com que a comunicação em rádio começasse a ser mais natural e próxima dos ouvintes. Hoje, quando ligam o rádio, ouvem um deles e não um ser superior dotado de uma voz extremamente potente.

Apesar desta evolução, Meneses considera que o facto de a escolha ser menos criteriosa fez com que passasse a haver uma menor qualidade de dicção. Actualmente, e segundo Meneses, já não se dá a importância exacerbada que se dava à qualidade vocal, ao timbre. O que passou a ter realmente em conta foi a habilidade que os profissionais têm fazer com que o texto ganhe vida, que façam bom uso da entoação e modulação e que saibam aplicar as pausas. Devem sobretudo saber ler como quem fala.

De uma forma ou de outra quase todos os autores estão de acordo quanto ao poder da voz. A voz é potenciadora de sensações e emoções e portanto, essencial para conquistar o ouvinte.

Boyd (1994) atribui a fascinação que as pessoas ainda têm pela rádio ao facto de a rádio ser um meio de comunicação que incita os ouvintes a darem largas à sua

imaginação, ou seja, os ouvintes são activos na sua escuta, por posição à passividade dos telespectadores. A voz ajuda os ouvintes na sua construção mental. É através dela que se transmitem as emoções, o sentido que queremos dar ao que estamos a dizer.

Ivan Tubau (1994) inicia o seu estudo da voz por quem ela deve servir: o ouvinte. *O ouvinte tem direito a ouvir (...) E seguidamente a entender*<sup>23</sup>. As linhas de acção que os profissionais da voz devem seguir prendem-se sempre com o ouvinte. É pelo ouvinte que emitimos a mensagem. A voz é o emissor que necessita de um receptor, o ouvido, Caso contrário não tem razão de ser.

Yves Lavoinne, em *A Rádio* (1986), atribui um papel de extrema importância à voz. Esta, além de estabelecer o contacto com o ouvinte, tem também a importante função de o manter. Para o autor a expressividade da voz funciona como a pontuação na escrita. É fulcral que a voz não seja cinzenta e monótona uma vez que é através da voz que o ouvinte capta as informações que o discurso por si só não pode revelar, ou seja, as emoções. Também a entoação que se dá ao enunciado é para Lavoinne fundamental, uma vez que a entoação dada pode alterar o sentido do que se quer dizer. A escolha do timbre e o ritmo de elocução são também abordados em *A Rádio* e segundo Lavoinne condicionam a mensagem. Uma pequena mudança pode modificar o sentido da mensagem radiofónica.

A voz adquire uma função encantatória, pela ausência da imagem, que leva a que o ouvinte tenha a liberdade de imaginar quem está a falar, de criar cenários e situações.

Para Andrew Boyd, a voz deve ser o veículo que transporta a emoção até ao ouvinte.

*A new story should produce a response of pleasure or pain (...) The audience will respond to you as they do to an actor on stage (...) Newsreaders' talents lie in perfectly matching their tone to the storyline.*<sup>24</sup>

---

<sup>23</sup> Tubau, Iván, *Periodismo Oral, hablar e escribir para radio e televisión*, Barcelona, Paidós, 1994.

<sup>24</sup> Boyd, Andrew, *Broadcast Journalism – Techniques of Radio & TV News* (3<sup>rd</sup> reviewed edition), Oxford, Focal Press, 1994

Para o autor a voz deve reflectir as emoções das quais a história se constitui, de modo a que estas passem para o ouvinte e para que este responda ao estímulo da forma pretendida.

Boyd dá a dica, que parece saída dum manual de um operador de telecomunicações, que aposta na máxima *sorriso na voz*:

*When you are happy, you smile, so when you smile, you sound happy*<sup>25</sup>.

Se a notícia ou história que estamos a transmitir é alegre, se traz contentamento e esperança, então temos que fazer com que a nossa voz sorria, utilizando para isso os nossos recursos expressivos faciais. Devemos estar contentes, sorrir para que o ouvinte também sorria.

Já se o que contamos é triste, grave ou assustador, devemos falar com tristeza, usar uma expressão facial infeliz e desgostosa, para que o ouvinte compreenda a gravidade do assunto:

*If the story is sad, then look sad*<sup>26</sup>.

Boyd aconselha a assinalar o tom em que a notícia ou história deve ser lida e a desenhar uma cara triste ou alegre, conforme o tipo de comunicação a fazer. Desta forma serão evitados os tons desadequados do assunto.

A voz não trabalha sozinha em rádio. Pode ter ajuda técnica. São vários os truques relacionados com o microfone que podem ajudar-nos quando os nossos recursos vocais e expressivos não bastam.

O facto de estarmos bem próximos do microfone, faz com que a ressonância natural da nossa voz sobressaia. Andrew Boyd (1994) refere que os animadores nocturnos utilizam muito esta técnica para fazer com que a sua voz soe mais sensual e intimista. Tendo a boca tão próxima do microfone é como se estivessem a sussurar ao

---

<sup>25</sup> Boyd, Andrew, *Broadcast Journalism – Techniques of Radio & TV News* (3<sup>rd</sup> reviewed edition), Oxford, Focal Press, 1994.

<sup>26</sup> Idem

ouvido do ouvinte. Para o autor de *Broadcast Journalism – Techniques of Radio and Tv News*, esta técnica compensa o que algumas vozes não possuem. Onde falta riqueza e corpo à voz, a técnica de proximidade do microfone pode ser muito útil.

Já o afastamento propositado do microfone e a subida do tom de voz cria uma sensação de directo do local, de *live on location*, que pode ser bastante proveitoso para acompanhar reportagens efectivamente realizadas fora do estúdio e dessa forma evitar chocar com a combinação de um registo mais informal com um claramente formal de estúdio.

Boyd indica que a maior parte dos microfones têm um melhor aproveitamento quando encarados a uma distância de mais ou menos 15 centímetros.

### **3. Cuidar da Voz**

Como já havia sido referido, a voz é o instrumento de trabalho dos animadores/jornalistas. É com e através dela que podem agarrar o ouvinte, ganhar a sua simpatia e apreço, fazer-se ouvir e compreender. Devemos então tratar dela, uma vez que é frágil e muito susceptível a agressões de vários tipos. Senão vejamos, um animador que tenha uma emissão preparada e se constipar ou ficar com tosse vai prejudicar o seu trabalho. É evidente que há situações que não podemos controlar, que estão fora do nosso alcance. Todavia há certas precauções que podemos ter para não danificar o nosso instrumento de trabalho.

Tubau (1994) aconselha os profissionais da rádio a prevenirem-se contra possíveis faringites e afastarem-se do álcool, tabaco e gritos.

Robert Mcleish (2001) defende que quem vai ao microfone tem que estar hidratado e ter sempre água à mão e que não deve comer coisas doces, já que o açúcar engrossa a saliva.

Para Andrew Boyd (1994), o animador tem que, ao mesmo tempo, estar no controlo da situação e relaxado. A calma e relaxamento são extremamente importantes para que o nosso instrumento funcione da forma correcta e no uso pleno das suas faculdades. Uma tarefa bastante complicada se pensarmos no stress constante de uma

redacção, nos prazos apertados a cumprir e no nervosismo que advém do directo. Os efeitos do nervosismo são para Boyd reflectidos na voz. A contracção dos músculos do pescoço e da garganta podem provocar um “estrangulamento” da voz, que resulta numa subida de tom inapropriada. Para além dos efeitos directamente relacionados com a voz, Boyd refere a rapidez absurda com que alguns textos são lidos, por causa do nervosismo e tensão dos animadores/jornalistas.

Muitos novatos e até profissionais com vários anos de carreira sofrem dum mal relacionado com os nervos: a boca e garganta secas. Esta situação torna difícil a articulação certa das palavras e obriga a esforçar mais a voz, que nunca sairá limpa como a de alguém hidratado. Andrew Boyd aconselha um copo de água, bebido lentamente e em pequenos goles. Não é uma questão de matar a sede, mas sim de hidratar boca, lábios e garganta, de forma a que a voz flua.

O cansaço. Problema comum a quem escolheu uma profissão relacionada com os meios audiovisuais. A falta de horários fixos de trabalho e por consequência de horários fixos de sono, faz com que os animadores/jornalistas fiquem fatigados, o que se reflecte na voz. Os músculos faciais vão abaixo, a voz torna-se, em vez de enérgica, um suspiro e o brilho que deveria estar associada à voz em rádio desvanece.

#### **4. A credibilidade**

O que é? Como se conquista? Terá a voz um papel importante na rádio em geral e no estatuto dos seus profissionais em particular?

Andrew Boyd (1994) traz-nos as duas faces da moeda. Por um lado, as audiências podem sentir-se mais cómodas com animadores/jornalistas amigáveis, quentes, divertidos e agradáveis. Os ouvintes tendem a considerá-los como alguém da família, ou um amigo chegado, fenómeno que ainda assim tomou proporções muito maiores na televisão. Muitas vezes, e como afirma Boyd, o animador é um amigo de longa data. A amizade e namoro ouvinte/animador dura na maioria das vezes mais do que uma relação desta categoria na nossa vida “real”. A questão da credibilidade relaciona-se com esta cumplicidade e sentimento de pertença. Um amigo mentir-nos-ia?

Uma voz carinhosa, com um tom agradável, com “sorriso”, dá-nos alento e

conforto, uma sensação de estar “em casa”, ouvindo um amigo de toda a vida, cujas verdades são para nós, inquestionáveis.

Boyd apresenta também o outro lado da credibilidade. Aquela que obtemos dum pai, dum professor, ou dum polícia. A que nos vem da autoridade. De alguém que está “acima” de nós, que sabe do que está a falar. Os animadores e principalmente os jornalistas apresentam em muitas situações um tom grave e sério, formal e autoritário, que faz com que os ouvintes os escutem com a atenção de quem ouve aquele professor marcante na vida académica, cujas frases guardamos e nos parecem sempre as mais acertadas, pois provêm de alguém com estatuto e conhecimento fora do nosso alcance.

## 5. Identidade

Da mesma forma que na nossa vida quotidiana a voz funciona como um elemento identificador, também o é em rádio. Associamos certas vozes a uma determinada rádio, conseguimos saber que emissora estamos a escutar sem saber a sua frequência, apenas pela voz. A voz ajuda as rádios a definirem o seu estilo, a sua forma de estar.

A forma como se identifica uma determinada rádio e também a voz que associamos a esta identificação é de extrema importância para construir e fixar o estilo de uma estação.

McLeish (2001) apresenta dois tipos de rádio, consoante a forma de identificação que praticam. Existem aquelas que são inflexíveis e constantes na sua apresentação e as que possuem vários tipos de identificação.

Segundo o autor, a identificação pode passar pelo nome da rádio, de um programa, pela sua frequência, pelo nome de um animador ou por algum *slogan*.

Vejamos alguns exemplos em Portugal:

Pela estação e *slogan*:

- *RFM, Só Grandes Músicas*

- *A Melhor Música, Rádio Comercial*
- *Tudo o que se passa, passa na TSF*
- *Antena 1, a Rádio que liga Portugal*
- *Rádio Clube , Dá Voz às Palavras*
- *Rádio Nova Era, Música sem parar*
- *Cidade FM, Música à Tua Medida.*
- (...)

Programas e *slogans*:

- *Oceano Pacífico, Só Grandes Músicas...Calmas.* (RFM)
- *A Última Dança, Ponte entre o dia e a noite.* (Antena 3)
- *A 1ª vez é na 3* (Antena 3)

É praticamente impossível dissociar a identificação da rádio, da voz que a protagoniza. Se ouvirmos um mesmo slogan numa voz diferente a nossa reacção vai ser de estranheza e desconforto.

A voz é para todos os autores que estudamos um instrumento de transmissão de sentimentos, um elemento identificativo, uma forma de credibilizar uma rádio.

Sem o poder da voz a rádio não teria a mesma magia e não havia sobrevivido às investidas da televisão.

No entanto, não é só de voz que a rádio vive e aliada a esta deve estar uma postura e uma forma de falar, ou antes de ler, muito peculiar. É necessário ler como quem fala, sem ser demasiado oral, nem demasiado escrito.

## **CAPÍTULO IV**

### **Ler como quem fala**

## 1. Ler como quem fala

O autor do livro de estilo da TSF, João Paulo Meneses (2003), dá alguns conselhos sobre como ler, parecendo que se está apenas a falar, não sem antes nos advertir para as dificuldades de transpor um texto para a oralidade, sem que se note a leitura.

Há certos aspectos em rádio que tornam difícil esta tarefa e que Meneses nos revela. O primeiro obstáculo é o do meio. Falar cara a cara não é o mesmo que estar num estúdio a falar para um microfone. Para além deste entrave inicial existe ainda o texto, que também altera a forma de falar, por muito que tentemos disfarçar. O próprio locutor ou jornalista vai condicionar esta leitura oralizada, uma vez que tem o seu próprio ritmo que deve controlar para que o ouvinte consiga compreendê-lo.

Meneses aconselha os locutores e jornalistas a não usarem um tom que revele superioridade. Devemos falar ao mesmo nível do ouvinte. Se normalmente fazemos gestos para explicar qualquer coisa ou sempre que falamos, devemos acompanhar a leitura com gestos, para que nos sintamos mais à vontade. Para Meneses quem deve ler o texto é a pessoa que o escreve. Ler textos de outras pessoas pode tornar uma já difícil oralização num completo desastre. O autor aconselha que se respeite toda a pontuação para que o ouvinte não se perca, nem interprete mal o sentido do discurso. De forma a não engrossar a saliva o autor adverte para não comer doces minutos antes das emissões.

Robert Mcleish, autor de *Produção de Rádio: um Guia Abrangente de Produção Radiofónica* (2001), tal como Meneses (2003), reforça a ideia de que o improvisado deve ser preparado e a oralidade disfarçada com uma dose moderada de “trabalho de casa”. Mcleish considera que o primeiro passo para uma boa leitura, ou seja, para a leitura que o ouvinte não identifica como tal, é que o que o locutor ou jornalista compreenda o que vai dizer. Se não for o próprio a escrever o texto, este entendimento prévio torna-se ainda mais importante. O conhecimento do assunto evita uma leitura demasiado artificial, uma vez que se estivermos à vontade num tema, mais à vontade estaremos a transmiti-lo a um ouvinte. E mesmo que tenhamos sido nós a escrever o texto e conheçamos o assunto, relê-lo em voz alta é sempre uma boa opção para nos

desviarmos de possíveis armadilhas e erros de leitura. Mcleish descreve o ritual ideal de um locutor antes de ir ao microfone: O texto deve estar a horas no estúdio, para que não seja necessário fazer uma leitura de última hora, que é sempre propícia a percalços que podem prejudicar a emissão e romper a ligação com o ouvinte, fazendo com que este deixe de prestar atenção ou mude de estação. Antes da emissão o locutor deve familiarizar-se com o texto ou revê-lo por alto e destacar palavras que considere que poderão levar a enganos. As datas e números devem também ser evidenciados. Quanto à postura do locutor ou jornalista em frente ao microfone, Mcleish diz que esta deve ser descontraída, mas não relaxada e que este deve estar calmo, respirando regularmente. Deve respirar fundo sim, mas imediatamente antes de abrir o microfone para começar a falar.

Andrew Boyd (1994), considera que o importante é pensar antes de falar. Ter a concentração necessária para não nos enganarmos nem confundir o ouvinte com atropelamentos causados pela falta de atenção. Para além desta concentração, absolutamente, indispensável é necessário que o “leitor” esteja familiarizado com o assunto.

Para Meneses (2003) a melhor forma de ler é utilizando a dicção apropriada, que é aquela em que falamos correctamente a nossa língua e que mesmo assim permite uma compreensão pela generalidade dos ouvintes. Para o jornalista tudo se resume de uma forma ou de outra ao ouvinte. O objectivo de um profissional da rádio deve ser colocar-se no lugar de quem o está a escutar e mais... deve ser como o ouvinte, um igual. Tarefa fácil? Nem por isso. É aqui, no seu maior objectivo, que reside também uma das suas maiores dificuldades. Temos que ser iguais, mas “melhores”, na medida em que nos devemos esforçar por falar correctamente, o que não aconteceria numa conversa informal em que estaríamos de igual para igual. E mais difícil ainda é fazer este esforço sem o ouvinte se aperceba, sem que note o guião, o esforço que está por trás da “conversa”.

Num ambiente de oralidade pura, de contacto presencial temos a hipótese de emendar, de voltar atrás no que se disse, de esclarecer a pessoa com quem estamos a falar sobre algo que não tenha ficado claro. Já em rádio, onde o que devemos ter é uma

leitura oralizada, reina a instantaneidade, o agora, o que torna bastante complicada a tarefa do animador/jornalista.

Robert Mcleish (2001) afirma que o ritmo ou a velocidade a que o animador/jornalista lê o texto também se relaciona com o estilo próprio de cada emissora e com aquilo que estamos a transmitir.

Se a questão for a leitura de notícias, Mcleish aconselha cento e sessenta a duzentas palavras por minuto. Já se estivermos no meio de dois programas a velocidade aplicada deve ser a habitual de uma conversa, tendo em conta que está varia de animador para animador.

Para Mcleish, a chave para a compreensão por parte do ouvinte do que é lido/dito está onde não existem palavras, ou seja, no tempo que o ouvinte tem para entender o que está a ouvir: as pausas:

*Não é tanto a velocidade das palavras que pode confundir mas a falta de tempo suficiente para que façam sentido<sup>27</sup>.*

O autor defende que o bom animador/jornalista lê o texto frase a frase, separando as palavras por conjuntos e (muito importante) deixando espaços entre elas de forma a que o ouvinte tenha tempo para assimilá-las e compreender o seu sentido. Segundo Mcleish, o sentido está no grupo de palavras e não em cada uma delas de forma individual.

Boyd (1994) aponta alguns erros de leitura, próprios de quem não está concentrado no que está a dizer agora, mas sim no que vai dizer de seguida. Um dos erros mais cometidos em rádio. O autor indica que é frequente ouvirmos os animadores/jornalistas a colar palavras, a “comer” o fim, senão toda uma palavra e a proferir frases que parecem soltas e desenquadradas. Estas falhas devem-se em grande parte à atenção que já está a ser dada à parte seguinte do texto, ou à próxima história. Andrew Boyd refere que é imperativo que quem está a ler um guião não desvie os olhos

---

<sup>27</sup> Mcleish, Robert, *Produção de Rádio – um guia abrangente da produção radiofónica*, São Paulo, Summus, 2001.

do segmento de texto presente e também que a mente do leitor não se afaste do assunto que está a abordar.

Mcleish (2001) foca o ênfase que é dado a cada palavra na leitura do texto, ênfase este que pode alterar por completo o significado e tornar confusa a mensagem. Robert Mcleish critica o facto de não haver indicações relativamente ao ênfase nos guiões, o que, segundo o autor seria de bastante utilidade para os leitores do texto e pouparia a confusão de sentido e significado que se pode transmitir ao leitor, sem necessidade alguma.

O facto de enfatizarmos uma determinada palavra em detrimento de outra altera o que queremos efectivamente transmitir e esses descuidos podem significar a transmissão de uma mensagem errada e tendenciosa ao ouvinte. E na rádio, principalmente na sua vertente jornalística, almejamos obviamente a imparcialidade.

Tomemos como exemplo a frase:

*Ele disse que não havia hipótese alguma.*

Se enfatizarmos a palavra *Ele*, estamos a centrar a questão em quem proferiu a frase e de certa forma a atribuir a culpa da situação a essa pessoa.

Se o ênfase for aplicado em *não havia*, estamos de certa forma a questionar a veracidade do que foi dito pela pessoa.

Importante e a reter é que a escolha do ênfase não deve nem pode ser aleatória. Deve ser estudada e não espontânea (mais uma vez o falso improvisado que garante que não hajam acidentes irreversíveis) para que o sentido não se altere e se perca em ênfases vocais mal empregues.

Mcleish apresenta um resumo dos pontos essenciais a seguir na leitura de um guião ou boletim informativo. Para o autor, a leitura deve seguir três regras:

- 1) *Entender o conteúdo antecipadamente.*
- 2) *Visualizar a figura do ouvinte.*
- 3) *Comunicar o significado “contando” a notícia.*

Para além das regras básicas que se aplicam a todas as estações, cada emissora tem o seu estilo e as suas próprias linhas de orientação.

O essencial a reter, seja qual for a rádio, é que o que é lido deve parecer falado. O ouvinte não pode aperceber-se de todo o trabalho que está por trás não deve ouvir alguém a ler um texto mas sim alguém a falar consigo sem qualquer suporte.

A Rádio é oralidade, ainda que como afirma Meneses (2003), não o seja na sua forma mais pura.

## **PARTE II**

### **Hipóteses e sua experimentação**

## 1. As Hipóteses

Após a pesquisa e estudo de alguns autores que se debruçam sobre a temática apresentada, chegamos a algumas hipóteses, sendo que estas se dividem em dois grupos: os ouvintes e os profissionais.

Do lado do ouvinte e tendo como base os textos analisados consideramos que:

- a) O ouvinte prefere uma voz com um tom grave no jornalista;
- b) O ouvinte prefere uma voz com um tom grave no animador;
- c) O ouvinte não gosta que o animador/jornalista grite ou que fale muito baixo;
- d) O ouvinte não gosta que o animador/jornalista fale a um ritmo demasiado acelerado nem muito lento,
- e) O ouvinte considera importante a forma de falar em rádio;
- f) O ouvinte dá importância à voz, enquanto transmissora de sensações e criadora de empatia.

No que concerne aos animadores e jornalistas e tomando como ponto de partida o que diversos teóricos da rádio defendem, consideramos que:

- a) Os profissionais preocupam-se em escrever os seus próprios textos;
- b) Os profissionais usam os artifícios da grafia para tornar o texto mais fácil de ler, sem correr o risco de cometer erros;
- c) Os profissionais têm no guião/texto da notícia uma peça fundamental para o seu trabalho;
- d) Os profissionais dão importância à voz;
- e) Os profissionais de hoje não dão tanta importância às qualidades vocais como davam os que precederam a democratização do acesso à rádio.

Para a experimentação das hipóteses formuladas optámos por utilizar os métodos quantitativo e o qualitativo.

O método quantitativo consistiu na aplicação de inquéritos sobre o papel da voz e da forma de falar em rádio a uma amostra de 100 indivíduos, divididos em quatro faixas etárias e três zonas do país. A razão pela qual usámos uma amostra estratificada relaciona-se com o facto de pretendermos alcançar resultados que sejam representativos da população em geral, das mais variadas idades e localizações geográficas.

A recolha resultou em 37 inquéritos dos 15 aos 25 anos, 30 inquéritos dos 25 aos 40 anos, 25 inquéritos dos 40 aos 60 anos e oito inquéritos com mais de 60 anos.

Dividimos os inquiridos por zonas do país, sendo que da zona Norte obtivemos 31 inquéritos, da zona Centro 47 inquéritos e da zona Sul 27.

O método qualitativo prendeu-se com entrevistas realizadas em quatro rádios de âmbito nacional: Rádio Renascença, Antena 1, TSF e Rádio Clube. Estas rádios foram escolhidas pelo seu carácter nacional, para tornar o estudo mais abrangente e também pelo facto de serem rádios que conjugam a sua forte vertente noticiosa com uma programação variada em termos de animação. Foram feitas ao todo doze entrevistas. Entrevistámos dois jornalistas e um animador por rádio.

Com estes métodos pretendemos analisar o que pensam ouvintes e profissionais sobre o papel da voz em rádio, assim como descobrir qual a sua opinião sobre a forma de falar mais adequada para o meio radiofónico.

## **2. O ouvinte**

Ao longo de toda a exposição teórica deste trabalho, houve uma parte do processo comunicacional que esteve sempre em evidência, pelo seu papel fundamental em rádio: O ouvinte.

É pelo ouvinte e para o ouvinte que a rádio existe e é a ele que deve servir. Quando escrevemos e falamos em rádio devemos ter em conta as suas expectativas, o seu nível de formação e seus gostos, bem como outros factores.

O ouvinte tem o poder de mudar de emissora assim que atinja o nível mínimo de insatisfação, ou pode simplesmente desligar o aparelho.

Baseando-nos nesta importância extrema do ouvinte incluímos na nossa pesquisa um inquérito aos ouvintes, com o propósito de saber o que estes pensam acerca da voz e da forma como os animadores e jornalistas falam em rádio.

Além das questões que se prendem com o tema principal deste trabalho, foram também incluídas na pesquisa perguntas relativas aos hábitos de audição e preferências dos ouvintes, de modo a obter resultados mais completos.

### **2.1. O Inquérito**

Para a realização do questionário que abaixo apresentamos foram tidos em conta os textos analisados e aqui expostos sob a forma de síntese das várias teorias relacionadas com o papel da voz e da locução em rádio, bem como as hipóteses que interessava aprofundar.

### **2.2. A amostra**

Os inquéritos foram aplicados numa amostra de 100 indivíduos com idades compreendidas entre os 15 e os 70 anos de idade, das mais diversas zonas do país.

Precedente ao inquérito final, foi realizado um inquérito de teste, aplicado a 10

indivíduos de idades e habilitações literárias variadas, por forma a avaliar a validade do mesmo para a nossa pesquisa.

### **2.3. Os meios utilizados**

Numa fase inicial foram escolhidos os inquéritos em papel aplicados presencialmente. Este método revelou-se eficaz, uma vez que obrigava a amostra a responder e permitia esclarecer as dúvidas que surgissem.

Mais tarde, com vista a chegar a um maior número de pessoas e a reduzir os custos associados a este tipo de pesquisa, que incluem deslocações e impressões, optamos pelo inquérito online.

### **2.4. A adesão**

Do ponto de vista do pesquisador os inquéritos mais difíceis de aplicar foram os presenciais em papel, uma vez que a maior parte dos inquiridos não se mostrou aberto e disponível para este tipo de questionário.

Embora os inquéritos por e-mail tenham sido mais simples de concretizar a taxa de resposta comparativamente aos feitos presencialmente foi claramente inferior. O inquirido não tem a pressão de responder, só o faz se quiser.

Entre as faixas etárias inquiridas, aquelas que se revelaram mais interessadas e participativas foram as mais jovens, ou seja, dos 15 aos 25 anos e dos 25 aos 40 anos de idade. O facto de aplicarmos alguns dos inquéritos via e-mail condicionou a possibilidade de se aplicarem a pessoas dos 40 aos 60 anos e com mais de 60 anos de idade, uma vez que o número de pessoas com caixa de e-mail nesta idade é inferior ao das pessoas com idades compreendidas entre os 15 e os 40 anos de idade.

## Inquérito sobre a importância da voz e da locução para os ouvintes de rádio

(versão online)

No âmbito da realização de uma tese de Mestrado acerca do papel da voz e da locução em rádio, agradecemos que dispense alguns minutos do seu tempo para responder ao questionário que se segue, relativo aos seus hábitos de audição de rádio e às suas preferências.

Asseguramos que todas as informações que nos sejam prestadas por si são confidenciais e serão utilizadas somente para esta pesquisa.

**Assinale as suas respostas com um “x” do lado direito da opção pretendida.**

**Data:**

**Sexo:** Masculino Idade:   
Feminino

**Cidade de Residência**

**Profissão:**

**Habilitações Literárias:**

- Até ao 4º ano de escolaridade
- Até ao 6º ano de escolaridade
- Até ao 9º ano de escolaridade
- Até ao 12º ano de escolaridade
- Licenciatura
- Pós-Graduação
- Mestrado
- Doutoramento
- Outras (especifique)

**1. Em que local ouve rádio?**

(escolha apenas uma opção)

- Em casa
- No carro
- No local de trabalho
- Outro(especifique)

**2.Quanto tempo, em média, ouve rádio por dia?**

- Menos de uma hora
- Uma hora
- Duas horas
- Três horas
- Mais (especifique)

**3. Que tipo de programas de rádio prefere?**

Entretenimento

Informação

Cultura

Desporto

Música

Outro (especifique)

**4. Indique por ordem de preferência as 3 rádios que mais ouve** (se forem menos de 3 indique apenas aquelas que são da sua preferência).**1.**  
**2.**  
**3.****5. Indique por ordem de preferência os três programas de rádio que mais ouve** (se forem menos de três indique apenas aqueles que são da sua preferência).**1.**  
**2.**  
**3.****6. Tem preferência por algum locutor de rádio?**

Sim

Não

**Se sim, qual?****7. Que tipo de voz lhe agrada num locutor de rádio?**

Muito Grave

Grave

Intermédia

Aguda

Muito Aguda

**8. Prefere locutores que falem:**

Muito lentamente

Lentamente

Compassadamente

Rapidamente

Muito rapidamente

**9. Prefere locutores que falem:**

Muito alto

Alto

Num tom intermédio

Baixo

Muito Baixo

**10. Ouve noticiários na rádio?**

Sim Não

**Se sim, qual?****Se não, porquê?**

Se respondeu não passe para a penúltima questão.

**11. Tem preferência por algum jornalista radiofónico?**

Sim

Não

**Se sim, qual?**

**12. Que tipo de voz lhe agrada mais num jornalista radiofónico?**

Muito Grave

Grave

Intermédia

Aguda

Muito Aguda

**13. Prefere jornalistas que falem:**

Muito lentamente

Lentamente

Compassadamente

Rapidamente

Muito rapidamente

**14. Prefere jornalistas que falem:**

Muito alto

Alto

Num tom intermédio

Baixo

Muito Baixo

**Obrigada pela sua colaboração.**

**15. Normalmente consegue acompanhar todo o noticiário de rádio sem se perder?**

Sim

Não

**Se não, porquê?**

**16. Normalmente consegue entender claramente o que o jornalista está a dizer?**

Sim

Não

**Se não, porquê?**

**17. Qual é, para si, o papel da voz em rádio?**

**18. Qual é, para si, a importância da forma de falar em rádio?**

### 3. As questões

A parte inicial do questionário contém a recolha de dados sobre a idade, sexo, cidade de residência, profissão e habilitações literárias dos inquiridos.

As primeiras cinco questões são de resposta fechada e referem-se aos hábitos de audição de rádio do ouvinte. Questionámos os ouvintes sobre o local onde ouvem rádio, a duração média dessa audição por dia, a rádio que mais ouvem, o tipo de programas que preferem e os seus programas favoritos,

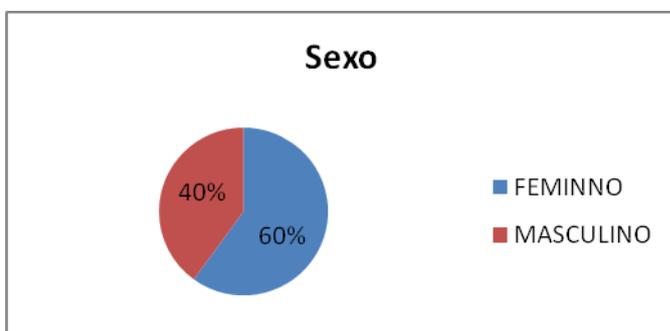
No segundo grupo de questões centramo-nos na animação, inquirindo os ouvintes acerca do seu locutor preferido e do tipo de voz e forma de falar que consideram mais adequadas num animador. Utilizamos o termo locutor por este ainda estar bastante enraizado no panorama actual da rádio, embora reconheçamos que podíamos ter utilizado a nomenclatura em vigor.

O terceiro grupo de perguntas contempla os jornalistas e pretende descortinar a opinião dos ouvintes em relação ao tipo de voz que estes devem ter e ao ritmo com que devem falar. Pretendemos também saber se os ouvintes têm preferência por algum jornalista de rádio.

As duas últimas questões são abertas e optámos por introduzi-las desta forma uma vez que se tratam de perguntas que visam obter uma opinião pessoal mais alargada. Nesta fase final do inquérito, questionámos os ouvintes acerca do papel da voz em rádio e da importância da forma de falar no meio radiofónico.

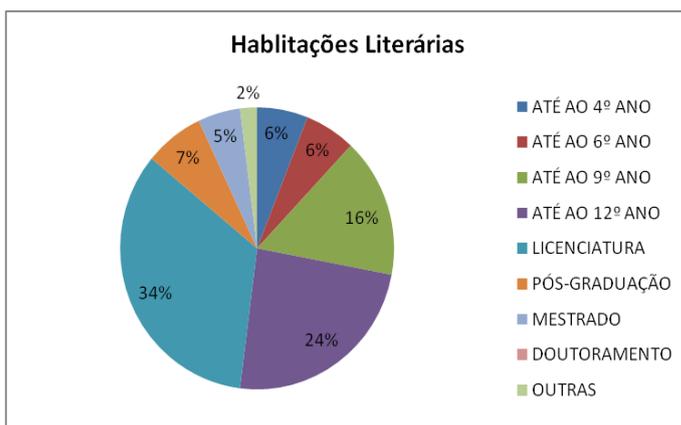
### 3.1. Análise

#### 3.1.1 Sexo



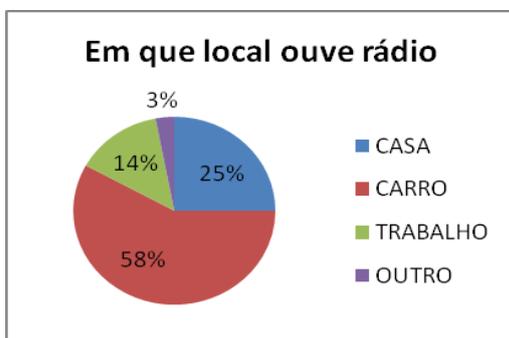
Embora tivéssemos a intenção de obter igual número de respostas do sexo masculino e do sexo feminino tal não aconteceu, já que nos responderam 40 homens e 60 mulheres.

#### 3.1.2. Habilitações Literárias



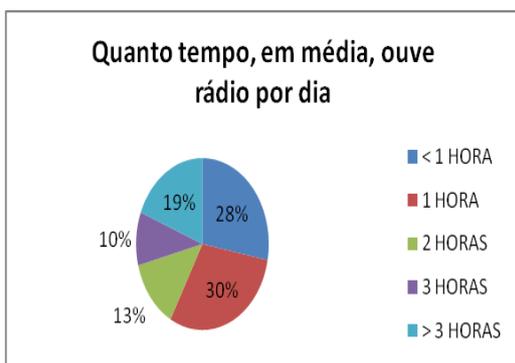
Entre os inquiridos há uma maior percentagem de licenciados com 34%, seguidos dos com habilitações até ao 12º ano de escolaridade com 24%. Com percentagens muito aproximadas estão os inquiridos com escolaridade do 4º ao 9º ano e com pós-graduação e mestrado, sendo que até ao 4º e até ao 6º anos de escolaridade obtivemos a mesma percentagem de respostas: 6% para cada um destes escalões. Com grau de mestre tivemos uma percentagem de 5% e com pós-graduação 7%. Por fim com outro tipo de habilitações literárias, 2%.

### 3.1.3. Em que local ouve rádio?



No primeiro grupo de questões o nosso objectivo foi conhecer os hábitos de audição dos ouvintes, sendo que quando perguntámos em que local ouviam rádio, 58% dos inquiridos revelaram que o carro era o seu local de eleição, logo seguidos dos 25% que escutam rádio em casa. Cerca de 14% fazem a sua audição no local de trabalho e 3% noutro lugar.

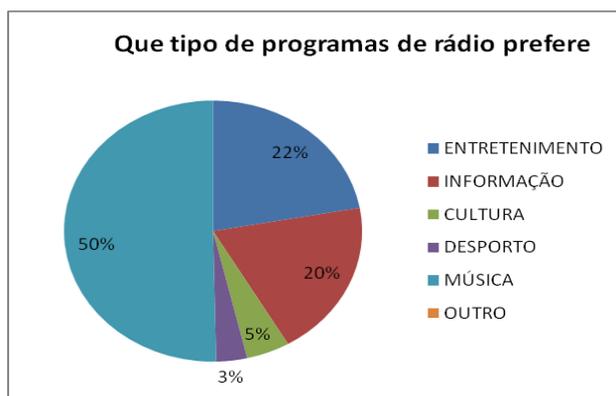
### 3.1.4. Quanto tempo, em média, ouve rádio por dia?



A maior parte dos inquiridos ouvem cerca de uma hora de rádio por dia, sendo que esta percentagem é de 30%. Seguem-se os ouvintes que escutam menos de uma hora de rádio diariamente com 28%. Julgamos que a razão pela qual estas duas opções são as mais escolhidas pelos ouvintes, se relacionar com a facto do local de eleição para a audição de rádio ser o carro. Ou seja, o tempo que os ouvintes passam no carro, quer a ir ou a vir do trabalho, quer numa viagem ao supermercado por exemplo, corresponde à opção “até uma hora”.

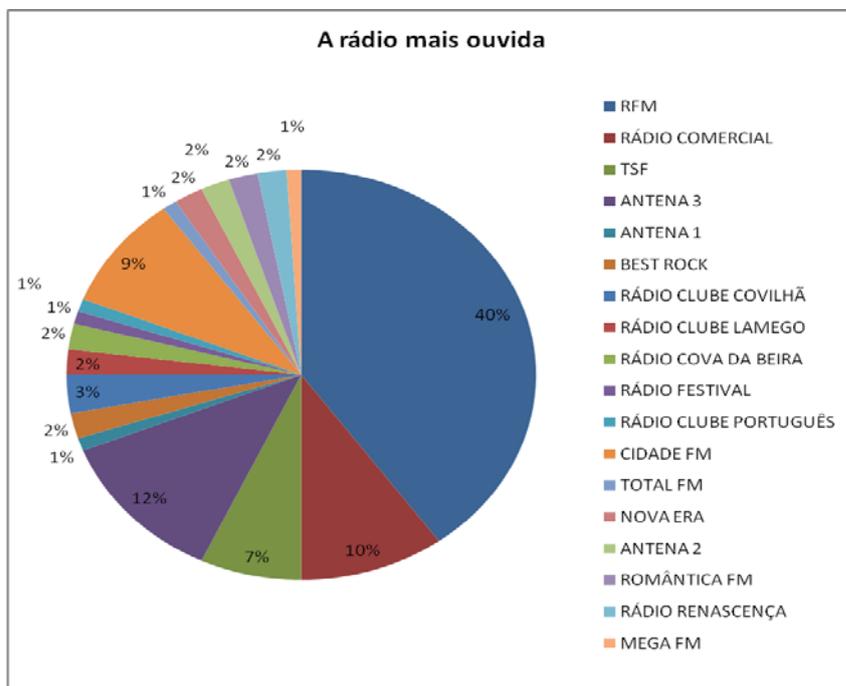
Seguidamente, com 19%, temos os ouvintes que escutam rádio mais de três horas por dia, facto que associamos à audição no trabalho e em casa. Treze por cento dos inquiridos ouvem rádio duas horas por dia, e 10% três horas.

### 3.1.5. Que tipo de programas de rádio prefere?



À questão acima mencionada 50% dos ouvintes respondeu música. Seguem-se os programas de entretenimento com 22% das respostas e a informação com 20%. Os programas de cultura obtiveram 5% e o desporto 3%.

### 3.1.6. A rádio mais ouvida



A rádio mais ouvida entre os inquiridos é a RFM com 40%, o que corresponde à realidade actual, divulgada pela Marktest no estudo do Bareme Rádio de 2008. Na primeira vaga de 2009, a RFM está também no primeiro lugar da contagem, segundo a Marktest.

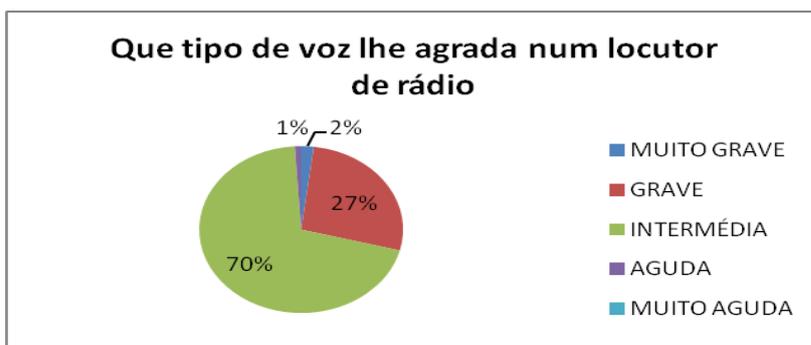
### 3.1.7. Preferência por algum animador de rádio



Esta questão revelou-nos que a maior parte dos inquiridos não tem preferência por nenhum animador de rádio em particular. As 75% pessoas que preencheram o

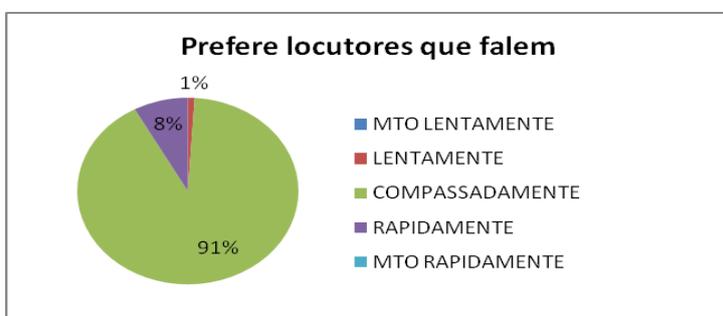
inquérito desta forma não têm qualquer tipo de favoritismo no que concerne aos animadores de rádio, enquanto que apenas 25% revelaram preferir um animador em especial.

### 3.1.8. Que tipo de voz de lhe agrada num animador de rádio?



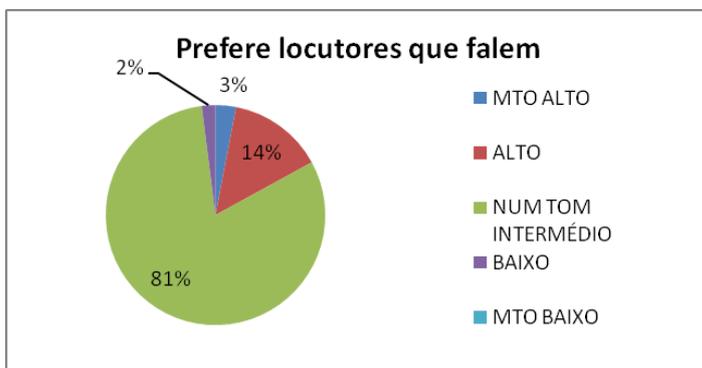
Embora a nossa hipótese tenha apontado para que os ouvintes preferissem uma voz grave nos animadores, esta acabou por não se comprovar, uma vez que, com 70%, a voz intermédia ficou destacadamente no primeiro lugar. A voz grave obteve 25% das respostas, fazendo com que a nossa hipótese não fosse comprovada.

### 3.1.9. Prefere animadores que falem: o ritmo



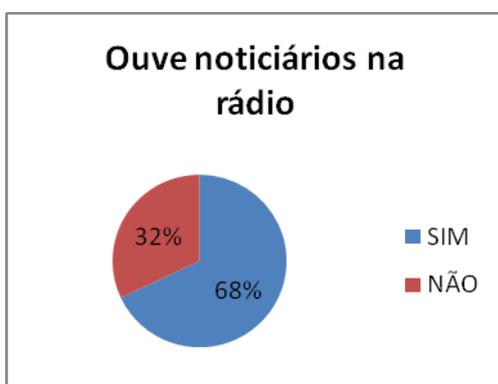
De acordo com a hipótese formulada acerca do ritmo, o ouvinte não gosta de animadores que falem de forma demasiado lenta ou demasiado rápida, hipótese essa que se veio a comprovar através do inquérito. A esmagadora maioria, 91% dos inquiridos, escolheu a opção “compassadamente”. Ainda assim 8% dos inquiridos escolheram a opção rapidamente, talvez por preferirem um animação mais dinâmica e festiva.

### 3.1.10. Prefere animadores que falem: O tom



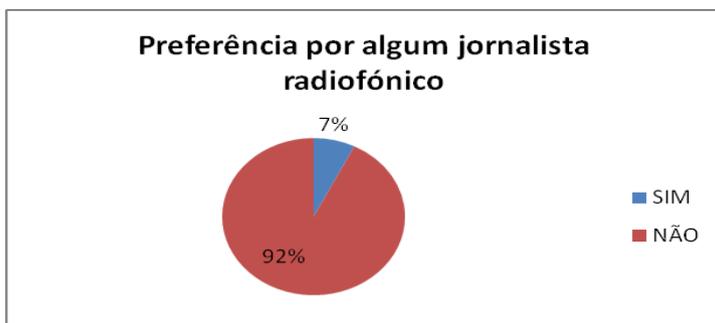
O tom intermédio, nem alto, nem baixo, foi o que obteve maior percentagem, no que concerne ao que os ouvintes preferem num animador, com 81%. Assim sendo, a nossa hipótese, que afirmava que os ouvintes não gostam que os animadores gritem ou falem muito alto, foi comprovada. Há também uma percentagem considerável de ouvintes que preferem que o animador fale alto, sendo esta de 14%. Estes ouvintes serão, na nossa opinião, os que gostam de um estilo de animação mais entusiástico.

### 3.1.11. Ouve noticiários na rádio?



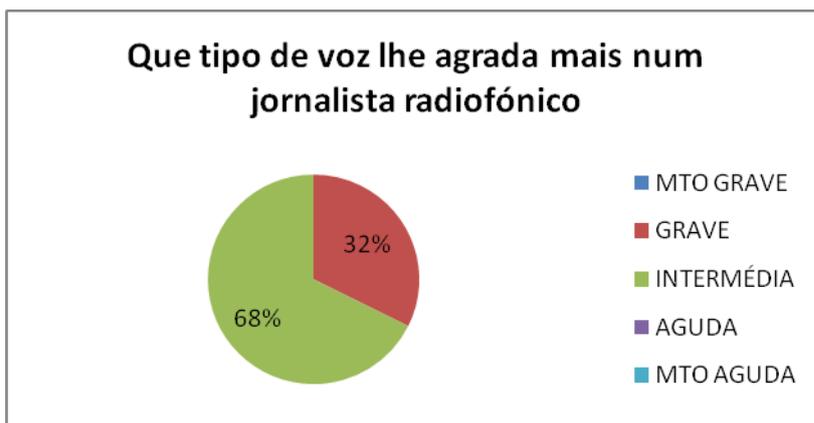
Quando inquirimos os ouvintes de rádio sobre a sua audição de blocos informativos, 68% responderam que ouvem noticiários na rádio e 32% responderam que não, sendo que, na sua maioria, os ouvintes que não escutam as notícias na rádio preferem vê-las na televisão.

### 3.1.12. Preferência por algum jornalista radiofónico



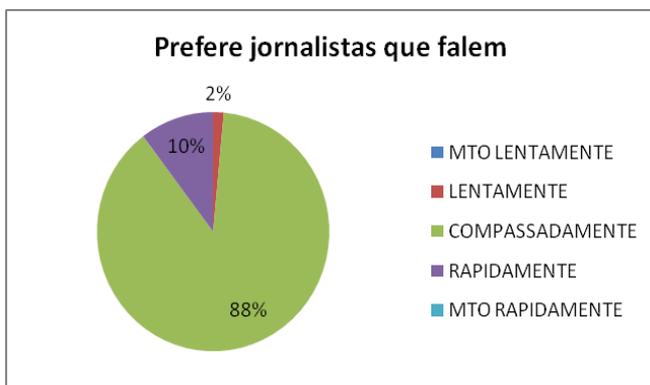
A maior parte dos inquiridos revelou não ter um jornalista preferido. Apenas 7% indicaram ter preferência por um jornalista em particular, por oposição aos 92% que não revelaram nenhuma preferência.

### 3.1.13. Que tipo de voz lhe agrada mais num jornalista radiofónico?



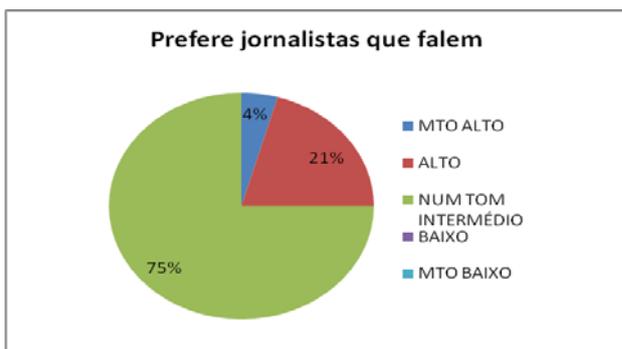
Assim como no caso dos animadores, também nos jornalistas os ouvintes preferem uma voz intermédia, o que faz também com que a hipótese formulada acerca do tipo de voz que os ouvintes preferem não seja comprovada com este inquérito.

### 3.1.14. Prefere jornalistas que falem: o ritmo



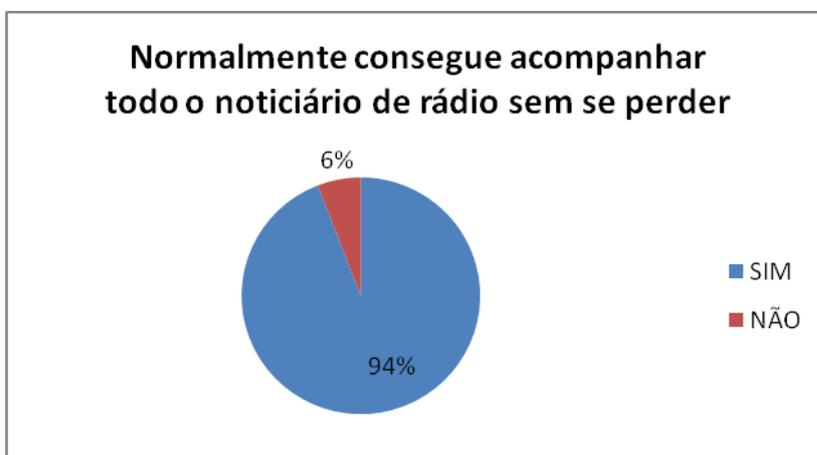
A opinião dos ouvintes relativamente aos jornalistas é praticamente a mesma que relativamente aos animadores. 88% dos inquiridos prefere que os jornalistas falem compassadamente, enquanto que 10% preferem ouvir um jornalista a ler as notícias de forma rápida e 2% dos inquiridos gosta que os jornalistas falem lentamente.

### 3.1.15. Prefere jornalistas que falem: o tom



Claramente, os inquiridos preferem que o jornalista tenha um tom intermédio, o que comprova a nossa hipótese quando dizemos que o ouvinte não gosta que o jornalista grite ou fale muito baixo. Para 75% dos ouvintes que preencheram o inquérito a opção tom intermédio é a preferida, embora também haja uma percentagem considerável que favorece a opção “alto”, com 21%. Quatro por cento dos inquiridos prefere que os jornalistas falem muito alto.

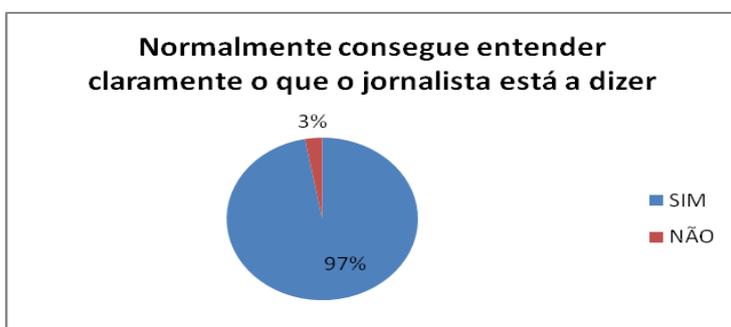
### 3.1.16. Normalmente consegue acompanhar todo o noticiário de rádio sem se perder?



Com esta questão pretendíamos avaliar de forma indirecta a habilidade do jornalista para prender o ouvinte, tendo em conta a forma como escreve o texto e a forma como o lê.

De facto, 94% dos inquiridos afirmaram conseguir acompanhar todo o noticiário sem se perder, o que revela que o trabalho dos profissionais é bem executado.

### 3.1.15. Normalmente consegue entender claramente o que o jornalista está a dizer?



Nesta questão, tentamos perceber a opinião dos ouvintes relativamente à dicção empregue pelos jornalistas e 97% dos inquiridos revelou conseguir entender claramente o que o jornalista diz, o que quer dizer que, na sua maioria, os jornalistas têm qualidade na dicção.

### **3.2. Explicação da não inclusão de alguns pontos do inquérito**

A questão número cinco, não foi incluída na apresentação dos resultados, uma vez que consideramos que os programas que os inquiridos ouvem não são directamente importantes para este estudo.

Também pelo mesmo motivo consideramos desnecessário expor a razão pela qual os inquiridos não ouvem notícias em rádio, embora tenhamos já mencionado que generalizadamente este facto se deve a preferirem ver as notícias na televisão.

Nas questões em que era necessário especificar se se escolhesse determinada resposta, optámos por não apresentar a análise desses resultados, já que não vimos a sua pertinência para o estudo em questão.

A profissão poderia ter sido incluída para estratificar a amostra, mas considerámos que iria tornar o objecto de estudo mais complexo e difícil de definir, já que nos foram apresentadas muitas profissões diferentes.

### **3.3. Questões abertas**

As duas últimas questões do inquérito aplicado são de resposta aberta, o que faz com que não possam ser quantificadas, mas sim que adquiram um resultado qualitativo.

À questão “Qual é, para si, o papel da voz em rádio?” todos os inquiridos responderam que a voz era muito importante.

Uma das razões mais apontadas para esta importância foi o facto de a voz ter o poder para cativar o ouvinte, resposta recorrente em muitos inquéritos.

A ausência de imagem foi também evidenciada em algumas respostas como justificação para a importância da voz. Relacionada com esta ausência de imagem estão as respostas em que se define a voz como única forma de contacto entre o ouvinte e a rádio e como a forma de fazer o ouvinte visualizar as situações apresentadas.

A empatia é também dada como explicação para a voz ser importante. Segundo alguns inquiridos há vozes que os fazem afastar-se imediatamente, se não for criada empatia.

Para alguns inquiridos a voz é também a “expressão facial do programa” e tem um “papel introdutório”, ou seja é o cartão de visita de tudo o resto que existe em rádio.

Na última pergunta questionamos a importância da forma de falar para o ouvinte. As respostas foram variadas, mas com uma constante: os inquiridos consideram muito importante a forma de falar em rádio. Apenas um dos questionados indicou que a forma de falar em rádio não tinha qualquer importância.

Para alguns, a forma como se fala em rádio é a causadora da permanência numa estação. Se o modo de falar não agrada aos ouvintes, estes sentir-se-ão no direito de mudar de emissora ou de desligar o aparelho.

Houve quem considerasse também que o modo como se transmite a informação pode alterar-lhe o sentido e fazer com que o ouvinte entenda o que se está a dizer da forma errada.

A empatia é mais uma vez mencionada aliando-se à confiança como factor de importância para alguns ouvintes.

Para alguns inquiridos a forma de falar reflecte-se no nível de concentração e interesse do ouvinte e é um instrumento fundamental para “fidelizar” quem ouve rádio.

Alguns dos questionados apresentam ainda algumas características que a forma de falar em rádio deve ter: deve falar-se de forma clara, ter boa dicção, ser directo e conciso. Estas características são as apresentadas nos manuais de jornalismo radiofónico, como por exemplo o livro de estilo da TSF, escrito por João Paulo Meneses e aqui apresentado. É curioso perceber que, mesmo sem o conhecimento que um profissional do meio ou teórico tem acerca destas questões, o ouvinte sabe as regras da comunicação em rádio e lhes atribui uma grande importância.

### **3.4. Conclusões da análise quantitativa**

No que concerne ao método quantitativo consideramos termos sido, de um modo geral, bem sucedidos.

Conseguimos comprovar algumas das nossas hipóteses e perceber que algumas outras não se confirmaram. Compreendemos também o valor da voz e da forma de falar em rádio para os ouvintes e ficamos com uma noção dos seus hábitos de audição e das

suas preferências relativamente às rádios portuguesas e ao tipo de voz e locução que consideram mais adequados em rádio.

Facto inegável é o de a RFM ser a rádio preferida dos ouvintes. No entanto, julgamos que podíamos ter introduzido uma questão que relacionasse o facto de os ouvintes preferirem a RFM com a voz e locução. Qualquer coisa do género: “ A forma de falar dos animadores/jornalistas da rádio que mais ouve influenciou a sua escolha?” e “ A voz tem alguma relação com o facto de a rádio que escolheu ser a sua preferida?”. Acreditamos que desta forma podíamos ter realizado um estudo mais completo e que a questão da rádio preferida não pareceria tão deslocada num inquérito sobre voz e locução. Também na questão do animador e jornalista favorito podíamos ter introduzido questões do mesmo género, de forma a avaliar a relação da voz e da locução com a preferência por determinado animador/jornalista.

Uma outra questão que deveria ter sido mais trabalhada é a questão da diferenciação entre tom e timbre, que não está no inquérito muito especificada. As perguntas não são concretas quanto à diferença entre estes dois atributos da voz, nem a definem perante os respondentes, o que poderá ter feito com que os inquiridos não tivessem a plena consciência sobre aquilo a que estavam a responder.

Na questão três, em que questionámos os inquiridos sobre o seu tipo de programas preferidos, assim como em todas as outras de escolha múltipla, devíamos ter especificado o facto de só poderem escolher uma opção, passo que foi negligenciado na construção do inquérito e na análise do inquérito-teste, uma vez que nos dez inquéritos realizados para comprovar a sua viabilidade os inquiridos escolheram apenas uma opção.

Embora tenhamos cometido alguns erros por falta de exploração teórica e por negligência, consideramos que, numa perspectiva geral, os inquéritos serviram para avaliar o papel da voz e da locução em rádio para os ouvintes, ainda que admitamos que uma amostra maior poderia ter revelado resultados mais precisos.

## **4. Os Profissionais**

Ao longo da exposição teórica do nosso trabalho não foi só o ouvinte que teve especial atenção, embora a sua importância seja inquestionável. Os profissionais da rádio estiveram também em evidência, uma vez que são estes que devem servir o ouvinte e ter em conta as suas características, assim como as do meio, de modo a, através da voz e da fala, transmitirem a mensagem pretendida com eficácia.

Muito se tem teorizado acerca do papel da voz e da locução em rádio, mas e os animadores/ jornalistas? Que pensam as pessoas que estão no campo de acção sobre as questões sobre as quais nos debatemos? Qual o papel que atribuem à voz e à forma como falam? Como escrevem para dizer?

Com vista a responder a estas e outras questões elaboramos uma entrevista destinada a animadores e jornalistas de quatro rádios nacionais, sendo estas a Rádio Renascença, a TSF, a Antena 1 e a Rádio Clube.

### **4.1. A Entrevista**

As entrevistas foram realizadas nos dias 24, 25 e 26 de Junho de 2008, em Lisboa.

As rádios escolhidas foram rádios nacionais, de grande visibilidade, que conjugam uma forte componente noticiosa com a animação.

No dia 24 pela manhã, entrevistámos dois jornalistas e um animador da TSF, sediada no Edifício Altejo Rua 3 da Matinha 3º piso, sala 301 em Lisboa. Os dois jornalistas entrevistados foram Paulo Tavares e Teresa Bizarro. Na TSF entrevistámos ainda Miguel Fernandes, animador.

No dia 25 as entrevistas tiveram lugar nas instalações da Rádio Clube na Rua Sampaio Pina, 24 em Lisboa e na Rádio Renascença, sediada na Rua Ivens, 14 também em Lisboa. Na Rádio Clube, entrevistámos as jornalistas Sofia Frazoa e Débora Henriques e o animador Aurélio Gomes. Os entrevistados na Rádio Renascença foram os jornalistas Paulo Neves e José Pedro Frazão e o animador Paulino Coelho.

O dia 26 foi marcado pelas entrevistas a José Manuel Rosendo, Sérgio Infante e Augusto Fernandes, jornalistas e animador da Antena 1, respectivamente.

## **4.2. As questões**

### **Grupo I**

1. Qual é a formação que tem, relativamente à função que desempenha?
2. Alguma vez se preocupou em ter formação na área da voz?
3. Qual é a importância que atribui ao contributo dado pela voz no exercício das suas funções?
4. Diziam-lhe que tinha voz de rádio?
5. Foi necessário educar a sua voz? Se sim, como o fez?
6. Faz alguns exercícios para treinar a voz
7. Que cuidados tem com a voz?
8. Pensa que a voz foi um factor de peso ao ser escolhido para trabalhar na rádio?

### **Grupo II**

9. Que características deve ter a voz de um locutor?
10. De acordo com a sua experiência qual pensa ser o tipo de voz à qual os ouvintes portugueses dão mais atenção?
- 11 Usa um guião nos seus programas?
12. Como são os guiões que utiliza?
13. Quem escreve os guiões?
14. Qual é para si a importância do guião?

**Grupo III**

15. Que características deve ter a voz do jornalista radiofónico?
16. Escreve as suas notícias?
17. De que forma escreve as notícias?
18. Qual a sua opinião sobre os noticiários radiofónicos hoje em dia?

As questões da entrevista foram elaboradas tendo em conta os textos estudados acerca dos profissionais da voz em rádio, a forma como os teóricos definem a boa escrita para rádio, os seus conselhos relativamente à postura e à forma correcta de assinalar e ler o texto, assim como as hipóteses formuladas após a exposição teórica.

Uma vez que jornalistas e animadores têm registos diferentes no seu trabalho, optámos por dividir as perguntas em três grupos.

O primeiro grupo de questões é geral, direccionado aos jornalistas e aos animadores.

Neste primeiro grupo considerámos pertinente avaliar o nível de formação dos entrevistados, assim como a sua formação específica em voz. Para além da questão da formação, que já nos permite de certa forma entender a importância que os inquiridos dão à voz, questionámos os jornalistas e animadores sobre o papel que atribuem à voz na profissão e ao seu próprio instrumento no seu início de actividade radiofónica.

A questão dos cuidados quotidianos com a voz foi também abordada neste primeiro grupo de perguntas, de forma a perceber se os profissionais se preocupam com a voz, o que nos leva também à importância que lhe dão.

O segundo grupo de questões direcciona-se aos animadores e aborda sobretudo a escrita dos guiões. Citando os capítulos da exposição teórica, este conjunto de perguntas questiona a forma de *escrever para dizer* de forma a *ler como quem fala*. Além da questão do registo da emissão introduzimos também uma pergunta sobre a voz que os animadores consideram mais adequada para quem exerce a sua profissão. Questionámos também a ideia que os animadores têm sobre que tipo de voz os ouvintes consideram mais agradável.

O terceiro e último grupo de questões foi concebido para os jornalistas e neste grupo foi também introduzida uma pergunta relacionada com a voz. Pretendíamos saber quais as características que os jornalistas pensam que a voz deve ter no exercício das suas funções.

Neste grupo abordámos também a questão da escrita das notícias, da forma como os jornalistas a executam para melhor a lerem e conseqüentemente passarem melhor a mensagem informativa ao ouvinte.

No final da entrevista colocámos uma questão relacionada com o panorama actual do jornalismo radiofónico.

### **4.3. Análise das entrevistas<sup>28</sup>**

De forma a fazer uma análise mais completa das entrevistas realizadas consideramos pertinente separar jornalistas de animadores, para perceber as diferenças entre os dois tipos de profissionais, no que concerne à voz e à forma de escrever e falar em rádio.

Começando pelos jornalistas e pela primeira questão, as relativas à formação, verificamos que a maioria tem formação em comunicação. Quanto à preocupação com a área específica da voz notamos que os jornalistas entrevistados estão divididos. Uns já tiveram formação em voz e outros não, sendo que a opinião geral, até dos que nunca tiveram cursos nesta área, é de que a formação em voz é importante, uma mais-valia para o trabalho em rádio. Curioso é o caso de José Pedro Frazão da Rádio Renascença, que, embora nunca tenha feito formação especializada em voz, aproveitou o que aprendeu em grupos corais dos quais fez parte antes de iniciar a sua actividade na rádio.

Quanto ao papel da voz em rádio, os jornalistas em geral consideram que é de grande relevância, já que, como afirma Sérgio Infante da Antena 1, em rádio a voz “é a nossa cara”, por oposição à imagem na televisão. As opiniões dividem-se quando se trata de colocar ou não a voz, de a trabalhar. Alguns dos jornalistas que entrevistámos consideram que é importante ter um a voz bem colocada, se bem que já não haja o

---

<sup>28</sup> Ver transcrição das entrevistas em anexos.

estereótipo do locutor “papagaio”, cujo único atributo válido era a sua potente voz. Outros, como Paulo Tavares da TSF e José Manuel Rosendo da Antena 1, defendem a naturalidade da voz, ou seja, consideram que não é necessária a sua colocação ou a preocupação excessiva com a técnica. Paulo Tavares afirma que não tenta colocar a voz, que fala naturalmente, porque se não coloca a voz em conversa informal e é entendido pelos outros, também não tem necessidade de o fazer na rádio. Para o jornalista “não é preciso estar a criar personagens ao microfone”, já não estamos no tempo em que existia uma “teatralização” da voz. José Manuel Rosendo defende que o importante é sentirmo-nos confortáveis com a nossa voz e que é esse conforto que nos vai tornar mais seguros e por consequência, transmitir credibilidade ao ouvinte. Esta credibilidade é um conceito-chave empregue por alguns dos entrevistados, cientes de que a voz é um instrumento de credibilização em rádio.

À questão da educação da voz os jornalistas em geral responderam que é necessária, sendo que alguns frisaram a importância de ouvir os próprios trabalhos para saber onde melhorar. Teresa Bizarro da TSF, considera que foi preciso educar a sua voz de forma a deixar de reproduzir os tons dos outros profissionais. A jornalista compara esta questão da imitação da voz, com a música. Quando cantamos algo de outra pessoa, temos tendência a tentar aproximar-nos do registo desse cantor. Teresa Bizarro revela que um dos pontos de viragem na sua carreira em rádio foi quando, num noticiário, encontrou o seu tom.

A naturalidade está mais uma vez em evidência nesta questão, principalmente para José Pedro Frazão da Rádio Renascença e Débora Henriques da RCP. José Pedro Frazão tenta que a voz seja natural, admitindo, no entanto, que há certos pormenores que se vão trabalhando, dando aqui a ideia de que esse trabalho não seja forçado, mas sim bastante espontâneo. Débora Henriques afirma que a educação da voz acontece todos os dias, de cada vez que se vai ao microfone. Esta forma de evoluir natural e de forma alguma apressada é muito positiva para a jornalista, “já que se chega a um ponto que já estamos à vontade perante o microfone e a voz já sai normalmente”.

Quando questionamos os jornalistas em relação a exercícios para treinar a voz, a maioria respondeu que não os pratica, com excepção de momentos em que sente que não tem segurança na voz, como é o caso de José Manuel Rosendo da Antena 1. José

Pedro Frazão da Rádio Renascença usa o canto para aquecer a voz e Sofia Frazoa da RCP aquece a voz enquanto faz a viagem para a rádio. A jornalista é a única que revela usar estes exercícios numa base diária.

Sobre os cuidados com a voz, os jornalistas revelam alguma preocupação e admitem que não cuidam o suficiente da sua voz. Quase todos fumam e indicam não descansar o suficiente. No entanto, há um cuidado que é constante: não ingerir bebidas muito frescas. Os entrevistados respondem a esta questão não na primeira pessoa, mas sim em forma de conselho para os outros e para si próprios. Indicam o que se deve e o que não se deve fazer. Para além de não beber coisas muito frescas, é importante beber água, de forma a hidratar as cordas vocais, proteger-se do frio e das mudanças bruscas de temperatura, muitas vezes provocadas pelo ar-condicionado (inimigo da voz), não gritar e não beber muito café.

Chegados à questão do peso da voz para a sua admissão na rádio, as opiniões dos jornalistas dividem-se. Para Paulo Tavares e Teresa Bizarro da TSF, assim como para Sofia Frazoa da RCP e Sérgio Infante da Antena 1, a voz não teve um papel importante na sua entrada para a profissão. Já os restantes entrevistados atribuem uma extrema relevância à voz, quando se trata de recordar as características que pensam ter contribuído para o início da profissão. Para José Pedro Frazão da Rádio Renascença a voz é um “trunfo”. Segundo o jornalista, se houver dois candidatos ao mesmo lugar com as mesmas potencialidades, aquele que tiver a melhor voz estará sempre em grande vantagem. José Manuel Rosendo da Antena 1 critica a falta de frontalidade existente na rádio. Para o jornalista, as pessoas que não possuem um instrumento vocal tão bom deviam ser avisadas logo, para não criarem falsas esperanças.

A credibilidade é um dos pontos mais focados nas respostas à questão sobre a voz que um jornalista radiofónico deve ter. Para quase todos os entrevistados, a voz deve ser capaz de transmitir essa credibilidade, essencial se falarmos de informação. A voz grave associa-se a esta credibilidade. A eficácia na comunicação, através do tom afirmativo é também revelada pelos jornalistas como uma característica fundamental da voz. Teresa Bizarro da TSF indica que a voz tem que ser capaz de se modular consoante os acontecimentos que se estão a noticiar.

No que concerne à escrita das notícias, todos os jornalistas constroem o seu próprio material e muitos utilizam as reticências para assinalar as pausas, o sublinhado ou negrito para saberem quando enfatizar acentuadamente certa palavra e privilegiam a frase curta. Apesar destas técnicas de escrita serem uma constante, Teresa Bizarro da TSF considera que a riqueza da pontuação é grande demais para não ser aproveitada e opta por pontuar da forma convencional.

Dos animadores de rádio entrevistados, nenhum tem formação académica, sendo que todos apontam a experiência como a sua maior forma de aprendizagem.

Quanto à formação específica em voz, apenas Miguel Fernandes da TSF ainda não teve tempo, embora se preocupe e tenha intenção de o fazer. Os restantes animadores já fizeram pequenos cursos de técnicas de voz, dicção e colocação.

A terceira pergunta da entrevista questiona o papel da voz no desempenho da profissão. Aqui a resposta é unânime: a voz é extremamente importante, uma vez que como afirma Augusto Fernandes da Antena 1, é o “único elo de ligação” com o ouvinte. Os animadores atribuem à voz uma grande importância, já que esta, segundo Paulino Coelho da Rádio Renascença, é “a imagem do locutor”. O animador considera que não se trata apenas de ter um tom agradável, mas também da expressividade e emotividade que a voz deve transportar. Uma voz que carregue sentimentos consegue aproximar o animador do ouvinte, o que é meio caminho andado para passar uma mensagem. Paulino Coelho é apologista da expressão de sentimentos por parte do animador, uma vez que considera esta exposição enriquecedora, tanto para o animador, como para o ouvinte: “ (...) o locutor não deve esconder nada através da voz. Se lhe apetecer chorar, chora e mostra isso na voz.”

A democratização no acesso à rádio é também focada, na resposta a esta questão. Para Miguel Fernandes da TSF, a liberalização fez com que se banalizasse a voz o que não devia ter acontecido. Segundo o jornalista, a voz devia ter mais importância em rádio. Aurélio Gomes da RCP é mais brando com a questão do livre acesso à rádio. Considera que esta mudança foi positiva, mas se o animador tiver uma boa voz tudo se torna mais fácil, já que como afirma, “é um campo complicado o da voz em rádio”. Estamos a falar de uma coisa imensurável, que entra no plano dos afectos e da sedução.

O importante é chegar ao coração, tocar os ouvintes pelo lado emocional. Se isso for conseguido, a transmissão da mensagem será muito mais eficaz.

Para Miguel Fernandes da TSF e Augusto Fernandes da Antena 1 a educação da voz é um processo contínuo, é corrigir pequenos erros todos os dias. Paulino Coelho da Rádio Renascença pensa que a educação da voz é importante, mas admite que não o faz, pelo menos de forma consciente. Já Aurélio Gomes da RCP, considera que o mais importante é conhecer bem o próprio instrumento, a própria voz, por forma a conseguir brincar com ela, utilizando todas as suas potencialidades, dependendo da situação.

Quando questionados acerca dos exercícios que realizam para treinar a voz, todos os animadores revelam que não os fazem de uma forma regular, apenas quando sentem que necessitam de soltar os músculos, quando sentem a voz presa.

Os cuidados com a voz que os animadores têm são semelhantes aos dos jornalistas entrevistados: tentam não beber bebidas muito frescas, não gritar e descansar. Augusto Fernandes da Antena 1 revela que não pode comer alimentos muito ácidos, já que a acidez lhe tira os graves da voz. Tenta não gravar depois das refeições e manter-se afastado das correntes de ar e do ar-condicionado frio. Aurélio Gomes da RCP indica que não tem cuidados com a voz e que faz uma coisa que pensa que não devia fazer: fumar.

A voz que possuem foi para Aurélio Gomes da RCP e Augusto Fernandes da Antena 1 um elemento fundamental inquestionável para iniciarem a sua carreira em rádio. Já para os restantes animadores a voz foi importante, mas o essencial é saber fazer as restantes coisas, em vez de ser um locutor “papagaio”. Para Paulino Coelho da Rádio Renascença o que conta é o à vontade e a eficácia na comunicação, mais do que propriamente a voz.

Quando questionados acerca do que é uma boa voz para um animador em rádio, todos os entrevistados falam numa voz grave que transmita credibilidade, sendo que diferenciam homens e mulheres. Os homens devem ter uma voz grave e as mulheres também grave, mas um pouco menos. A mulher deve ter o que Aurélio Gomes da RCP apelida de “voz de cama”. Uma voz minimamente grave e sedutora. Para além do tom, a dicção é também apresentada como um elemento importante, assim como a eficácia na comunicação e o facto de a voz ser, como indica Paulino Coelho Rádio Renascença,

limpa e perceptível. Paulino Coelho fala no carácter *friendly* do animador, que se torna mais importante que a voz, uma vez que cria proximidade com o ouvinte.

Quanto ao tipo de voz preferido pelos ouvintes os animadores consideram também ser o grave, embora Aurélio Gomes da RCP fale na preferência dos ouvintes como uma questão muito relativa.

Entrevistámos sobretudo animadores de continuidade, ou seja os que conduzem a emissão, que fazem os espaços entre as músicas e notícias, por exemplo. E são estes guiões de continuidade que utilizam, Augusto Fernandes da Antena 1 fala-nos do mapa de emissão, Paulino Coelho da Rádio Renascença da emissão de continuidade e Miguel Fernandes da TSF da grelha. Aurélio Gomes da RCP afirma que usa um guião, mas muito aberto. O guião é para o animador uma rede de segurança.

A forma como os animadores escrevem os guiões é semelhante. A direcção ou produção faz o “esqueleto” da emissão e os animadores complementam com as suas notas. Os entrevistados não escrevem tudo o que vão dizer. Augusto Fernandes da Antena 1 escreve a base do guião e improvisa o restante, se bem que considere que “o melhor improvisado é o escrito”. Também Aurélio Gomes da RCP, gosta de improvisar. Escreve o seu guião por tópicos e afirma que, ao contrário do que é habitual, gosta de gaguejar, de andar à procura da melhor palavra, pois considera que isso enriquece a comunicação.

Quanto à importância que o guião tem para os animadores entrevistados, as opiniões são diferentes. Augusto Fernandes da Antena 1 atribui uma enorme importância ao guião. Afirma que é essencial ter uma boa base escrita e que depois o resto depende da “arte” do animador para improvisar e conduzir a emissão da melhor forma. Esta arte, segundo o animador, não é inata, vai-se aprendendo a dominá-la com a experiência. Para Paulino Coelho da Rádio Renascença o guião é também fundamental. O animador revela que já trabalhou numa base de improvisado total e parcial, podendo por isso avaliar a importância de ter um guião. O guião é para Paulino Coelho uma rede de segurança e é importante escrever tudo, o que não quer dizer, como o próprio afirma, que se vá ler tudo exactamente como está no papel. Mas ter o guião significa ter a segurança de ter um suporte para eventuais brancas.

Relativamente às hipóteses que colocámos quanto aos profissionais, consideramos que estas foram comprovadas, ainda que não completamente.

A primeira hipótese prende-se com a preocupação que os profissionais têm em escrever os seus próprios textos. Através da entrevista verificamos que os animadores e jornalistas revelam esta preocupação, embora nem sempre seja possível, devido ao tempo ser por vezes reduzido ou a condicionamentos de cada estação. Mas, em geral, todos escrevem, nem que seja uma parte dos próprios textos, até porque consideram que é uma forma de não se enganarem ou engasgarem, uma vez que cada um tem o seu estilo próprio de escrever, que pode não se adequar a quem lê.

A segunda hipótese, ainda relacionada com a escrita, foi também comprovada, com quase todos os jornalistas e alguns animadores, sendo que a técnica mais utilizada é a das reticências para marcar as pausas. O sublinhado, o negrito, a escrita em colunas reduzidas e as barras para marcar pausas acentuadas e paragens são outras das técnicas que os profissionais utilizam com vista a lerem melhor o texto. Por outro lado há profissionais, como é o caso de Teresa Bizarro da TSF, que não vêem a necessidade de aplicar estes truques e preferem escrever correctamente, com todas as vírgulas, pontos finais e parágrafos.

O texto/guião como peça fundamental no trabalho dos animadores e jornalistas, foi outra das hipóteses que apresentamos inicialmente. A hipótese veio a comprovar-se, embora no caso dos animadores o improvisado tenha também um grande papel. Contudo, até para os animadores é importante ter um guião, nem que seja como rede de segurança para prevenir eventuais falhas.

A nossa quarta hipótese apontava para que a voz fosse considerada importante pelos profissionais de rádio. Através da análise das entrevistas viemos a comprovar que de facto, a voz é tida pelos animadores e jornalistas como uma parte de extrema importância no processo de fidelização do ouvinte. De forma generalizada, os profissionais consideram a voz importante, sendo uns mais entusiásticos que outros. A voz é essencial, mas não o único elemento a ter em conta, já que a postura, a dicção e a eficácia na comunicação também são elementos fundamentais.

Por fim, colocamos a hipótese de os profissionais já não darem tanta importância à voz como se dava antes da “democratização” no acesso à rádio. Com as entrevistas

que realizamos, percebemos que a importância dada à voz ainda é muita e nalguns casos ainda é a mesma, pelos mesmos motivos, uma vez que os entrevistados viveram esse período de pré-liberalização também. O que mudou foi o facto de os profissionais serem “mais completos”. Além de serem bons no que concerne à voz, devem escrever bem, ler bem, serem eficazes na comunicação.

Quanto às diferenças entre jornalistas e animadores, consideramos que se encontram essencialmente na voz, na forma como a encaram. Os animadores olham para a voz como transmissora de sentimentos, como elemento sedutor. Têm uma atitude mais espontânea e livre em relação ao que fazer com a voz. Isso pode dever-se ao facto de os jornalistas terem menos liberdade na forma como utilizam as potencialidades da voz, já que o seu objectivo principal é transmitir eficazmente a notícia e passar credibilidade, enquanto que os animadores procuram ser “amigos” do ouvinte e criar empatia com ele.

#### **4.4. Explicação da não inclusão das questões quatro e dezoito na análise**

Embora a questão quatro estivesse relacionada com a voz, optámos por não a incluir na análise, já que esta não tem directa relevância para o estudo e serve apenas para, a título de curiosidade, conhecer a perspectiva acerca da voz que os profissionais tinham antes de fazerem rádio.

A questão dezoito, relativa ao panorama actual dos noticiários radiofónicos, obteve respostas bastante interessantes e relevantes, no que concerne à opinião dos jornalistas relativamente ao estado actual do jornalismo actual. Mas essa questão numa análise ao papel dado pelos profissionais à voz e à forma de falar em rádio seria desenquadrada, embora aconselhemos a leitura das respostas dadas, para enriquecimento pessoal.

#### 4.5. Resultados da análise qualitativa

Assim como aconteceu no inquérito, pensamos que o método qualitativo, que se traduziu em entrevistas aos profissionais da voz em rádio, foi importante para conhecermos o papel da voz e da locução em rádio.

Os jornalistas e animadores que entrevistámos, e que consideramos serem representativos desta classe em Portugal, dão, de uma forma geral, bastante importância à voz como elemento de credibilização e como transmissora de sentimentos que criam ligações com o ouvinte e o prendem à rádio.

Quanto à escrita, consideram essencial ter um guião e aplicar certas técnicas gráficas para melhor *ler como quem fala*, tendo em conta a especificidade do meio radiofónico.

Ainda assim, julgamos que as questões podiam ter sido melhor trabalhadas e algumas podiam ter sido retiradas e substituídas por outras. A última questão é, de facto, interessante, mas não tem sentido num estudo como este, a não ser que lhe seja acrescentada uma ligação com a voz ou com a forma de escrever os textos. Podíamos também ter sido mais específicos na penúltima questão e tê-la transformado em “De que forma escreve as notícias para melhor as ler? Utiliza pontuação ou sinais gráficos específicos?” Esta questão, já modificada, podia ter sido acrescentada no Grupo II, para conhecer também a perspectiva dos animadores quanto às técnicas de escrita.

A forma como foram conduzidas as entrevistas também podia ter sido melhor conseguida. Uma certa insegurança e inexperiência traduziu-se na não-resposta de alguns entrevistados às questões pretendidas. Consideramos que deixamos que os entrevistados se prolongassem demasiado e que divagassem, em vez de os tentar puxar para as questões que desejávamos terem sido respondidas

Apesar destas falhas no decorrer do método qualitativo, julgamos que as respostas que conseguimos obter são de extrema relevância para o objectivo deste trabalho e de alguma forma ilustram o papel que os profissionais de informação e animação atribuem à voz no exercício das suas profissões.

## **PARTE III CONCLUSÃO**

Após a exploração teórica do tema, da formulação das hipóteses e da sua experimentação prática por meio dos métodos qualitativo e quantitativo, chegamos a uma conclusão simultaneamente simples e complexa: A Rádio é Voz.

A Rádio é Voz porque esta é o instrumento principal de quem nela trabalha, porque sem voz não haveria sequer razão para a sua existência. É voz, porque a voz aproxima os elementos-chave da comunicação radiofónica: o emissor que é o animador ou jornalista e o receptor que é o ouvinte. É voz, porque a voz condiciona a mensagem, fá-la adquirir características alegres ou tristes, formais ou informais, leves ou pesadas.

A voz é a força motriz da rádio. Mas, a voz não é tudo. Já foi quase tudo em tempos, antes da democratização do acesso à profissão, mas hoje em dia não é o principal. Pelo menos não o é para todos. A voz é importante actualmente, não por ser o principal elemento em rádio, mas por fazer parte de um conjunto de factores importantes. Está integrada numa série de características que os jornalistas e animadores devem ter, como são a eficácia na comunicação, o domínio da escrita radiofónica, a leitura oralizada, a boa dicção, controlo da respiração, entre outros.

Naquele que era o nosso objectivo principal, conhecer o papel da voz e da locução em rádio, principalmente para os seus intervenientes directos, os ouvintes e os profissionais, julgamos ter sido minimamente eficazes, porque havia ainda muito mais a descortinar, porque ficou ainda muito por explorar, quer a nível teórico, quer a nível prático.

Ao nível teórico pensamos que podia ter sido explorado o lado mais técnico da voz, focando aspectos como a respiração, o ritmo, a dicção e a articulação dos sons, entre outros aspectos relacionados com a voz.

As temáticas exploradas, como a escrita, a forma de falar e a voz podiam ter sido mais aprofundadas, facto que não aconteceu devido por um lado à natureza do trabalho, por outro à escassez de recursos bibliográficos.

A perspectiva da terapia da fala podia também ter sido introduzida de uma forma mais profunda.

Consideramos que a opinião das pessoas que trabalham com a voz e com a fala ao seu nível mais técnico seria um contributo importante para este trabalho e para servir o seu objectivo.

A nível prático, avaliando a questão *a posteriori*, é fácil concluir, como aliás já foi referido, que os dois métodos podiam ter sido melhor trabalhados, quer ao nível das questões introduzidas, quer ao nível da sua aplicação.

As falhas existentes no decorrer e conclusão deste trabalho, apesar nos desapontarem, abrem-nos portas para uma possível investigação futura sobre o mesmo tema, na qual, tendo noção das limitações e erros cometidos anteriormente, julgamos ser possível melhorar em muito os aspectos menos positivos do presente estudo.

Apesar das suas limitações, este trabalho tem o mérito de ser original, uma vez que aborda uma temática ainda pouco estudada em Portugal e poderá assim servir de introdução à exploração académica do papel da voz e locução em rádio, campo que pensamos ser necessário aprofundar, dada a sua relevância para o meio.

Além da sua pertinência a nível académico, julgamos que o presente estudo poderá estimular as rádios a darem uma maior atenção à voz e à locução, apostando em mais acções de formação e discussões sobre o tema.

A realização deste estudo foi extremamente enriquecedora, já que nos permitiu descobrir e aprofundar conhecimentos sobre a voz e a forma de falar em rádio. Esperamos então, que possa aguçar a curiosidade e incentivar a investigação na área.

## BIBLIOGRAFIA

Bahia, Juarez, *Jornal, História e Técnica – As técnicas do Jornalismo*, São Paulo, Editora Ática, 1990.

Barea, Pedro & Montalvillo, Roberto, *Radio: Redacción y guiones*, Bilbao Universidad del País Vasco/ Euskal Herriko Unibertsitatea, Serviço Editorial, 1992.

Boyd, Andrew, *Broadcast Journalism – Techniques of Radio & TV News* ( 3<sup>rd</sup> reviewed edition), Oxford, Focal Press, 1994.

Caetano, Joaquim, Monteiro, Ana Cristina, Marques, Humberto, Lourenço, João, *Fundamentos de Comunicação*, Lisboa, Edições Sílabo. 2006.

*Dicionário de Ciências da Comunicação*, Isabel Vaz Ponce de Leão, José Esteves, coordenação de Włodzimierz Josetskymaniak, Porto Editora, Porto, 2000

Fidalgo, António, *Semiótica, a Lógica da Comunicação*, Covilhã, Estudos em Comunicação, Universidade da Beira Interior, 1998.

Fairclough, Norman, *Language and Power – Language in social life series*, 2<sup>a</sup> Edição, Londres, Pearson Education, 2001.

Górgias. *Elogio de Helena*, in *Testemunhos e fragmentos*, Tradução de Inês de O. Castro e Manuel Barbosa, Lisboa, Colibri, 197?

Guerra, João Paulo, Rodrigues, Adriano Duarte, *Colóquios sobre Rádio*, Lisboa, Sociedade Portuguesa de Autores, Publicações D. Quixote, 1996.

Gusdorf, Georges, *A Palavra – Função – Comunicação - Expressão*, Lisboa, Edições 70, 1995.

Hilliard, Robert L., *Writing for Television and Radio*, California, Belmont ,Wadsworth Publishing Company, 1991.

Jeanneney, Jean – Noel. Lisboa, *Uma História da Comunicação Social*, Terramar, 1996.

Keith, Michael C., *Voices in the Purple Haze - Underground Radio and the Sixties*, Westport, Library of Congress, Praeger Publishers, 1997.

Lavoigne, Yves, Lisboa, *A Rádio*, Vega, s.d.

Lewis, Peter M. & Booth, Jerry., *The Invisible Medium, Public, Commercial and Community Radio*, Houndmills, Basingstoke , Hampshire RG2d, 2xs and London, The Macmillan Press LTD, 1989.

Mcleish, Robert, *Produção de Rádio – um guia abrangente da produção radiofónica*, São Paulo, Summus, 2001.

Mcluhan, Marshall, *Understanding Media: the extension of man*, 3ª edição, Massachusetts, The MIT Press, 1994.

Mcluhan, Marshall, *The Gutenberg Galaxy: The Making of Typographic Man*, Toronto, University of Toronto Press, 1962.

Meneses, João Paulo, *Tudo o que se passa na TSF...Para um “livro de estilo”*, Porto, Jornal de Notícias, Junho de 2003.

Nobre, Vítor M. S., *A voz como instrumento de “credibilização” na Comunicação in De Gutemberg ao Terceiro Milénio – Congresso Internacional de Comunicação*, Lisboa 67 e 8 de Abril, ACTAS, 2001, pp. 303-308.

Ortiz, Miguel Angel & Marchamalo Jesus, *Técnicas de comunicación en radio – la realización radiofónica*, Barcelona, Ediciones Paidós Ibérica, 1994.

Sakolsky, Ron & Dunifer Stephen, *Seizing the Airwaves – a free radio handbook*, Edinburgh, AK Press, 1998.

Tenório, Ivan, *La Nueva Radio – Manual completo del radiofonista moderno*, Marcombo, Barcelona, 2008.

Tubau, Iván, *Periodismo Oral, hablar e escribir para radio e televisión*, Barcelona, Paidós, 1994.

Watzlawick, Paul, *The Language of Change, Elements of therapeutic communication*, New york, W.W. Norton Company, 1993.

[www.marktest.pt](http://www.marktest.pt)

## **ANEXOS**

## Tabelas de resultados dos inquéritos

### Geração 15-25 anos

| Amostra | Sexo | Idade | Habilitações Literárias | 1        | 2   | 3                                |
|---------|------|-------|-------------------------|----------|-----|----------------------------------|
| 1       | F    | 23    | 12º                     | TRABALHO | > 3 | MÚSICA                           |
| 2       | M    | 15    | 9º                      | CARRO    | 1   | MÚSICA                           |
| 3       | F    | 19    | 12º                     | CARRO    | 1   | ENTRETENIMENTO/MÚSICA            |
| 4       | F    | 20    | 12º                     | CARRO    | < 1 | ENTRETENIMENTO                   |
| 5       | M    | 25    | 12º                     | CARRO    | < 1 | DESPORTO/MÚSICA                  |
| 6       | M    | 22    | LICENCIATURA            | CARRO    | < 1 | ENTRETENIMENTO                   |
| 7       | F    | 25    | LICENCIATURA            | CASA     | 2   | ENTRETENIMENTO/INFORMAÇÃO/MÚSICA |
| 8       | M    | 21    | LICENCIATURA            | CARRO    | 1   | MÚSICA                           |
| 9       | M    | 22    | 12º                     | CARRO    | 1   | MÚSICA                           |
| 10      | M    | 22    | LICENCIATURA            | TRABALHO | < 1 | CULTURA                          |
| 11      | F    | 25    | OUTRAS                  | CARRO    | 2   | ENTRETENIMENTO/MÚSICA            |
| 12      | F    | 25    | 12º                     | TRABALHO | 3   | ENTRETENIMENTO/INFORMAÇÃO/MÚSICA |
| 13      | F    | 24    | PÓS-GRADUAÇÃO           | CARRO    | 1   | ENTRETENIMENTO                   |
| 14      | M    | 22    | PÓS-GRADUAÇÃO           | CARRO    | < 1 | INFORMAÇÃO                       |
| 15      | F    | 23    | LICENCIATURA            | TRABALHO | > 3 | MÚSICA                           |
| 16      | F    | 24    | PÓS-GRADUAÇÃO           | TRABALHO | > 3 | INFORMAÇÃO                       |
| 17      | M    | 23    | MESTRADO                | TRABALHO | > 3 | DESPORTO                         |
| 18      | M    | 23    | LICENCIATURA            | CARRO    | < 1 | INFORMAÇÃO                       |
| 19      | F    | 26    | 12º                     | TRABALHO | > 3 | MÚSICA                           |
| 20      | F    | 23    | MESTRADO                | CASA     | 1   | ENTRETENIMENTO/INFORMAÇÃO/MÚSICA |
| 21      | F    | 23    | MESTRADO                | OUTRO    | < 1 | ENTRETENIMENTO/INFORMAÇÃO        |
| 22      | F    | 25    | PÓS-GRADUAÇÃO           | CASA     | < 1 | MÚSICA                           |
| 23      | M    | 22    | LICENCIATURA            | CASA     | < 1 | MÚSICA                           |
| 24      | M    | 24    | LICENCIATURA            | CARRO    | < 1 | INFORMAÇÃO                       |
| 25      | F    | 26    | PÓS-GRADUAÇÃO           | CASA     | < 1 | INFORMAÇÃO/MÚSICA                |
| 26      | F    | 23    | PÓS-GRADUAÇÃO           | TRABALHO | 2   | ENTRETENIMENTO/INFORMAÇÃO/MÚSICA |
| 27      | F    | 16    | 9º                      | CASA     | 3   | MÚSICA                           |
| 28      | M    | 16    | 9º                      | CARRO    | < 1 | MÚSICA                           |
| 29      | F    | 15    | 9º                      | CARRO    | < 1 | MÚSICA                           |
| 30      | M    | 16    | 9º                      | CASA     | 2   | DESPORTO/MÚSICA                  |
| 31      | M    | 18    | 12º                     | CARRO    | 1   | MÚSICA                           |
| 32      | M    | 16    | 9º                      | CARRO    | < 1 | MÚSICA                           |
| 33      | F    | 19    | 12º                     | CARRO    | < 1 | MÚSICA                           |
| 34      | F    | 16    | 9º                      | CARRO    | 1   | MÚSICA                           |
| 35      | M    | 15    | 9º                      | CARRO    | < 1 | MÚSICA                           |
| 36      | F    | 17    | 12º                     | CARRO    | < 1 | MÚSICA                           |
| 37      | F    | 15    | 9º                      | CARRO    | 1   | MÚSICA                           |

| Amostra | 4                     | 6   | 7          | 8            | 9          |
|---------|-----------------------|-----|------------|--------------|------------|
| 1       | RÁDIO COVILHÃ         | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 2       | BEST ROCK             | SIM | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | MTO ALTO   |
| 3       | RÁDIO COMERCIAL       | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 4       | ANTENA 3              | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 5       | TSF                   | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 6       | RÁDIO COMERCIAL       | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 7       | ANTENA 3              | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 8       | NOVA ERA              | NÃO | GRAVE      | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 9       | ANTENA 3              | SIM | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 10      | ANTENA 3              | NÃO | GRAVE      | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 11      | RFM                   | SIM | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 12      | RFM                   | SIM | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 13      | RÁDIO COMERCIAL       | NÃO | GRAVE      | RAPIDAMENTE  | INTERMÉDIO |
| 14      | ANTENA 2              | NÃO | GRAVE      | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 15      | ANTENA 3              | NÃO | GRAVE      | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 16      | TOTAL FM              | SIM | GRAVE      | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 17      | RFM                   | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 18      | RFM                   | SIM | MTO GRAVE  | COMPASSADA/. | BAIXO      |
| 19      | ANTENA 3              | SIM | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | ALTO       |
| 20      | RÁDIO COMERCIAL       | SIM | GRAVE      | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 21      | ANTENA 1              | NÃO | GRAVE      | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 22      | RFM                   | SIM | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 23      | BEST ROCK             | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 24      | RÁDIO CLUBE PORTUGUÊS | SIM | GRAVE      | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 25      | RFM                   | NÃO | GRAVE      | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 26      | CIDADE FM             | NÃO | GRAVE      | RAPIDAMENTE  | ALTO       |
| 27      | RFM                   | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | ALTO       |
| 28      | RFM                   | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | ALTO       |
| 29      | MEGA FM               | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 30      | CIDADE FM             | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 31      | CIDADE FM             | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | ALTO       |
| 32      | RFM                   | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 33      | CIDADE FM             | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 34      | RFM                   | SIM | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 35      | RFM                   | NÃO | GRAVE      | COMPASSADA/. | ALTO       |
| 36      | RFM                   | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 37      | CIDADE FM             | NÃO | INTERMÉDIA | RAPIDAMENTE  | INTERMÉDIO |

| Amostra | 10  | 11  | 12         | 13           | 14         | 15  | 16  |
|---------|-----|-----|------------|--------------|------------|-----|-----|
| 1       | SIM | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO | SIM | SIM |
| 2       | NÃO |     |            |              |            |     |     |
| 3       | NÃO |     |            |              |            |     |     |
| 4       | SIM | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO | SIM | SIM |
| 5       | NÃO |     |            |              |            |     |     |
| 6       | NÃO |     |            |              |            |     |     |
| 7       | SIM | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO | SIM | SIM |
| 8       | SIM | SIM | GRAVE      | RAPIDAMENTE  | ALTO       | SIM | SIM |
| 9       | SIM | SIM | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO | SIM | NÃO |
| 10      | SIM | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO | SIM | SIM |
| 11      | SIM | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO | SIM | SIM |
| 12      | SIM | SIM | GRAVE      | COMPASSADA/. | ALTO       | SIM | SIM |
| 13      | SIM | NÃO | GRAVE      | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO | SIM | SIM |
| 14      | SIM | NÃO | GRAVE      | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO | NÃO | SIM |
| 15      | SIM | NÃO | GRAVE      | RAPIDAMENTE  | ALTO       | SIM | SIM |
| 16      | SIM | NÃO | GRAVE      | RAPIDAMENTE  | INTERMÉDIO | SIM | SIM |
| 17      | SIM | NÃO | GRAVE      | RAPIDAMENTE  | INTERMÉDIO | SIM | SIM |
| 18      | SIM | NÃO | GRAVE      | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO | SIM | SIM |
| 19      | SIM | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | ALTO       | SIM | SIM |
| 20      | SIM | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO | SIM | SIM |
| 21      | SIM | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO | NÃO | SIM |
| 22      | NÃO |     |            |              |            |     |     |
| 23      | NÃO |     |            |              |            |     |     |
| 24      | SIM | NÃO | GRAVE      | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO | SIM | SIM |
| 25      | NÃO |     |            |              |            |     |     |
| 26      | SIM | NÃO | GRAVE      | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO | SIM | SIM |
| 27      | NÃO |     |            |              |            |     |     |
| 28      | NÃO |     |            |              |            |     |     |
| 29      | SIM | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO | NÃO | NÃO |
| 30      | NÃO |     |            |              |            |     |     |
| 31      | NÃO |     |            |              |            |     |     |
| 32      | NÃO |     |            |              |            |     |     |
| 33      | NÃO |     |            |              |            |     |     |
| 34      | SIM | SIM | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO | SIM | SIM |
| 35      | NÃO |     |            |              |            |     |     |
| 36      | NÃO |     |            |              |            |     |     |
| 37      | NÃO |     |            |              |            |     |     |

## Geração 25-40 anos

| Amostra | Sexo | Idade | Habilitações Literárias | 1        | 2   | 3  |
|---------|------|-------|-------------------------|----------|-----|--|
| 1       | M    | 26    | 12º                     | CARRO    | 2   | ENTRETENIMENTO/MÚSICA                    |
| 2       | F    | 27    | LICENCIATURA            | CARRO    | < 1 | ENTRETENIMENTO                           |
| 3       | F    | 27    | LICENCIATURA            | CARRO    | < 1 | MÚSICA                                   |
| 4       | F    | 27    | LICENCIATURA            | CASA     | 1   | ENTRETENIMENTO                           |
| 5       | F    | 30    | LICENCIATURA            | TRABALHO | 3   | ENTRETENIMENTO/MÚSICA                    |
| 6       | M    | 36    | LICENCIATURA            | CARRO    | <1  | ENTRETENIMENTO/INFORMAÇÃO                |
| 7       | F    | 36    | LICENCIATURA            | CARRO    | 1   | ENTRETENIMENTO/INFORMAÇÃO/CULTURA/MÚSICA |
| 8       | F    | 30    | LICENCIATURA            | CARRO    | 1   | INFORMAÇÃO                               |
| 9       | F    | 38    | 9º                      | CASA     | > 3 | ENTRETENIMENTO/MÚSICA                    |
| 10      | F    | 38    | LICENCIATURA            | CARRO    | 1   | ENTRETENIMENTO/MÚSICA                    |
| 11      | F    | 32    | LICENCIATURA            | CARRO    | 1   | ENTRETENIMENTO/MÚSICA                    |
| 12      | F    | 30    | 12º                     | CARRO    | 2   | ENTRETENIMENTO/MÚSICA                    |
| 13      | M    | 34    | LICENCIATURA            | TRABALHO | 3   | ENTRETENIMENTO                           |
| 14      | M    | 40    | 12º                     | CARRO    | > 3 | INFORMAÇÃO/DESPORTO/MÚSICA               |
| 15      | F    | 33    | LICENCIATURA            | CASA     | 2   | ENTRETENIMENTO/MÚSICA                    |
| 16      | M    | 27    | LICENCIATURA            | CARRO    | 1   | ENTRETENIMENTO/CULTURA                   |
| 17      | F    | 31    | LICENCIATURA            | CARRO    | 1   | ENTRETENIMENTO/INFORMAÇÃO/CULTURA/MÚSICA |
| 18      | F    | 31    | LICENCIATURA            | CARRO    | 1   | ENTRETENIMENTO/INFORMAÇÃO                |
| 19      | M    | 27    | 12º                     | CARRO    | 1   | MÚSICA                                   |
| 20      | M    | 30    | 12º                     | CARRO    | 3   | MÚSICA                                   |
| 21      | F    | 31    | OUTRAS                  | CARRO    | < 1 | ENTRETENIMENTO                           |
| 22      | M    | 27    | LICENCIATURA            | CARRO    | 1   | MÚSICA                                   |
| 23      | F    | 26    | LICENCIATURA            | CARRO    | < 1 | MÚSICA                                   |
| 24      | F    | 27    | 12º                     | CASA     | 2   | MÚSICA                                   |
| 25      | M    | 28    | LICENCIATURA            | CARRO    | 1   | MÚSICA                                   |
| 26      | M    | 28    | LICENCIATURA            | CASA     | 3   | MÚSICA                                   |
| 27      | M    | 29    | MESTRADO                | CARRO    | 1   | MÚSICA                                   |
| 28      | F    | 31    | LICENCIATURA            | CASA     | 3   | MÚSICA                                   |
| 29      | F    | 33    | LICENCIATURA            | CARRO    | 2   | MÚSICA                                   |
| 30      | F    | 37    | 12º                     | CASA     | 2   | ENTRETENIMENTO/MÚSICA                    |

| Amostra | 4               | 6   | 7          | 8            | 9          |
|---------|-----------------|-----|------------|--------------|------------|
| 1       | RFM             | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 2       | RÁDIO COMERCIAL | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 3       | RFM             | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 4       | ANTENA 3        | NÃO | INTERMÉDIA | RAPIDAMENTE  | INTERMÉDIO |
| 5       | RÁDIO COMERCIAL | SIM | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 6       | RFM             | NÃO | GRAVE      | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 7       | TSF             | NÃO | GRAVE      | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 8       | RÁDIO COMERCIAL | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 9       | RFM             | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 10      | RFM             | NÃO | INTERMÉDIA | RAPIDAMENTE  | INTERMÉDIO |
| 11      | ANTENA 3        | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 12      | RFM             | SIM | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 13      | RFM             | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 14      | TSF             | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 15      | RÁDIO COMERCIAL | SIM | GRAVE      | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 16      | RÁDIO COMERCIAL | SIM | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 17      | ANTENA 3        | SIM | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 18      | ANTENA 3        | SIM | GRAVE      | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 19      | ANTENA 3        | NÃO | GRAVE      | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 20      | RFM             | NÃO | GRAVE      | RAPIDAMENTE  | MTO ALTO   |
| 21      | RFM             | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 22      | ANTENA 3        | SIM | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 23      | CIDADE FM       | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 24      | CIDADE FM       | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 25      | RFM             | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 26      | RFM             | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 27      | NOVA ERA        | NÃO | GRAVE      | COMPASSADA/. | ALTO       |
| 28      | ROMÂNTICA FM    | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 29      | CIDADE FM       | NÃO | INTERMÉDIA | RAPIDAMENTE  | ALTO       |
| 30      | RFM             | SIM | GRAVE      | COMPASSADA/. | ALTO       |

| Amostra | 10  | 11  | 12         | 13           | 14         | 15  | 16  |
|---------|-----|-----|------------|--------------|------------|-----|-----|
| 1       | NÃO |     |            |              |            |     |     |
| 2       | NÃO |     |            |              |            |     |     |
| 3       | NÃO |     |            |              |            |     |     |
| 4       | SIM | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO | SIM | SIM |
| 5       | SIM | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO | SIM | SIM |
| 6       | SIM | NÃO | GRAVE      | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO | SIM | SIM |
| 7       | NÃO |     |            |              |            |     |     |
| 8       | SIM | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO | SIM | SIM |
| 9       | SIM | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO | SIM | SIM |
| 10      | SIM | NÃO | INTERMÉDIA | RAPIDAMENTE  | INTERMÉDIO | SIM | SIM |
| 11      | SIM | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO | SIM | SIM |
| 12      | SIM | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO | SIM | SIM |
| 13      | SIM | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO | SIM | SIM |
| 14      | SIM | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO | SIM | SIM |
| 15      | SIM | NÃO | GRAVE      | COMPASSADA/. | ALTO       | SIM | SIM |
| 16      | NÃO |     |            |              |            |     |     |
| 17      | SIM | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO | SIM | SIM |
| 18      | SIM | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO | SIM | SIM |
| 19      | NÃO |     |            |              |            |     |     |
| 20      | SIM | NÃO | GRAVE      | RAPIDAMENTE  | MTO ALTO   | SIM | SIM |
| 21      | SIM | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO | SIM | SIM |
| 22      | SIM | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO | SIM | SIM |
| 23      | NÃO |     |            |              |            |     |     |
| 24      | NÃO |     |            |              |            |     |     |
| 25      | NÃO |     |            |              |            |     |     |
| 26      | SIM | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | ALTO       | SIM | SIM |
| 27      | SIM | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | ALTO       | SIM | SIM |
| 28      | NÃO |     |            |              |            |     |     |
| 29      | NÃO |     |            |              |            |     |     |
| 30      | NÃO |     |            |              |            |     |     |

## Geração 40-60 anos

| Amostra | Sexo | Idade | Habilitações Literárias | 1        | 2   | 3                                |
|---------|------|-------|-------------------------|----------|-----|----------------------------------|
| 1       | F    | 42    | 6º                      | CARRO    | 1   | ENTRETENIMENTO/CULTURA/MÚSICA    |
| 2       | F    | 43    | PÓS-GRADUAÇÃO           | CARRO    | 1   | CULTURA                          |
| 3       | F    | 44    | 12º                     | TRABALHO | > 3 | ENTRETENIMENTO/CULTURA/MÚSICA    |
| 4       | M    | 45    | 9º                      | CARRO    | > 3 | MÚSICA                           |
| 5       | M    | 46    | 12º                     | TRABALHO | > 3 | INFORMAÇÃO/MÚSICA                |
| 6       | F    | 47    | LICENCIATURA            | CARRO    | < 1 | INFORMAÇÃO/MÚSICA                |
| 7       | M    | 47    | LICENCIATURA            | CARRO    | 1   | ENTRETENIMENTO/CULTURA/MÚSICA    |
| 8       | M    | 53    | 9º                      | CARRO    | < 1 | ENTRETENIMENTO/INFORMAÇÃO/MÚSICA |
| 9       | F    | 49    | LICENCIATURA            | CASA     | 2   | MÚSICA                           |
| 10      | F    | 45    | LICENCIATURA            | CARRO    | 1   | MÚSICA                           |
| 11      | M    | 52    | LICENCIATURA            | CARRO    | 1   | INFORMAÇÃO                       |
| 12      | F    | 46    | 9º                      | TRABALHO | > 3 | MÚSICA                           |
| 13      | F    | 44    | 12º                     | CARRO    | < 1 | ENTRETENIMENTO                   |
| 14      | F    | 60    | 4º                      | CASA     | > 3 | INFORMAÇÃO/MÚSICA                |
| 15      | M    | 44    | 9º                      | TRABALHO | > 3 | INFORMAÇÃO                       |
| 16      | F    | 43    | 6º                      | CASA     | > 3 | MÚSICA                           |
| 17      | M    | 49    | 6º                      | CARRO    | 1   | INFORMAÇÃO/MÚSICA                |
| 18      | M    | 41    | 12º                     | CARRO    | 1   | MÚSICA                           |
| 19      | F    | 47    | LICENCIATURA            | CARRO    | < 1 | MÚSICA                           |
| 20      | F    | 48    | 12º                     | CARRO    | < 1 | MÚSICA                           |
| 21      | F    | 51    | MESTRADO                | CARRO    | 1   | MÚSICA                           |
| 22      | F    | 49    | 12º                     | CARRO    | 2   | ENTRETENIMENTO/MÚSICA            |
| 23      | F    | 53    | 12º                     | CASA     | 3   | MÚSICA                           |
| 24      | M    | 56    | 9º                      | CARRO    | < 1 | INFORMAÇÃO                       |
| 25      | F    | 58    | 9º                      | CASA     | > 3 | INFORMAÇÃO/MÚSICA                |

| Amostra | 4               | 6   | 7          | 8            | 9          |
|---------|-----------------|-----|------------|--------------|------------|
| 1       | RÁDIO COVILHÃ   | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 2       | ANTENA 2        | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 3       | COVA DA BEIRA   | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 4       | RÁDIO COMERCIAL | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 5       | RFM             | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 6       | RFM             | SIM | GRAVE      | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 7       | COVA DA BEIRA   | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 8       | RFM             | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 9       | RFM             | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 10      | RFM             | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 11      | TSF             | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 12      | RFM             | SIM | GRAVE      | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 13      | RFM             | SIM | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 14      | RFM             | NÃO | AGUDA      | LENTAMENTE   | ALTO       |
| 15      | TSF             | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 16      | RFM             | SIM | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | ALTO       |
| 17      | RFM             | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 18      | RFM             | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 19      | RFM             | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 20      | RFM             | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 21      | RFM             | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 22      | CIDADE FM       | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 23      | RFM             | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | BAIXO      |
| 24      | TSF             | NÃO | GRAVE      | COMPASSADA/. | ALTO       |
| 25      | RFM             | SIM | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |

| Amostra | 10  | 11  | 12         | 13           | 14         | 15  | 16  |
|---------|-----|-----|------------|--------------|------------|-----|-----|
| 1       | NÃO |     |            |              |            |     |     |
| 2       | SIM | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO | SIM | SIM |
| 3       | SIM | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO | SIM | SIM |
| 4       | SIM | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO | SIM | SIM |
| 5       | SIM | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO | SIM | SIM |
| 6       | SIM | NÃO | GRAVE      | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO | SIM | SIM |
| 7       | NÃO |     |            |              |            |     |     |
| 8       | SIM | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO | NÃO | SIM |
| 9       | SIM | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO | SIM | SIM |
| 10      | SIM | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO | SIM | SIM |
| 11      | SIM | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO | SIM | SIM |
| 12      | SIM | SIM | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO | SIM | SIM |
| 13      | SIM | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO | SIM | SIM |
| 14      | SIM | NÃO | INTERMÉDIA | LENTAMENTE   | ALTO       | SIM | SIM |
| 15      | SIM | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO | SIM | SIM |
| 16      | SIM | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO | SIM | SIM |
| 17      | SIM | NÃO | GRAVE      | COMPASSADA/. | ALTO       | SIM | SIM |
| 18      | SIM | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO | SIM | SIM |
| 19      | NÃO |     |            |              |            |     |     |
| 20      | SIM | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO | SIM | SIM |
| 21      | NÃO |     |            |              |            |     |     |
| 22      | SIM | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO | SIM | SIM |
| 23      | NÃO |     |            |              |            |     |     |
| 24      | SIM | NÃO | GRAVE      | COMPASSADA/. | ALTO       | SIM | SIM |
| 25      | SIM | NÃO | GRAVE      | COMPASSADA/. | ALTO       | SIM | SIM |

## Geração &gt; 60 anos

| Amostra | Sexo | Idade | Habilitações Literárias | 1    | 2   | 3                 |
|---------|------|-------|-------------------------|------|-----|-------------------|
| 1       | F    | 70    | 4º                      | CASA | > 3 | MÚSICA            |
| 2       | F    | 74    | 4º                      | CASA | > 3 | INFORMAÇÃO/MÚSICA |
| 3       | M    | 62    | 6º                      | CASA | 1   | INFORMAÇÃO        |
| 4       | M    | 69    | 6º                      | CAFÉ | 3   | INFORMAÇÃO/MÚSICA |
| 5       | F    | 67    | 6º                      | CASA | 3   | MÚSICA            |
| 6       | M    | 65    | 4º                      | CASA | > 3 | INFORMAÇÃO/MÚSICA |
| 7       | F    | 71    | 4º                      | CASA | > 3 | INFORMAÇÃO/MÚSICA |
| 8       | M    | 76    | 4º                      | CAFÉ | 2   | DESPORTO          |

| Amostra | 4                   | 6   | 7          | 8            | 9          |
|---------|---------------------|-----|------------|--------------|------------|
| 1       | FESTIVAL            | SIM | MTO GRAVE  | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 2       | RÁDIO CLUBE LAMEGO  | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 3       | RÁDIO CLUBE LAMEGO  | NÃO | GRAVE      | COMPASSADA/. | ALTO       |
| 4       | RÁDIO RENASCENÇA    | NÃO | GRAVE      | COMPASSADA/. | ALTO       |
| 5       | RADIO ROMÂNTICA FM  | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO |
| 6       | RÁDIO RENASCENÇA    | NÃO | GRAVE      | COMPASSADA/. | ALTO       |
| 7       | RÁDIO CLUBE COVILHÃ | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | ALTO       |
| 8       | TSF                 | NÃO | GRAVE      | RAPIDAMENTE  | MTO ALTO   |

| Amostra | 10  | 11  | 12         | 13           | 14         | 15  | 16  |
|---------|-----|-----|------------|--------------|------------|-----|-----|
| 1       | NÃO |     |            |              |            |     |     |
| 2       | SIM | NÃO | INTERMÉDIA | COMPASSADA/. | INTERMÉDIO | SIM | SIM |
| 3       | SIM | NÃO | GRAVE      | COMPASSADA/. | MTO ALTO   | SIM | SIM |
| 4       | SIM | NÃO | GRAVE      | COMPASSADA/. | ALTO       | SIM | SIM |
| 5       | NÃO |     |            |              |            |     |     |
| 6       | SIM | NÃO | GRAVE      | COMPASSADA/. | ALTO       | SIM | SIM |
| 7       | SIM | NÃO | GRAVE      | COMPASSADA/. | ALTO       | SIM | SIM |
| 8       | SIM | NÃO | GRAVE      | RAPIDAMENTE  | MTO ALTO   | SIM | SIM |

## Transcrição das Entrevistas

### 1. Paulo Tavares – Jornalista TSF

1. Em relação à área específica de rádio não tenho formação quase nenhuma, tirei um curso de comunicação social na área de publicidade e marketing, tive depois tanto quanto me lembro uma cadeira de produção radiofónica mesmo no final de curso, relativamente tirada à pressa, mas não aproveitei nada disso para a minha vida aqui.

2. Já tivemos aqui cursos na TSF ligados a essa área, dicção... Mas não consegui estar em nenhum, estava inscrito no curso, por um azar começou com um formador, depois acabamos com o último lote, eu fazia parte do último lote de malta que ia assistir ao curso e acabei por não fazer o curso, ainda não. Mas, quer dizer, tenho alguma preocupação, gostaria de, mas ainda não consegui.

3. Não muita, eu acho que a voz...Repare eu estou a falar consigo normalmente, falo normalmente ao telefone, consigo comunicar com toda a gente, creio eu sem grandes problemas, por isso quando vou para o estúdio não tento colocar a voz, nem fazer aquela teatralização que era hábito em Portugal aqui há umas décadas, porque repare não...Se eu consigo comunicar normalmente na minha vida, quer dizer, se falar normalmente lá dentro as pessoas vão, hão-de entender-me. Outra coisa curiosa à volta da voz, por exemplo, nós aqui na TSF não temos por hábito combater os sotaques. E temos sotaques dos mais variados, desde açoreano, alentejano, malta do norte, sendo que o português padrão é o de Coimbra e a pronúncia será a de Coimbra, temos depois um leque imenso de sotaques que não combatemos e isso é mais uma prova, quer dizer, não é preciso estar a criar personagens ao microfone.

4. Não.

5. Não, não sinto que seja, falo normalmente. O que é que nós fazemos? Depois acaba por ser quase instintivo sublinhar coisas que nós temos noção de

que...Comunicação em rádio é muito específica, é um fio que não dá para voltar atrás e temos noção que as partes...Precisamos de sublinhar algumas partes, fazer repetições propositadas, deixar mais clara uma ideia para que o ouvinte não perca essa informação. Aí não creio que seja uma colocação da voz, são truques, são artimanhas que encontramos para reforçar o conteúdo, para reforçar a comunicação.

6. Não

7. Não, devia ter e não tenho. Se calhar devia esforçar menos a voz, sinto que às vezes lá dentro na cabine esforço demasiado a voz, ao fim de um dia...E lá está aí sinto falta da formação, porque se calhar respiro mal ou domino mal a respiração e isso leva a esforçar as cordas vocais, mas sinto que às vezes estou a pisar o risco. E fumo, não devia fumar.

8. Creio que não.

15. Não tem que ter características nenhuma especiais, desde que não tenha nenhuma deficiência óbvia na voz, não é? Desde que se entenda e que consiga, que seja alguém que consiga comunicar com os outros, consegue fazer rádio.

16. Claro, sim.

17. Não, o único truque, se lhe quiser chamar, que faço é escrever numa coluna reduzida, por uma questão de mecânica visual porque ao mudar de linha isso induz erros às vezes, em vez de saltar uma linha salta duas ou volta atrás e quando temos uma viagem muito grande dos olhos ao longo duma página completa isso pode acontecer, por isso tento escrever numa coluna mais concentrada à direita ou ao centro e não uso a pontuação normal que nós usamos para escrever, quer dizer, uso por vício os três pontos para fazer pausas, separar vírgulas. Tem a ver com a respiração mas não é uma coisa pensada, longe de estar pensada, às vezes falha.

18. Falo da rádio (em geral) da TSF não queria falar muito, da rádio falta mais espontaneidade, sente-se que há muitas pessoas a ler denunciadamente textos que não são feitos para rádio, não foram pensados para ser lidos na rádio, foram pensados para ser escritos e pertencem ao universo da imprensa escrita e depois ouvimos expressões como “no âmbito de”, os advérbios de modo, aqueles vícios todos, que quem nunca fez rádio traz da imprensa escrita, porque é esse o contacto que tem com a imprensa de ler os jornais ou muito, por exemplo, da Lusa, não é? Os takes que chegam da Lusa que é o pior vício que se pode ter é levar um take da Lusa para a cabine sem o trabalhar primeiro, isso é, para mim é proibidíssimo, não se pode fazer, porque aquilo não é linguagem de rádio e, inevitavelmente, por muito treino, por muitos anos que se tenha nisto, há-de haver ali uma expressão qualquer que se tropeça. Normalmente é logo na primeira frase, mas há-de haver qualquer coisa que nos faz tropeçar que não está escrito na rádio que não faz sentido, são palavras que não usamos normalmente na nossa linguagem e que não ajudam à comunicação. Falta espontaneidade, falta, se quiser, uma escrita mais dedicada à rádio, falta que as pessoas tenham treino a escrever para rádio, que é uma escrita muito específica, não é? A da televisão é mais simples porque não requer uma série de mecanismos que nós temos que fazer aqui, nós temos que identificar pessoas com cargos e com nomes, coisa que não é necessário na televisão a escrita para rádio tem uma série de regras apertadas, mas que tem, é curioso que tem depois de ser desconstruídas também essas regras para criar, para chegarmos à naturalidade. É um trabalho muito complicado, porque tem que se conseguir chegar a um discurso o mais natural possível, apesar das regras todas. Conviver com as regras conseguindo chegar à naturalidade, acho que é isso que falta muito, é essa naturalidade, essa espontaneidade. Tem de parecer não lido, não é? Se parecer lido e se ao ouvir notamos que a pessoa está com um texto à frente algo está errado.

## **2. Miguel Fernandes – Animador TSF**

1. Formação académica não tenho nenhuma. Eu comecei a trabalhar em rádio em 88, 89, portanto ao longo destes 20 anos no fundo tem sido uma formação acompanhada em todos os locais onde trabalhei.

2. Já me preocupei, já tive essa preocupação, a nível de alguns cursos que vão havendo, embora tenha tido apenas um curso que nem sei bem que tipo de...Não é uma formação académica não sei bem que tipo de equivalência é que aquilo terá. E pronto, depois também acabei por não ter nenhum curso. Não sinto falta mas acho que não perdia nada com isso, não é? Quer dizer acho que podemos sempre aprender mais qualquer coisa. Talvez um pouco por comodismo, eventualmente...Aqui na rádio já houve um curso, já houve uma formação, mas calhava sempre de manhã, que era o meu horário e portanto acabei por não ter essa formação. Quer dizer não sinto uma falta por aí além, mas se tivesse essa oportunidade entretanto, não via porque não o fazer.

3. Eu acho que é muito importante na rádio. Acho que hoje em dia não se valoriza tanto a voz como se valorizava há uns anos, mas eu acho que é mau na rádio banalizar-se um bocado a importância da voz, porque a rádio vive só disso, não é? Pronto, vive depois também de tudo o resto que tem a ver com dicção, não é? Mas acho que a voz tem uma importância que eu acho que está um bocadinho banalizada, que eu acho que devia ter mais importância nesta altura, que não tem.

4. Disseram-me mais ou menos na altura em que eu comecei a fazer rádio. Eu não...Eu comecei a fazer rádio não foi por causa...Comecei a fazer rádio duma brincadeira. Uns amigos tinham uma rádio e convidavam os amigos todos. E eu acabei por ficar, aquilo foi na altura das rádios-pirata. Depois a rádio em que eu estava nem sequer foi...não teve o alvará, portanto não continuou e eu continuei a estudar. Na altura estava no 11º, 12º ano uma coisa assim. E depois por acaso um colega de turma é que trabalhava numa outra rádio que tinha o alvará e perguntou-me se não queria ir para lá, pronto acho que foi para aí a primeira vez que me perguntaram ou que me disseram que achavam que tinha voz de rádio. Eu não pensava muito nisso.

5. Não, eu acho que fui também educando um bocadinho ao longo do tempo, fui aprendendo com toda a gente com quem trabalhava, com...que me chamavam a atenção para alguns erros, ou na colocação de voz, ou outro tipo de erros. Quer dizer, fui aprendendo um bocadinho com toda a gente com quem trabalhava.

6. Não. Sou o pior que pode haver para entrevistar em relação a isto.

7. Bom, já não fumo. Antes fumava muito. Não tenho assim um cuidado especial, tenho um cuidado sei lá...Aquelas coisas um bocado básicas de não beber coisas muito geladas, de não fumo neste momento, tenho cuidado de não andar aos berros, por exemplo, nos jogos de futebol. Mas não sei se é tanto pela voz ou por uma questão profissional de saber que na segunda-feira depois tenho que trabalhar não é? Mas pronto, acho que devia ter mais cuidado que o que tenho, honestamente.

8. Talvez. Eu acho que é importante mas não deve ser...Acho que há outras coisas que também devem pesar não é? Acho que uma pessoa com boa voz que não consiga desempenhar um outro tipo de funções, quer dizer, não serve para nada. É um papagaio, ou um cuco que diz só as horas não é? Agora eu acho que de facto deve ter sido um elemento importante, embora depois a dicção seja importante, a cultura seja importante, principalmente numa rádio como esta não é? Em que para lá da música pode acontecer tudo a qualquer hora, e quem está em antena tem que saber lidar com isso tudo não é? Portanto a voz é um aspecto importante, mas não é o único aspecto.

9. Pois é um bocado difícil definir o que é que é uma voz agradável em antena não é? É um bocado difícil de, eu acho que, quer dizer, podia responder acho que deve ser uma voz agradável, ou seja, nos homens deve ser grave, nas mulheres deve ser, nas mulheres se formos a ver, também normalmente as mulheres que dizemos que tem boa voz é grave também não é? Às tantas toca-se um bocado também quase como uma voz masculina, não deve ser assim tão grave acho eu. Há algumas vozes muito graves de mulheres que eu não acho muito bonitas porque acho que são...acabam por ser agressivas demais. E nos homens também. Acho que aquela voz de garraão às vezes acaba por ser um bocado desagradável não é? Portanto eu acho que há aí um meio termo, que deve ser agradável, mas depois acho que a voz, a dicção tem muito a ver também depois, a forma como a voz soa não é? Porque pode ser uma boa voz que pode ser completamente atropelada pela forma como se fala não é? Portanto, eu não sei muito bem definir o que é que é uma boa voz, o que é que é uma voz ideal.

11. Uso mais ou menos. Eu posso mostrar...Aqui na TSF nós é um bocadinho diferente das outras rádios, nós temos uma grelha que é quase...eu não sei se...se calhar não é importante, é importante só mesmo para a gravação. Nós temos uma grelha que está definida mais ou menos, ou seja, imagina às 7 da manhã há notícias, às 7h15 é pressuposto que haja o trânsito, às 7h18 é pressuposto que haja a revista de imprensa, às 7h22 o jornal de desporto, por aí fora...Portanto, desde as 7 da manhã até às 10h30 que lanço o fórum TSF, no fundo eu tenho um guião que tenho que seguir e que tem que entrar todo, não é? Que é mais difícil gerir do que, por exemplo, numa rádio musical, porquê? Numa rádio musical, se fizerem notícias de 10 minutos, depois tem 20 minutos até à meia hora e gere a coisa conforme lhe apetece. Aqui não. Aqui nós temos pensado imagine, 15 minutos para as 7 da manhã, só que depois temos mais a publicidade toda até às 7h30, temos o trânsito, a revista de imprensa, o jornal de desporto...E aquilo tem que caber tudo e não pode nem haver um buraco de 5 minutos, senão eu tenho de cantar, porque não é pressuposto entrar música na manhã da TSF, e portanto nós temos que gerir aquilo um bocadinho com as promos, com os jingles, com dar um bocadinho mais tempo às notícias, quer dizer, não é encher chouriços, mas é dizer assim estão 15 mas podes fazer 16 ou então olha convém que não faças 15, faz 14. E tem que regular por esse guião que no fundo é a grelha de TSF não é? Portanto eu acabo por ter um guião.

## 12. (VER EXCERTO DE GRELHA DA TSF TAMBÉM EM ANEXO)

13. A grelha é definida pela direcção. Depois eu dentro da manhã posso gerir a coisa conforme...Tenho um bocado de liberdade de gerir esse guião, mas é uma liberdade também condicionada, vamos lá, porque as pessoas sabem, as pessoas que ouvem a TSF, sabem que, eu estou a dar o exemplo das 7 da manhã mas posso dar outro exemplo de outra hora qualquer, mas também sabem. Às oito tem o jornal, depois tem o trânsito, depois querem ouvir a Maria Rueff não é? Portanto, só que dentro desses espaços nós às vezes incluímos aquilo que nós chamamos janelas, por exemplo, que é, imagine que nós temos, nesse espaço temos depois um, ali um buraco de, por isso é que chamamos janela, de 5 minutos. Então tentamos ver na equipa, com a manhã 1, como é que preenchemos aquele buraco, por exemplo, neste dia nós sabemos que é a noite de S.

João no Porto e então entretanto há uma peça que alguém fez sobre a noite de S. João, quer dizer, isto também é preparado de antemão. Nós pensamos, bem, se calhar naquele dia vamos ter ali um espaço é melhor alguém fazer alguma coisa sobre isto não é? Portanto...E então dentro desta, da grelha que é mais ou menos fixa sou eu que tenho que fazer a gestão desse guião. Quem é que escreve? É a direcção. Mas depois nós no fundo também acabamos por preencher esse guião para que a coisa seja interessante e para que seja toda ocupada.

14. Há coisas que escrevo e há coisas que não escrevo. Eu acho que o improvisado é importante quando temos mesmo que improvisar. Há aqui uma data de coisas que não devem soar a lidas mas têm de ser lidas. Por exemplo, eu quando falo do tempo de manhã, estou a ler aquilo que vem do instituto de meteorologia, quer dizer, eu posso pôr-me a inventar sobre se está nuvens ou se vai estar sol, se vai estar a chover ou não sei quê. Claro que às vezes tenho mesmo que improvisar porque de repente não percebo nada do que lá está escrito ou o que é que eu escrevi ou que é que...não é? Quer dizer, mas a maior parte dos lançamentos, aquilo que eu estava a falar, das janelas, são escritos, porque alguém faz uma peça sobre a noite de S. João e escreve qualquer coisa para, por exemplo para não chocar naquilo que eu lanço e naquilo com que a pessoa começa, não é? Portanto, a maior parte das coisas estão escritas, não é? Depois há um espaço para alguma improvisação, mas não diria que passe a manhã a improvisar porque não é verdade.

Eu normalmente leio, quer dizer, o que é meu escrevo eu, pronto. Normalmente o que não é meu eu leio primeiro para perceber o que é que lá está. Eu não gosto de ler, até porque muitas vezes surgem problemas, problemas nem que seja porque alguém começou no singular, depois às tantas já está no plural, porque há ali um erro qualquer a escrever, não sei quê. Eu gosto de ler e se achar que aquilo assim não está ou apelativo ou bem ou... reescrevo, ou faço ali uma alteração qualquer, mas tenho sempre essa preocupação de tentar perceber se aquilo que eu vou ler é perceptível para as pessoas não é? Porque quem está do outro lado...nós normalmente já temos, eu já tenho aquela ideia que eu às 7h40 vou falar sobre a noite de S. João. E eu tenho sempre a preocupação de antes disso dizer que vamos falar da noite de S. João, porque senão às

7h40 há uma pessoa que entra no carro, senta-se no banco, liga o rádio e de repente começa alguém a falar sobre a noite de S. João assim de fresco não é? Não sabia que eu ia falar daquilo não é? Portanto, o que eu vou dizer, a pessoa tem que perceber aquilo como se não soubesse o que eu ia falar. Portanto, nesse sentido eu tenho sempre essa preocupação.

Mas acho que isso já é um vício quase de leitura, de profissão, de...não é? Quer dizer, não estou muito preocupado quando olho para um texto, a ver onde é que estão as pausas, mas estou de facto preocupado em ver onde está a pontuação, onde está, não é? Se aquilo está tudo bem, se está tudo...

### **3.Teresa Bizarro – Jornalista TSF**

1.À função que desempenho? Tenho um curso de formação profissional que foi feito na RR, em 89, e foi lá que comecei a trabalhar e fiz uma formação para jornalistas na Universidade de Boston em 2000, mais tarde. Formação específica para esta área e tenho por acaso esse curso de formação da renascença tinha lá uma disciplina de técnicas vocais, não é? Com a Glória de Matos. Fiz depois uma reciclagem, não me consigo lembrar do ano mas não terá sido há muito tempo, de técnicas de comunicação oral, porque acho que nós vamos ganhando alguns vícios e...Neste último curso que eu fiz, que foi uma reciclagem mesmo, foi muito engraçado porque dei-me conta que estava a preencher os espaços com “es” e então quando estava a simular um directo estava a simular um directo e estava à procura da palavra seguinte não fazia uma pausa como estou a fazer agora, fazia “hummm”, à procura da próxima palavra e foi muito engraçado porque eu não tinha dado conta que tinha apanhado esse jeito e portanto foi bom para corrigir.

2. Não, não, não e acho que foi uma coisa e aliás acho que devia ser até mais regular e devíamos fazer isso mais regularmente porque muitas vezes...Eu por acaso ajuda-me acho eu que me ajuda o facto de ter começado logo com técnica e com técnica de respiração sobretudo que é uma coisa importante. Mas tenho que fazer quase que um auto-exercício para de vez em quando e quando estou mais cansada parar e pensar, não

eu não estou a fazer isto bem, deixa-me fazer de outra maneira e deixa-me lá fazer da maneira correcta e isso ajuda-me a técnica mesmo da fala.

3. É imenso, é imenso. Eu nem sequer me considero uma grande espingarda, portanto acho que eu tenho um registo, que não é um registo por exemplo de pivot de noticiário. Acho que a minha voz se adequa mais a outro tipo de...Há gente muito boa que tem a dinâmica do anchorman ou anchorwoman. Eu tenho um registo mais, que se encaixa mais, nas coisas mais suaves, vá lá...Acho eu. Mas acho que é fundamental, é pela voz que nós transmitimos as coisas, portanto não há outra maneira de, se é uma voz inexpressiva, ou se é uma voz inexpressiva ou monocórdica ou cantada, não sei se já repararam, mas há pessoas que dizem todas as frases, que se ouve, nas televisões e nas rádios, que dizem todas as frases com a mesma cadência, achando que estão a dar ritmo ao texto, ou estão a dar ênfase e é altamente irritante! Eu pelo menos, não sei se é defeito profissional..."aaaaan, naaaan, naaaan"...e pronto, é muito importante, a voz é muito importante, aliás há pessoas que, como se costuma dizer, podem estar a ler a lista telefónica, mas pela maneira como dizem as coisas e dizem o um e o dois e o três e uma pessoa está a ouvir outra coisa completamente diferente.

4. Não, nada. Nada.

5. Foi. Foi necessário educá-la e foi muito engraçado porque andei ainda algum tempo à procura do meu tom. E isto se calhar pronto é uma história engraçada e foi muito engraçado porque nós quando somos muito novos a tendência, a primeira tendência é reproduzirmos, quando estamos a falar reproduzirmos mentalmente, um bocadinho como acontece quando nós estamos a cantar as músicas que mais gostamos, reproduzir mentalmente o tom, no caso da música, do cantor, e no caso da rádio de um jornalista de referência de quem nós gostemos muito e onde ambicionamos chegar não é? E então andei muito tempo com essas vozes na minha cabeça, à procura do meu tom e irritava-me muito quando me desviava daquele que era o padrão e depois acabava por me atropelar e pronto e houve um dia que foi muito, muito engraçado. Isto já foi no segundo sítio onde eu trabalhei, saí da Renascença e fui para o Correio da Manhã Rádio,

que era um projecto muito, muito engraçado que já não existe e foi dum noticiário para o outro! Mas foi de tal forma que eu saí do noticiário e era uma meia hora, fui fazer a meia hora e o editor do turno que fazia as horas disse o que é que te aconteceu? Encontraste o teu tom! E eu disse pois foi, mas não sei como é que fiz, já nem sei se vou conseguir reproduzir! Mas a verdade é que encontrei de facto e que foi aquele caminho, portanto, houve ali um clique qualquer, houve um dia em que eu consegui encontrar o meu tom, o meu registo e a minha forma de estar em antena e pronto.

Eu acho que não é uma questão, não, não, não...Eu não acho que é...A colocação de voz é importante só para pouparmos as cordas, para a voz vir cá de baixo e não estar a vir da garganta, para não forçarmos a garganta, é a única colocação de voz. Agora aquela coisa da rádio, da emissora...não. Isso não. Não faz sentido porque isso é muito plástico, é muito artificial, as pessoas notam...O encontrar o tom é encontrar dentro de nós uma maneira eficaz...O que é que é dar notícias em rádio? É comunicar não é? Portanto, nós temos que encontrar em nós...uma voz muito bonita a ler notícias é distractiva. É um elemento de distração, porque as pessoas não se concentram na notícia. Estão a ouvir ali a voz, embargada, não ouvem o conteúdo. O objectivo é passar a informação. Eu conheço pessoas que são excelentes comunicadores e têm por exemplo problemas mesmo ao nível da dicção, falam “asSIM, asSIM”, mas que uma pessoa nota, no contacto diário, mas que em antena não nota, porque, porque ultrapassaram, lá está...O objectivo é comunicar e nós temos que encontrar no nosso tom e não num tom plástico e colocado, mas temos que encontrar um tom de sermos eficazes na comunicação, isso tem que ser. Não podemos ser bebezinhos, não podemos ser, ter uma grande voz de cama, não...Temos que ser eficazes na comunicação.

6. Confesso que não. Regularmente não.

7. Tenho um cuidado. Acho que é o único cuidado que tenho, porque de resto até me trato bastante mal, que é nunca beber águas frias, bebidas muito frias, de resto mais nada.

8. Acho que não. Porque, lá está... Acho que não, porque, não sei...Acho que não, honestamente. O meu percurso foi um bocadinho, é um bocadinho singular porque acho que não foi isso que foi tido em conta na altura em que eu...Eu estava numa área completamente diferente, estava a estudar engenharia, nunca tinha pensado em ser jornalista sequer, portanto e vim, fui parar ao curso da Renascença, desafiada por uma amiga, que de facto queria ser jornalista e eu fui com ela, acompanhá-la. E eu acabei por ficar no curso e ela não ficou. E depois percebi que esta era a minha vocação. Depois do curso da Renascença comecei logo a trabalhar e portanto não foi acho que determinante na altura. Foram várias coisas, várias variáveis que estiveram em jogo e acho que depois é a soma da experiência que vai, vai ditando se continuas ou não nesta profissão.

15. Ser eficaz na comunicação, ser clara, ser capaz de também ela se modular aos acontecimentos e conseguir transmitir gravidade, no caso de a notícia ser grave e alegria, no caso de a notícia ser...alegria sem ser histeria não é? Sempre, pronto, acho que se percebe aquilo que eu quero dizer. Mas a eficácia é o mais importante.

16. Sim.

17. Eu por acaso eu acho que nós temos uma...Não é comum, não é comum e sei que não...Sou caso raro, mas eu acho que nós temos uma riqueza de pontuação tão grande que não faz sentido estar a usar outra e portanto, eu pontuo, ao contrário...Isto é muito invulgar em rádio, eu pontuo os meus noticiários e as minhas pausas são aquelas...Eu uso pontos e vírgulas, travessões, reticências...Isto não é nada comum. O mais comum em rádio, quase todos os jornalistas usarem um único sinal ortográfico que é as reticências e depois fazem uns, não estou a dizer que é certo ou errado, cada maneira, a pessoa tem a maneira de...tem a sua maneira. Faz as barras, fazem os sinais gráficos depois no texto...Eu prefiro pontuar mesmo como...Dá-me jeito, dá-me jeito. Eu pontuo, eu uso letra grande no início da frase porque graficamente para mim é importante perceber onde é que as coisas começam, onde é que as coisas acabam, pronto, portanto, é, uso os recursos que a grafia me dá.

18. Falta mais reportagem, falta mais produção de notícias próprias, falta-nos a nós jornalistas um bocadinho mais de tempo para podermos fazer notícias mais coloridas não é? Para por cor nas notícias. E muitas vezes o único tempo que temos é para dar a notícia pura e dura e não a acrescentarmos. Falta-nos isso. E acho que já houve mais. Eu comecei na profissão na altura em que as rádios estavam todas a começar não é? As rádios-piratas, deixava de haver a institucionalização das rádios, só havia o Estado e a Renascença, que é a Igreja, portanto uma instituição também. E com o surgimento das rádios privadas, primeiro piratas e depois privadas houve uma espécie de boom criativo e a diferenciação estabelecia-se precisamente por isso, pela capacidade de dar a notícia por ângulos diferentes e hoje em dia...Mas isso passou, portanto foi um período de grande aposta até também, de grande crescimento publicitário, o próprio país estava muito melhor do que está agora...Hoje em dia depois houve uma inversão disso e a curva tal como no país, foi uma curva de emagrecimento. As redações estão mais apertadas para conseguir dar vazão a isso e portanto muitas vezes...O que é importante é a notícia e dá-se a notícia e fica-se por aí. Não há tempo para mais. Às vezes nem há tempo para mastigar como deve de ser a notícia, para a digerir ou para pensar, aquilo que eu estava a dizer há um bocadinho, isto é notícia. Às vezes só fazemos esse raciocínio depois de a termos dado e isso. Em rádio lá está, as coisas que estão a acontecer, nós damos primeiro...Nós não fazemos muito gala do uso do em primeira mão, exclusivo, não fazemos muito...Porque acho que as pessoas também já sabem o que é que contam quando ouvem a TSF, já não precisamos muito de estar a chover no molhado, mas temos uma grande, um grande brio em tentar dar primeiro, em acontecimentos, por exemplo, como o congresso do PSD não é? Nós sacamos primeiro, notícia das listas, por muito pequenino que isto possa parecer é uma coisa entre nós, de competição, de darmos primeiro que as outras rádios, que as outras televisões, agora temos na notícia que está a acontecer também temos a concorrência da televisão, não é? Das televisões de notícias, da SIC Notícias, da RTPN, portanto, ganhar essa batalha também é importante, faz parte da competição.

Acho que são papéis diferentes. Nós também em rádio não podemos ter...Um trabalho muito desenvolvido em rádio tem de ser muito bem feito, para conseguir que a atenção das pessoas se mantenha durante muito tempo. A notícia, num noticiário, se nós nos

demorarmos muito tempo com uma notícia, as pessoas desligam, há vários estudos feitos em relação a isso e vocês devem encontrar, mesmo na Internet estudos feitos. A atenção de uma pessoa cai, está ali e depois...E portanto tem que se criar, por isso, os próprios teasings dentro dos noticiários, são picos que se criam para tentar que as pessoas venham cá acima outra vez e fiquem com o ouvido desperto para ouvir qualquer coisa que nós vamos dizer a seguir. Quando se diz no meio dum noticiário ah não sei quê não sei que mais, já vamos ouvir a seguir, primeiro saiba isto...\*Claro, claro, imaginem que é um pastel a dizer as notícias quer dizer, não se aguentava. Cá não se faz muito esse debate. Mas lembro-me numa outra estação onde trabalhei, antes de vir para aqui para a TSF, que tive uma, tive várias discussões com um consultor americano, porque ele achava que não, e no caos eu não me estava a defender a mim própria, estava a . . . a minha proposta era duma pessoa. Ele achava por exemplo e trouxe-me estudos que, as notícias em rádio de manhã não podem ser dadas por uma mulher, por uma, e segundo eles, que estudaram isto lá nos Estados Unidos e eu acho que tem a ver com as pessoas. Tem a ver com a pessoa A, com a pessoa B, tem a ver com a maneira da pessoa A dar as notícias, da pessoa B dar as notícias...E ele dizia que não, que à partida as pessoas de manhã estão...Querem uma informação...a credibilidade de uma voz masculina é maior e portanto as pessoas assimilam mais rapidamente. Há uma eficácia da comunicação maior. Há sempre uma eficácia maior da comunicação, mesmo que, é no campo das percepções porque há a percepção de que a voz feminina tem mais rodriguinhos, a comunicação feminina tem mais rodriguinhos e a comunicação masculina é mais directa e mais objectiva sem tantos redondeios. E pronto e eu discutia isso com ele, porque por acaso a pessoa que eu tinha proposto para fazer aquele período, achava que tinha um bom perfil porque era de facto seca, objectiva, directa, com uma...Mas ele dizia que não insistiu e acabou por levar a... quer dizer, não tinha nada contra a outra pessoa que estava, achava que só se podia marcar a diferença na altura, por acaso temos cá agora uma editora da manhã, feminina.

#### 4. Paulo Neves – Jornalista Rádio Renascença

1. Tenho curso de jornalismo.

2. Sim já tive aulas de técnicas de voz com a Gloria de Matos.

3. É enorme, porque está a falar ainda por cima de jornalismo de rádio. Rádio é voz, entre outras coisas mas principalmente rádio, a mais valia que um jornalista tem na rádio é a voz que se apresenta. Por isso essencial.

4. Sim. Nós aprendemos isso, aliás a voz que nós temos naturalmente e normalmente não é a mesma que temos quando estamos a trabalhar, gravada.

5. É.É. Educa-se a voz por exemplo na leitura de números, na leitura de nomes, leitura de nomes estrangeiros, estrangeirismos na forma de pronunciar, a forma de dizer o nome lentamente para as pessoas perceberem bem. Isso obriga-nos a ter esses cuidados.

6. Não mas devia.

7. Por exemplo, não beber água fria, ou gelada, antes dos noticiários, mas beber água, são esses cuidados essenciais...Não fumar, também...Isso protege bastante a voz.

8. Sim fiz testes de voz. Já estou há 19 anos, fiz testes de voz quando entrei. Na altura como comecei no jornalismo de política, portanto no jornalismo político o que vale mais é os contactos de política que tem e não a voz. É evidente que isso é uma mais valia também se depois tiver uma boa voz. Se não tiver depois trabalha e foi isso que foi feito. Ainda por cima tinha um problema, trata-se de um problema que é a pronúncia, que eu sou da Madeira e tinha muita pronúncia e isso tinha que ser trabalhado. Eu por exemplo discordo que se tenha pronúncias em rádio. Não há várias formas de falar português, só há uma, que é falar bem, portanto discordo da pronúncia do Porto, da

pronúncia da Madeira, da pronúncia dos Açores, da pronúncia alentejana, são tudo coisas muito giras, mas não para estar em rádio. Em rádio temos que ter um modelo, que é falar bem e pronunciar bem o português e isso teve que ser trabalhado.

15. Tem que ter uma voz, acima de tudo uma voz agradável, agora é difícil é de definir que é uma voz agradável. Mas deve ser uma voz agradável bastante audível e que em especial que pronuncie bem as palavras. Isso acho que é o segredo. Nem é a rapidez nem é ser lento, mas é o pronunciar bem as palavras.

16. Sim.

17. Sublinho, algumas palavras. Algumas palavras sublinho que é para serem bem pronunciadas. Colegas meus, eu não faço isso nem defendo, aliás corrijo às vezes os estagiários nisso. Põem três pontos na altura de respirar, eu não concordo com isso. Não é não concordo, não sinto necessidade disso, mas por exemplo com os parágrafos. Assinalo muito bem os parágrafos, sempre com duas, dois traços que é para quando estou a ler sei perfeitamente que aquilo ali é para parar. Separar bem as frases para terem a ler, tanto que em rádio deve-se ter, em rádio e mesmo na escrita deve-se ter uma ideia um parágrafo, uma ideia um parágrafo, e isso eu assinalo muito bem quando estou a ler.

18. Sim. Daquilo que eu oiço até acho que está muito bom. É evidente que estou a falar mais daqueles que eu oiço que é a renascença, naturalmente. Temos bons noticiários, temos boas vozes temos muita informação, temos muita mais valia que às vezes a concorrência também não tem. Gosto também da TSF, são nossos concorrentes mas eu gosto muito também, acho que vendem bem as notícias. Essencialmente acho que nós os dois, renascença e TSF somos de longe os melhores em informação.

## **5. José Pedro Frazão – Jornalista RR**

1. Eu sou. Portanto eu fiz uma formação académica, portanto com licenciatura em comunicação social e cultural na Universidade Católica e à margem

disso tive experiência técnica em rádios locais desde 1989 e portanto conjugando essas duas formações, são essas as básicas não é? Em relação à função de editor é um processo interno é um processo de evolução interna que através de um convite que é feito, uma escolha que é feita pela direcção de informação para assumir o cargo de editor que é uma coisa, é uma função que se exerce, que se pode deixar de exercer mas que se exerce.

2. Não porque a tive antes de fazer rádio., porque fazia parte de uma associação cultural que tinha, tinha workshops, tinha depois, tinha grupos corais digamos assim e essa formação de voz tive-a como elemento desses grupos, desses grupos corais portanto aprender a colocar a voz a ter cuidado com ela e que depois aproveitei para a rádio, portanto essa formação fez parte da minha educação.

3. Eu acho que é uma, é um factor importante, mas não decisivo. É importante porque sem, sem uma boa voz, uma boa colocação, ou melhor com uma boa voz e com uma boa colocação consegue-se transmitir muito melhor tudo aquilo que a nossa profissão exige, ou seja, bons noticiários, uma boa utilização do som e a voz acho que é um instrumento fundamental. Mas por outro lado não é decisivo porque é possível trabalhar em rádio sem ter uma grande voz, não é preciso ter uma grande voz, é preciso ter uma voz razoável naturalmente a prioridade deve ser dada também a quem concilia os, a qualidade em termos profissionais com a qualidade da voz, mas não é essencial ter uma grande voz, uma voz de grande locução. Em termos de quem tem mais exposição, digamos na rádio ou seja, os apresentadores de noticiários, as pessoas que fazem relatos de futebol é essencial ter boa voz e geralmente esses tem boa voz, também porque tem mais exposição, também é...são, digamos, entre aspas porta-vozes da rádio, portanto isso é importante.

4. Milhares de vezes.

5. Não, quer dizer, não... tento que a minha voz seja muito natural, em todos os aspectos portanto, não faço aquilo que nós chamamos, não faço uma voz. Fazer

uma voz. Não faço uma colocação muito específica por estar na rádio, mas há pormenores na voz que se vão trabalhando apesar de tudo, através da experiência e sobretudo na forma como ela é colocada e como é feita a leitura das notícias mas isso já entra noutra, noutra âmbito que não é esse especificamente do instrumento, é como nós utilizamos o instrumento.

6. Tirando cantar, não.

7. Menos do que devia, menos do que devia. Faço tudo aquilo que, não faço tudo aquilo que é mau, mas faço muitas coisas que não devia fazer. Devia dar mais descanso à voz, devia dormir melhor, devia beber menos café de manhã, devia beber menos bebidas frescas de vez em quando, mas pronto, o óptimo é inimigo do bom.

8. Acho que foi um factor importante porque acho que foi um factor importante, deixa lá ver como é que eu vou dizer isto. Porque lá está é um factor que é um trunfo e se se tiver voz. Ser um bom jornalista. Entre dois bons jornalistas um que tem voz, tem melhor voz que o outro, esse tem alguma vantagem Se estiver num plano de igualdade. Eu acho que uma vez que tinha voz para fazer rádio acho que sim. Acabei por ser beneficiado se calhar em relação a outros colegas que se calhar tinham as mesmas qualidades que eu e não tinham uma voz tão boa, acho que sim.

15. Em relação a outros profissionais da voz? Uma boa voz para rádio, para mim é uma voz bem colocada, é uma voz natural e não artificializada, é uma voz grave porque confere alguma credibilidade e no jornalismo a questão da credibilidade é importante, é uma voz serena e basicamente acho que são estas, são estas as grandes qualidades

16. Sim.

17. É ideal sermos nós a escrever as notícias que vamos ler. Eu tento fazer isso. Nem sempre é fácil porque devido às vezes ao caudal de notícias nem sempre isso acontece, mas idealmente tento escrever as notícias que eu leio exactamente porque há pormenores de leitura das notícias que são essenciais, tem a ver com o estilo de leitura,

mais do que com a voz com a leitura. Não é tanto a voz mas a leitura. Nós usamos muito na grafia que fazemos as reticências, como formas de pausa, de respiração, que nem sempre correspondem aos pontos finais, muitas vezes correspondem a vírgulas. Mas a estrutura de texto rádio não é propriamente igual ao jornal e portanto a forma como as pausas são feitas, geralmente não se reflectem no, sempre no texto. De qualquer maneira tento assinalar algumas pausas através por exemplo de reticências ou de parágrafos para uma melhor leitura. Naturalmente que se for eu a escrever eu conheço melhor as pausas. Outros colegas, quando escrevem para outra pessoa muitas vezes não fazem, não escrevem, digamos as pausas nos locais onde deviam e portanto é sempre preferível que a pessoa que vai ler os noticiários, seja essa pessoa a escrever o seu próprio, as suas próprias notícias.

18. Em termos globais, quer dizer não posso falar de todos, não é? É um bocado difícil estar a...Eu preferia falar idealmente em termos...não quero comparar. Eu acho que idealmente os noticiários têm que ter a conjugação de vários factores: primeiro tem que ter... tem que haver uma combinação muito equilibrada entre forma e conteúdo. Acho que um não vive sem o outro e é essencial que não sejam desequilibrados nesse aspecto. Eu acho que se tem trabalhado muito ultimamente em transformar os noticiários em, digamos em formas, transformá-los no sentido que tenham formas mais apelativas, ou seja tem-se trabalhado alguma coisa na forma, acho que se pode fazer muito melhor. Acho que há um défice de aproveitamento dos recursos sonoros em termos globais, acho que se, acho que digamos a valorização do som às vezes é, não é feita em detrimento de...o que acontece geralmente é que há muitas palavras, há locutores, há jornalistas que falam muito e utilizam menos o som. Quando nós temos menos tempo de noticiários e por isso é que eu não quero comparar muito, que há estações de rádio que tem 15 minutos de tempo de noticiário, outras tem 10, outras tem 7, outras tem 5. Há uma maior tentação de quanto maior falar mais. Eu acho que, eu acho que o segredo está nos sons e não nas palavras dos locutores. Às vezes os sons podem contar a história e isso dá ritmo ao noticiário que é outra das palavras-chave dos noticiários, tem que ter algum ritmo e ser equilibrados, na proporção também do tempo que o noticiário tem e portanto acho que a palavra-chave é equilíbrio.

## 6. Paulino Coelho – Animador Rádio Renascença

1. Formação? Experiência só.

2. Já tivemos aqui um curso, penso que vamos ter outro brevemente. Um curso de colocação de voz, dicção...tivemos uma senhora, uma professora que nos deu um curso de 36 horas se não estou em erro e até ao momento foi o único curso que tive de voz.

3. Eu acho que voz é a imagem do locutor de rádio não é? Não só o tom de voz, não só se a voz é bonita ou é feia, é a expressividade, a emotividade que a voz transmite e que... e que aproxima quem ouve a rádio do próprio locutor, portanto eu acho que a voz é tudo, é fundamental. Eu acho que a voz deve demonstrar tudo e o locutor, embora haja muitas vezes essa tendência o locutor não deve esconder nada através da voz. Se lhe apetecer chorar, chora, e mostra isso na voz. É como no nosso dia a dia e na nossa vida quotidiana, acho que a voz é o...alias...se um olhar diz tudo a voz também pode dizer muita coisa não é?

4. Não. Nem acho que tenha hoje. Nem acho que tenha, tenho uma voz normalíssima.

5. Eu acho que é preciso. Eu acho que é preciso embora não o faça. Eu...eu castigo muito a minha voz. Já tive alguns problemas por não...não cuidar dela. Não ter esse cuidado em determinados momentos. Antes de agir em determinadas situações devia pensar que a voz é o meu instrumento de trabalho não o faço. Agora no dia-a-dia sim. No dia-a-dia claro que há coisas que nós temos que nos preservar não é, nomeadamente não beber bebidas frescas, descansar o mais possível...mas pronto, desde que nos levemos uma vida tranquila eu acho que voz corresponde sempre.

6. Não. Não...embora os tenha aprendido no curso que falei há pouco, mas não. Não faço, quer dizer, não faço, habitualmente não o faço. Mas de vez em quando eu venho com a voz mais presa e uso essas técnicas que me foram ensinadas.

8. Eu julgo que não, porque não sinto que tenha uma voz por aí além. Também não tenho uma voz de cana rachada, claro. Não acho que tenha pesado mais, acho que o factor de comunicação o à vontade acho que contam muito mais.

9. Deve ser acima de tudo uma voz limpa, perceptível, que se perceba tudo o que a pessoa diz isto em termos de voz, depois aliada a uma boa dicção, é fundamental porque senão e então da maneira como se faz a rádio hoje em dia, em que se cruza música por cima da voz e vice-versa...se...se o locutor falar demasiado depressa, se embrulhar demasiado as palavras aquilo vai sair na rádio e vai sair tudo embrulhado e portanto eu acho acima de tudo deve ser uma voz limpa, fresca, simpática. Hoje em dia usa-se muito o termo, os americanos trouxeram para cá *friendly*, que é um conjunto de várias situações não é? Entre elas esta que referi.

10. Eu acho...sim. Eu acho que ainda há ...ainda há locutores em que as pessoas lhes conferem estatuto pela voz, por outro lado acho que há pessoas, há locutores em que a voz não é o mais importante, é de facto esse carácter *friendly* do locutor, a proximidade com..com as pessoas, a comunicação que determina com que as pessoas se aproximem mais, mas claro que a voz é sempre importante. Eu tenho casos em que vou na rua ou estou num sítio qualquer e as pessoas conhecem-me pela voz. É giro, na televisão é fácil porque vêem a cara e a mim já me têm, conhecido pela voz.

11. Não. Não, é normal, nós trabalhamos em equipa, somos uma equipa de 4 pessoas, sendo que a produtora aquela principal, aquela que escreve, porque todos nós escrevemos, todos nos colaboramos mas a principal já trabalho com ela há muitos anos e portanto ela sabe exactamente como escrever para que se...para que eu possa ler aquilo, e para que não saia lido, para que saia dito. E portanto, há pessoas que têm várias técnicas. Uns usam uma pontuação completamente fora daquilo que são as regras, mas que lhes dá jeito em termos de leitura para que saia dito e não lido mas no meu caso, enfim às vezes sai lido, mas no meu caso é de facto o conhecimento e o entrosamento com a produtora que determina...a forma de escrita dela.

12. Sim. Sim.

13. A maior parte é e depois nos distribuímos tarefas e fazemos uma reunião diária em função do programa que temos, das matérias que temos para trabalhar, distribuímos trabalho. E eu faço textos, a minha colega que faz o programa comigo, Isabel Pereira também faz textos, mas a produtora no fundo é ela que faz o esqueleto do guião e que vai...vai...escreve o guião. No fundo a continuidade e também alguma criatividade, mas no fundo a continuidade. A criatividade normalmente sou eu que a escrevo.

14. O guião é uma rede. Não, o guião é uma rede. Eu acho que o guião é uma rede. Trabalhei já das várias maneiras. Já trabalhei sob o improviso total, já trabalhei sob o improviso parcial e com algumas coisas escritas, agora tentamos ter tudo escrito, porque no fundo é isso uma rede. Alguém dizia há uns anos, já nem sei quem é porque esta frase já é tão batida tão repetida que...o melhor improviso é aquele que é preparado e que é bem preparado, e nós tentamos fazer isso não é? Agora se eu tenho um texto escrito a minha frente não quer dizer que necessariamente vá ler o que esteja ali tintim por tintim, posso de facto tentar fazer algumas alterações ou antes ou até mesmo na hora em que estou a ler, basta uma pequena inflexão para mudar logo todo o sentido de um texto não? Portanto...mas é importante, é importante ter preparado aquilo que vamos dizer, sabermos acima de tudo quando escrevemos ou quando lemos algo que os outros escrevem, é sabermos o que vamos falar, isso é fundamental, porque se estamos a ler pela primeira vez no ar uma coisa que foi escrita, que nem sequer foi escrita por nós, aquilo a meio mete os pés pelas mãos na certa.

## **7. Sofia Frazoa – Jornalista Rádio Clube Português**

1. Tirei Ciências da Comunicação na Nova, sou jornalista há oito anos. Comecei por um jornal e entretanto vim para a rádio e a formação que fiz foi, específica, foi um curso de técnicas de comunicação oral no CENJOR.

3. Eu acho que...há uma coisa que normalmente se diz que normalmente procura-se e há sítios que tem filosofias de vozes muito boas e muito fortes porque prendem as pessoas e nos noticiários vozes mais fortes, dá credibilidade à informação. Depois há outras correntes que dizem que a voz se não houver o conteúdo, se for eficaz, se não chegar logo às pessoas com linguagem simples, etc também uma excelente voz também...não faz tudo, mas quer dizer a voz é importante se for muito... se provocar muito ruído também não vai passar a informação.

Do que falei, qual é que eu defendo mais? Não é os extremos, se for uma voz pavorosa aquilo não vai funcionar, mas penso que uma voz agradável trabalhada, porque a voz se trabalha e quanto mais vezes fores ao microfone, também mais a voz se torna madura...penso que funciona se os textos forem muito bons.

4. Já me disseram, mas também já houve quem me dissesse que é uma voz, por exemplo, que não daria para as manhãs porque não é suficientemente grossa...também já me disseram o contrário. Diz-se tanta coisa!

5. Eu tenho. No curso de técnicas da comunicação oral trouxemos para casa uns exercícios que posso fazer de palhaça agora, que é basicamente aquecer a voz “hmmmm oooooooooo” e tentar que a voz se eu acordo ou venho no carro a tentar fazer isto para que a voz seja mais fácil...já esteja mais adaptada, só que as vezes se durmo pouco, se a pessoa está rouca ou qualquer coisa, mesmo que faças nem sempre a voz corresponde, mas sim tento sempre ter a certeza.

7. Agora...Dantes não tinha. Agora tenho mais atenção ao tentar não beber bebidas muito frias. Tentar, se sinto frio ou que a garganta me pode começar a doer vestir um casaco, proteger-me mais, ambientes com pouco fumo, o que é mais fácil com a nova lei do tabaco e... tentar não gritar ou se me aborrecer ou se precisar de gritar tentar ter cuidado com isso para não...não danificar as cordas vocais.

8. De todo. Não.

15. Ai...eu acho que não deve causar ruído agora depois também há horários em que as pessoas se calhar à noite não te apetece ouvir uma voz que te cause frenesim, se calhar apetece-te ouvir uma voz mais calma, mais suave, que te embale...nos noticiários também gritos também acho que não. Tudo o que seja gritar. Acho que tudo o que seja um equilíbrio.

16. Sim.

17. Tento pensar sempre, e isso é muito dito aqui. “Imagina-te a falar com um amigo teu, tu dirias isto ao teu amigo? Dirias isto ao teu colega? Achas que ele ia perceber logo?” Tento aproximar-me ao máximo da linguagem oral, já que no jornal é um bocadinho ao contrário. E depois ir buscar logo o que é... o que é que é o mais importante porque se a pessoa não tiver tempo ou entretanto se perder no raciocínio e no...e no caminho e... deixar de poder ouvir... captou a mensagem principal.

Ah! Eu não. Eu escrevo como venho da escrita e não quero perder esse hábito, escrevo as vírgulas todas nos sítios, com os pontos em todo o lado e...e...

Faço frases mais curtas. Portanto...faço paragens. “Ministro da Economia disse não sei o quê.” “Manuel Pinho patáti patátá.” Enquanto no jornal não faria isto. Mas ponho as vírgulas todas no sítio porque...porque vou ter de ler assim. Portanto não...não vale a pena estar ali a...mas há quem diga, há quem defenda o contrário.

18. Eu acho que todos damos muito as mesmas coisas. E ficamos todos muito aflitos se o colega tem o ministro e nós acabamos por não dar. Queremos sempre dar o que os outros dão e mais qualquer coisinha e se calhar se houvesse uma revolução do tipo vamos ser diferentes e vamos dar coisas que os outros não dão, ou se calhar vamos dar o mesmo tema mas sob...sobre outra perspectiva talvez fosse...se calhar enriquecíamos. As pessoas continuavam a saber o que tem de saber, ficavam minimamente informadas e tinham outro olhar sobre a actualidade.

## 8. Débora Henriques – Jornalista Rádio Clube Português

1. Ciências da comunicação na Universidade Nova, entretanto acabei o curso, fiz o estágio curricular na antena 1e depois fiz um estágio no Rádio Clube, onde acabei por ficar, já estou cá há 3 anos, mais ou menos.

2. Confesso que não. Sempre gostei muito de rádio e estive, sempre, completamente definido que era rádio que ia fazer mas nunca fiz nenhum tempo de formação, *workshop*, o que quer seja. Nunca fiz! Não se proporcionou por falta de tempo. Vou-me mantendo sempre informada com as *newletters* de *workshops*, informações, mas até hoje ainda não consegui fazer. Está na lista!

3. Trabalhar em rádio, toda, total. É fundamental. Se bem que eu acho que hoje cada vez se dá menos importância a isso. Basta ouvir e picar as várias rádios e perceber que cada vez se tem menos aquela coisa... aquelas vozes colocadas e com aquele timbre exacto, cada vez tens menos isso. Acho que neste momento é fundamental tipo a escrita, seres eficaz na comunicação e passares credibilidade... mais do que isso! Se para além disso tiveres uma voz que até soa bem do outro lado, perfeito!

Eu acho que mais do que a voz, em rádio, conta a postura em antena. Podes ter uma boa voz fantástica mas chegas ao microfone com medo, e dizeres as frases com alguma insegurança, não serves absolutamente nada!

4. Já me disseram. Sim, algumas pessoas!

5. Vais conseguindo isso todos os dias, a cada dia que fazes uma peça, a cada dia que vais á antena. Eu hoje ouço peças minhas de há 4 anos atrás e não tem, absolutamente, nada a ver. Vais crescendo, cada vez que vais ao microfone, vais aprendendo a ter uma postura mais segura, uma voz mais colocada, encontrares o teu registo. É o mais difícil em rádio. É chegares àquele momento que não estás a tentar imitar determinada voz ou a tentar ter aquela voz muito bem colocada. É quando chegas

á antena e estás perfeitamente á vontade para nem que sequer pensares nisso e a voz sair simplesmente.

6. Não.

7. Nenhum. Fumo imenso, infelizmente. Faço isto que não se deve fazer, nunca, jamais, e eu faço sempre. Depois temos uns truques quando se vai á antena, por exemplo, jamais comeres antes de ir á antena, porque começas a salivar de uma maneira absurda e é horrível controlar as respirações e tudo mais em antena. De resto não tenho cuidados nenhuns, infelizmente.

8. Talvez, é possível! Sim, acredito que sim. Quando fiquei disseram que sim, que foi um dos factores, uma das mais valias, se calhar era a voz e a postura em antena. Sim, acho que fez diferença.

15. Credibilidade é a mais importante. Postura em antena é fundamental.

16. Sim.

17/Comparação com a Jornalista Sofia.

Ah, na maneira de escrever! Isto tem muito a ver com a formação que cada jornalista tem. A Sofia por exemplo veio de um jornal, trabalhou durante muito tempo num *online* e tem aquela coisa de escrever as coisas muitos certinhas. Eu acho que quem sempre trabalhou em rádio desaprende de escrever, é uma coisa impressionante! Todas as minhas pausas têm reticências. Tenho reticências em tudo, são os sítios onde eu sei que tenho que parar, se é uma pausa mais prolongada eu faço duas barras para saber que ali tenho que fazer uma pausa mais prolongada, se quero dar ênfase a determinada frase ou sublinho ou ponho a *bold* para saber que chego ali e tenho que acentuar a leitura naquele ponto.

São pequenos truques que vais aprendendo e te dão jeito.

Muitas vezes para fazer frases curtas, também, tento separar o mais possível as frases para não ter a tentação de fazer frases muito grandes e depois ter mais dificuldade em ler e a comunicação ser menos eficaz. Pequenos truquezinhos que vais aprendendo para facilitar o teu trabalho.

18. Muito repetitivos. Aí vou ter que me reter á associação. Muito repetitivos! Basta a uma hora certa ir picando todas as rádios e mesmo que o alinhamento não seja exactamente igual, as 3 primeiras notícias estão em todo lado. Não há volta a dar, podes ter mais uma notícia nova mas aquelas nos principais órgãos são todas iguais! E além disso é o tempo... em rádio tens uma grande limitação que é o tempo. Nós temos aqui peças de um minuto e é extremamente difícil contares uma história ou quer que seja num minuto! Fica sempre muita coisa por dizer, tens que te manter no essencial, fica sempre muita coisa por dizer. É muito pouco tempo, tens que ir directa ao ponto, não haver grande margem de manobra, ser eficaz!

#### Falta de espaço para a reportagem?

Sim, sem dúvida! Sou totalmente defensora. Aqui não existe ainda um espaço de grande reportagem ou mesmo de reportagem, não há grande margem de manobra para isso. E como deves imaginar não podes fazer uma reportagem de um minuto, mesmo de dois, é impossível, não consegues contar a história, não tens o fio condutor, não há espaço para criatividade aqui, basicamente é, *straight to the point*. Estas a ver? Falta um bocadinho isso! A TSF por acaso tem isso, tem um grande espaço de reportagem, mas a maior parte das rádios não aposta muito nisso, acho que uma falha!

### **9. Aurélio Gomes – Animador Rádio Clube Português**

1. Toda na prática. Eu sou de psicologia e no último ano comecei a fazer, já há muitos anos comecei a fazer rádio quase por acaso e porque alguém me disse que eu tinha...Eh pá, tens um timbre de voz engraçado e não sei quê, enfim...E depois fui aprendendo, fazendo, porque eu sou do tempo em que não havia escolas de Jornalismo, havia muito poucas, havia uma no Porto e acho que era a única nos anos 80. E depois

tive porque me apeteceu aulas de dicção, aulas de colocação de voz, mas o trabalho já estava todo feito, não fui lá n realidade aprender grande coisa, mas acho que é muito instintivo em mim. Alguém me dizia nessas aulas que...Ah, você tem a voz naturalmente bem colocada. Eu nem sabia se a tinha ou não, é das tais coisas.

2. Sim. Porque mesmo a coisa não resultando mal no ar eu estava naquela...Será que há qualquer coisa que me está a escapar? E então pensei...Na volta é melhor ter aulas de técnica e percebi que naturalmente andava lá já a fazer o que a técnica me dizia que devia fazer, por instinto. Mas acho que devemos sempre confiar nos profissionais porque às vezes podemos estar a fazer mal à voz e a voz é um instrumento, as cordas vocais são um instrumento que deve ser bem tratado e eu não sou exemplo disso, porque eu fumo, não tenho cuidado especial nenhum, mas quando a usas debes usá-la com, de modo a preservá-la e forçar colocações não é de todo a melhor maneira...É para as arranjar problemas na garganta.

3. É daquelas coisas que eu atribuo toda. Eu ainda sou do tempo em que só vozes bonitas é que faziam rádio. Eu acho que a liberalização ainda bem que aconteceu, porque hoje não é preciso ter uma voz “xpto” para se fazer rádio, mas se tiver uma voz “xpto” tanto melhor. Porquê? Porque estamos a lidar com coisas que nem conseguimos medir, que é a sedução, os afectos...A voz pode, se tiver características que agradem às pessoas, pode chegar ao coração. O que nós dizemos chega à cabeça, à razão. Mas se conseguirmos tocar o coração porque temos um timbre que as pessoas gostam ou se sentem atraídas, ou se sentem em casa com aquela voz é meio caminho andado para depois a, mais de meio caminho, para depois a informação, o conteúdo do que nós falamos, chegar lá mais facilmente. Para desenvolver uma relação com o auditório, eu diria que é importante apesar de hoje isso não ser muito popular dizer-se, mas é importante. Há timbres que em rádio...

4. Disseram, aliás foi por aí que eu comecei a fazer rádio na brincadeira porque eu andava no curso de psicologia do Porto, havia uma rádio universitária no Porto, tinha um amigo que estava lá, nós íamos estudar juntos, fui esperá-lo, alguém me ouviu falar



8. Foi. Não tenho a mínima dúvida. Não só, mas eu ainda sou do tempo em que a voz era, aliás eu comecei na rádio porque alguém me disse...Tens uma voz engraçada. E foi por isso que me motivou a fazer testes e não sei quê. Mas eu ainda sou do tempo em que a voz era muito mais importante do que provavelmente é hoje. Estamos a passar um período diferente, eu acho que estamos a chegar a um idílio. Houve uma altura em que a voz era tudo, quase como se o resto não interessasse para nada, tipo locutor papagaio, passou-se para o exacto oposto e às vezes há aí assassinatos, até em rádios muito conhecidas, de pessoas que não deviam estar a ler notícias porque metem ruído na maneira como lêem, na voz que têm. E isso é cruel dizer-se mas é verdade, assim como eu não sou feito para ser piloto de aviões, tem que se dizer a certas pessoas que não deviam ir ao microfone, eu acho. Hoje em dia, há um equilíbrio entre, já não é também só a voz porque não é, a voz também não pode ser levada ao extremo e só isso é que conta, mas se pudermos ter uma mistura das duas coisas acho que é o ideal.

9. As vozes graves em geral resultam muito bem em qualquer tipo de comunicação. E não é por acaso que há mais locutores, mesmo em publicidade, mesmo em narrações, mesmo os trailers de filmes americanos. Nunca ouvi um trailer, portanto aqueles pequenos trinta segundos que vendem o filme, nunca ouvi com uma voz feminina. E eu acho que é porque as características do grave conferem credibilidade, conferem provavelmente sedução, coisas que não são muito medidas ao nível científico, mas que tocam no nosso lado mais animal, instintivo, eu acho que é por aí, portanto uma pessoa, mesmo as vozes femininas que resultam bem em rádio são normalmente as vozes um pouquinho graves, aquela voz dita sensual, voz de cama, que é uma maneira de deitar abaixo a voz. Porquê? Porque nós quando estamos numa de sedução nós não berramos, baixamos o tom. Ninguém diz (agudo) estou apaixonado por ti! Só se estiver a falar nu sítio muito alto não é? Normalmente o tom baixa.

10. Eu acho que isso não tem a ver com portugueses ou estrangeiros. É verdade que há línguas que se prestam a...se ouvir um locutor americano, normalmente ele têm, até pela maneira como as palavras estão mais articuladas em inglês na garganta,

há mais graves. Se ouvir um italiano é tudo posto mais cá em cima ou então se ouvir chineses e japoneses também têm timbres, mas isso tem a ver com qualidades fisiológicas. Há gargantas que não têm muitos graves mas em geral eu acho que, eu era capaz de estar tentado a dizer que isso é universal: uma voz grave será sempre mais bem-vinda pelos ouvidos dos ouvintes do que uma voz aguda, no caso de locuções obviamente.

11. Sim. Parte sim, mas um guião muito aberto. Eu tenho os guiões por segurança, mas depois gosto muito de inventar...se por acaso correr mal tenho o guião.

13. Não porque eu não gosto de ler. Tenho o guião por tópicos. Sei a sequência das coisas. E depois gosto muito de poder gaguejar, de poder procurar a palavra melhor, porque acho que isso valoriza a comunicação.

14. Já percebi que serve de muito pouco. Serve neste sentido: quando estou a preparar o programa o guião serve para eu organizar a minha cabeça, mas depois não o uso no ar, ou uso, quase raramente uso. Só no sentido daqueles entrevistados que dizem sim, talvez e aí ok, mas normalmente gosto de aproveitar o que as pessoas me dão na entrevista.

## **10. José Manuel Rosendo – Jornalista Antena1**

1. Tenho o 11º ano e tenho um curso do CENJOR. E uma série de cursos depois.

2. Nós ultimamente temos tido algumas acções no sentido de melhorar a nossa voz, quer em termos de colocação, dicção, aprender a respirar...esse tipo de coisas. Mas têm sido acções desenvolvidas pela própria empresa, portanto não...

3. Muita. Começando logo pela...por exemplo a esta hora eu já tenho a voz um bocado, um bocado saturada, mas começando logo pela...É algo que nos pode dar conforto ou desconforto, ou seja, eu tenho que me sentir confortável na minha voz.

Quando eu sinto, não é a questão de gostar, em regra as pessoas não gostam da própria voz, não é? Achem sempre que há qualquer coisa que não está bem. Mas não é isso é...se eu sentir que a minha voz está um bocadinho alterada, seja porque estou constipado, seja porque apanhei um ar, uma corrente de ar, uma coisa dessas eu fico desconfortável, ou seja, é uma questão de segurança sentirmos que a nossa voz está bem. Depois é também importante porque é a forma como nós chegamos às pessoas, Portanto, estamos a falar de jornalismo, a credibilidade é o nosso único capital. A voz é, em termos de rádio, a voz é um factor primordial porque transmite ou não essa credibilidade, quer pelo tom afirmativo quer pela textura da voz.

4. Isso é muito subjectivo porque depende também do gosto de cada um, quer dizer, do conceito que cada um tem sobre o que deve ser uma voz de rádio e portanto não vou muito por aí nem me deixo influenciar por esse tipo de coisas.

5. É porque acho que é um bom exercício, não tem nada de...como é que se diz? Não é vaidade nem é...Nós devemos ouvir a nossa própria voz, ou seja...Isso com o tempo também vamos deixando de fazer isso, mas pelo menos numa primeira fase da nossa vida profissional é importante ouvirmos os nossos trabalhos. Os nossos noticiários, as nossas peças, as nossas reportagens e percebermos, não em função, não numa, não numa técnica de escrita, mas numa técnica do dizer, de percebermos onde é que a nossa voz pode ser melhorada.

6. Às vezes faço. Sou fumador e portanto isso é mau para a voz não é? Dizem os médicos. Faço alguns exercícios sobretudo quando sinto que não tenho essa segurança que eu gosto de ter.

7. Não, isso não. Evito beber coisas muito frias, bebidas muito frias. É a única coisa que eu.

8. Eu acho que ajudou. Acho que ajudou. As características da voz são importantes. Aliás, acho que na rádio, como noutra qualquer área profissional, seja em

jornalismo ou não, devia haver mais frontalidade em relação às pessoas que chegam às várias profissões. Há pessoas que chegam à rádio e que, por muita ilusão que tenham, por muito gosto que façam em tentar esse tipo de profissão, podem trabalhar em rádio à mesma, não é impeditivo, mas às vezes é preciso que alguém lhes diga...Essa voz no microfone não dá...Às vezes há, não existe, por uma série de razões não existe essa frontalidade e isso acaba por ser pior para as pessoas porque começam, criam uma ilusão ainda maior e depois chegam a um ponto em que depois percebem que não...

15. Olhe, eu em termos técnicos não lhe sei dizer porque...Mas acho que a principal característica deve ser essa, deve ser uma voz que transmita essa credibilidade. Para além da voz há depois também uma coisa muito importante que deve estar associada para conseguir esse objectivo do ser credível que é o tom com que se diz não é? Deve ser um tom afirmativo, mas isso depois já são mais técnicas de dicção às vezes, do que propriamente questão do timbre de voz. Não deve ser uma voz, há aquelas vozes meio falsete. Essas vozes em regra não transmitem...As vozes que saem, que partem muito daqui, que não vêm do fundo não, não transmitem grande credibilidade. É o factor principal em termos de jornalismo, eu acho que é esse.

16. Sim.

17.É uma técnica normal na rádio que é a frase curta. A frase curta...É a técnica mais normal de rádio. Frase curta. Uma frase, uma ideia e sempre um discurso muito directo. Enfim evitar aquele, as muletas não é? Que às vezes se utilizam na escrita como o entretanto. Ser muito directo, ou seja, a escrita da rádio exige muito... primeiro não é literatura, às vezes as pessoas confundem, gostam muito de escrever bem, na rádio não funciona. Na rádio aquilo que temos fazer constantemente é tocar no ombro do ouvinte, chamar-lhe atenção... temos que ir acrescentando informação, sem o aborrecer, não o podemos inundar em relação a um assunto que ele às tantas desliga porque já é informação a mais. Estamos a falar de notícias, não estamos a falar de reportagens. Cada um de nós tem a sua técnica própria, ou seja, há quem utiliza as barras, há quem utiliza uma maiúscula no início da frase quando quer sublinhas a primeira palavra,

quando quer dar um novo impulso com um arranque mais forte, há quem sublinha a palavra, há quem use as reticências. Eu normalmente utilizo as reticências e sublinho as palavras, muitas vezes até digo o que não está escrito. Isso é na hora!

18. Rádio em geral! Eu vou dizer o que oiço para se perceber o contexto da minha opinião. Eu ouço Antena 1, TSF, Rádio Clube Português... Vocês são de onde? É só para saber se conhecem a rádio que vou falar, às vezes ouço a Marginal, que é a rádio aqui de Cascais, quando quero ouvir música e tem um noticiário de 2 minutos que gosto muito de ouvir. Eu acho que há bons noticiários, não é uma resposta defensiva... há bons noticiários como também há péssimos noticiários! Na minha opinião há pessoas que de facto têm noção, estão preparadas, têm formação e sabem, têm a noção exacta daquilo que tem que ser um noticiário de rádio e há pessoas que não têm. Isso tem a ver com a estrutura das redacções, tem a ver com pessoas que são retiradas para a edição para fazer o noticiário que não têm ainda a preparação suficiente e depois isso resulta mal. Isto está relacionado com a crise económica, com a detenção de custos, etc., e as redacções estão reduzidas ao mínimo. Os ouvintes não têm noção, nem têm que ter... não sabem o trabalho que dá de fazer um noticiário de 5 minutos bem feito, observando todas as regras, fazendo com que todos os textos encaixem perfeitamente nos sons... isto dá muito trabalho, quer em termos técnicos com em escrita, porque é preciso cortar o som no tempo certo, quer no fim, no princípio e até no meio e tudo isso dá muito trabalho. Muitas das vezes as redacções não têm os meios que deveriam para fazer esse trabalho em condições. Mas eu acho que... o jornalismo tem os defeitos e virtudes como qualquer outra área, mas estou muito confiante em relação ao profissional futuro, em termos de valor de algumas pessoas que chegam á profissão. Têm passado por aqui pessoas que saem da universidade e nota-se, por vezes, que os cursos não os prepararam como deviam, não os ensinam a pensar na profissão como deviam, até chegam um bocado maduros, mas seja pela vontade que eles têm ou pela própria capacidade que eles têm, eu acho que há gente com muita capacidade de chegar á profissão e a selecção acaba por ser natural. Acho que as coisas têm tendência a melhorar mas ainda há noticiários muito mal feitos.

## 11. Sérgio Infante – Jornalista Antena1

1. Licenciatura em ciências de comunicação. Não sei se na UBI é Ciências da Comunicação, pois agora é tudo igual!

2. Sim, nós temos aqui na rádio acções da formação. Todos anos há uma acção formação, entre as várias existe voz. Temos terapeutas da fala que nos ajudam a corrigir eventuais defeitos vocais, isto porque a rádio é stress e ao ser stress muitas vezes colocas mal a voz e em vez de estares a falar com a tua voz natural como tas stressada ao microfone, a tua voz vem da garganta o que provoca um enorme desgaste ao fim de estares a fazer 5 minutos de edição, porque estás com a voz na garganta provoca-te um cansaço 3 vezes superior ao normal e o que é que acontece? Muitas das vezes quando a pessoa está a falar, apresentar uma notícia, normalmente, tu ouves o pivô a falar e a ter que engolir a saliva e a respirar, porque está a falar com voz na garganta e não está a fazer a sua respiração normal, não está calmo e tranquilo e então muitas das vezes sentimos a necessidade de fazer acções de técnicas focais que te possibilitam corrigir eventuais defeitos que tu nem se quer tens consciências, como corrigir também a dicção. Há pessoas que comem letras, há pessoas que, por exemplo, o mais normal é não dizerem o “l” e então, muitas das vezes, essas pessoas precisam de através de terapeutas da fala vêm aqui ao centro de formação corrigir esse pequenos defeitos que podem ser corrigidos.

3. Essencial, essencial! É a nossa cara! Se na televisão é a apresentação, a expressão, na rádio a voz conta 80%, eu posso ter a notícia mais bem escrita do mundo mas se eu tiver uma voz aguda e estridente, tu não vais reparar minimamente no que escrevi, no que estou a dizer, até posso estar a falar do maior acidente do mundo, 11 de Setembro, mas o que te vai entrar na cabeça é aquela minha voz aguda que te incomoda bastante.

4. Não. Até porque, deixa-me só fazer um pequeno parêntesis, em relação á voz da rádio, muita das vezes e a maior parte das vezes, quando tu começas, a maior parte

das pessoas que começa aqui ou que vem estagiar, tem uma voz completamente descoordenada daquilo que é necessário para a rádio, ou sem ritmo ou monocórdica ou sob tensão, porque no início quando tu comesças na rádio o microfone é o nosso principal inimigo é, o que é que acontece? Tu não consegues colocar a voz, é um processo de desinibição, só quando tu comesças a encarar aquele objecto que está ali á tua frente como um teu amigo, quase como um colega de trabalho é que tu comesças a ter a tua voz norma. Às vezes precisas de dar mais ritmo á voz ou pelo contrário, diminuir o ritmo porque á pessoas com o entusiasmo atropelam-se. Há aquelas pessoas que têm uma voz grave e aí já é meio caminho andado, a voz grave dá probabilidade às notícias e aí já meio caminho andado. E aí a pessoa pensa este gajo com a voz bem trabalhada até conseguia fazer aqui umas flores, mas para os outros, passado algum tempo, adquirir o ritmo certo, a postura correcta de desinibição em relação ao microfone. Há ali um período de adaptação. A maioria das pessoas que recebemos aqui, alguns até têm aquela voz que nós pensamos “esta até ia lá” mas depois vão ao microfone ou está monocórdica ou está lenta ou fala depressa de mais porque estão tão nervosos e não se percebe nada. A voz de rádio adquire-se na minha opinião coma prática, ao fim de um certo de meses na rádio já comesças a sentir se aquela pessoa conseguirá lá chegar ou não.

5. Sim, muito, muito! Através de acções de formação mas a regra de ouro, a pessoa para conseguir educar a voz é ouvir-se. É fazer um noticiário e logo a seguir ouvir o noticiário. Ouvir-se, perceber como a voz está. Se está muito lenta, se está muito rápida, se não está a dizer as palavras todas, se está monocórdica, se está a gritar ou se está a falar muito baixo ao microfone. A pessoa em si é que tem que ser a maior consciência em relação á sua voz, para isso é que tem que ouvir as reportagens que faz, os noticiários que faz, se não ouvir corre risco de não saber como a mensagem está a passar. Nós aqui temos essa possibilidade que, em termos radiofónicos, acho que nem na Renascença nem na TSF eles fazem, que é de tempos a tempos termos a possibilidade de fazer acções de formação, corrigir eventuais defeitos, isso pode ser tanto a nível da voz como da escrita que é obvio que é um apoio, não é?

7. Não! O único cuidado que aquele que estão sempre a recomendar-nos é ir hidratando as tuas cordas vocais, a tua garganta ao longo da tarde. Convém ter sempre uma garrafa ao lado porque com o esforço que a gente faz sobretudo a tarde em que fazemos 5 noticiários seguidos convém ir bebendo alguma água para ir dando alguns minutos á garganta, mas de resto nada de especial!

8. Não, não! Não foi nada disso, foi apenas a atracção que eu sentia pelo meio rádio.

A voz foi depois, entre aspas, domesticada para este meio.

15. Deve ser uma voz agradável, acho que vozes estridentes, sobretudo do que vos falava há bocado, vozes agudas não funciona por que muito que brilhante seja a mensagem, o ouvinte só se vai concentrar-se naquele tom de voz que está a ouvir, ele desliga-se da noticia para ligar-se á voz que está a ouvir. Ainda ontem, por exemplo, estava a ouvir a TSF e eles estavam a meter um jornalista brilhante, um especialista em assuntos africanos, e o senhor tinha uma voz que falava assim (muito pausadamente e baixo) e passados 10 segundos nós aqui já não estávamos a ouvir minimamente o que ele estava a dizer, estávamos sim a ouvir aquele tom arrastado de voz de tal forma cómico que já ninguém ligava mais nada ao resto.

16. Sim. Eu vou explicar-te o porquê, às vezes não há tempo, tens que improvisar. Mas como diz uma pessoa que um dos nomes grandes na rádio em Portugal que o Francisco Sana santos “O melhor improvisado é sempre o escrito”, mas às vezes naqueles dias muito complicados que caem em 10 minutos 5 peças, 5 sons e é humanamente impossível, por muito mais rápida que tu seja em termos de raciocínio ou a escrever no computador, tu consegues embrulhar aquilo tudo e então ficas com uma ideia, vais lá para dentro fazes um lançamento histérico e lanças a peça. Às vezes tem que ser assim!

17. Sim. Isto é assim, se tu fores falar aqui com a maior parte das pessoas que trabalha na redacção, cada um terá o seu estilo de escrita, cada um terá uma forma de escrever o texto. Convém em rádio nós termos muito bem a noção dos períodos das

frases para os conseguirmos delimitar muito se não aquilo é uma confusão, se nós falarmos aceleradamente e não fazemos pausas nem pontos finais ou virgulas a pessoa lá fora não vai perceber nada do que estamos a dizer. E então é essencial, há pessoas aqui fazes reticências para terem mesmo a noção quando estão a ler porque as virgulagens é uma coisa tão mínima que a pessoa dentro da cabine tem tendência a passar por cima dela.

Há quem meta uma barra, há quem, como é o meu caso, faça reticências para que saiba que as pausas estão ali para a mensagem passar melhor. A linguagem também é própria, muito mais directa, para a mensagem passe de forma mais eficiente.

18. Falta muito. Cada vez há menos tempo. Há uma incompatibilidade cada vez maior entre a informação e a programação. E cada a vez há menos tempo para informação em rádio poder abarcar todas as áreas que acho que hoje em dia interessam às pessoas. Muitas das vezes o que tu ouves na rádio é que a cultura tem um papel secundário ou terciário. Mais actualidade, política e sociedade e outras áreas como a cultura ficam de fora.

O desporto está quanto a mim cada vez a ter uma projecção maior e às vezes sem ter necessidade mas são os tempos que correm na rádio em que há uma luta constante entre mais música ou mais notícias e se vocês reparem, é um desafio que vos deixo, às rádios ditas jovens, em que as notícias são 1 minuto, 2 minutos. No meu entender é um mau caminho, estamos a formatar as novas gerações no caminho de que a música interessa e a informação que se passa no país e mundo nem por isso.

## **12. Augusto Fernandes – Animador Antena1**

1. Bem eu vou começar por dizer que estou na rádio há 20 anos, portanto desde 88. E não tenho uma formação superior, especializada, portanto, em relação a esta função, mas sim uma experiência que tem sido acumulada ao longo dos anos, pelos diversos sítios por onde tenho passado e onde tenho estado. Portanto e essa, essa experiência tem-me sido bastante útil, não só com as pessoas que tenho trabalhado, como por aquilo que naturalmente tenho evoluído. Nesta profissão às vezes não é, não é

importante ou não é fundamental ter uma experiência, um curso superior neste caso. Porque, e no caso concreto da minha função que é a programação, portanto, eu faço emissão, não sou jornalista, não estou na informação, estou na parte da programação, é uma coisa que também tem que estar dentro de ti, entre aspas. Tens de ter um *feeling* próprio para fazer a emissão, para estar num estúdio, para falar ao microfone, para comunicar com as pessoas. E foi isso que eu senti que tinha quando comecei a fazer rádio e que tenho desenvolvido ao longo dos anos e que quero continuar a desenvolver.

2. Sim. Sim, tenho tido aulas de dicção ao longo do tempo para melhorar a minha performance, de colocação de voz, para poder explorar o que a voz tem de bom, o que a minha voz tem de bom e tenho feito alguns workshops também. Coisas pontuais, que me têm enriquecido, naturalmente.

3. Toda. É fundamental, porquê? Porque é o único elo de ligação com o ouvinte, uma vez que a rádio não tem imagem, ou pelo menos ainda não tem, poderá ter no futuro. A voz é fundamental porque é aquilo que, o que é que nos faz ligar a rádio? Portanto é a música também e é a voz. Portanto é o elo de comunicação. Nós gostamos de ouvir uma voz agradável, bonita, com uma boa dicção, que passe um sentimento, que transmita qualquer coisa... às vezes eu ligo o rádio e ouço pessoas que não me dizem nada, não sinto nada quando ouço e isso é mau sinal porque a voz deve tocar-nos, deve dizer-nos qualquer coisa, deve ser simpática, agradável, deve surpreender, não deve ser monocórdica, pode ser sóbria sem ser cinzenta. Há uma série de coisas que podem ser exploradas.

4. Não!

5. Foi e é! Isto é um processo contínuo! É uma coisa que não acaba, se nós quisermos melhor sempre, nunca acaba, é uma evolução. Nunca tive, felizmente nunca tive problemas com a voz, não fumo, não bebo, tenho cuidados com a voz, às vezes quando estou de férias é que abuso. Isto foi uma necessidade minha de querer ir mais além, isto também porque gravo publicidade e na publicidade também é preciso evoluir.

A publicidade tem um objectivo muito forte que é vender o produto e nós podemos ter uma boa voz e não conseguir vender o produto e estes cursos ensinam-nos isso mesmo.

6. Não tão regulares como gostaria. Não faço muitas vezes. Às vezes quando vou para o estúdio gravar publicidade faço ali um aquecimento, um ensaio, mas, por exemplo, antes de entrar na emissão não faço, mas tenho sempre uma garrafinha de água que muito útil.

7. São os cuidados básicos e universais que qualquer pessoa deve ter, principalmente, para quem trabalha com a voz. Não se deve beber coisas geladas, também há certos alimentos que curiosamente prejudicam a voz, como no meu caso, alimentos que às vezes têm uma acidez acentuada e que podem prejudicar, no meu caso tiram os graves, fico com uma voz baça, com uma voz cheia de médios. Há que evitar alguns alimentos, e também não se deve gravar depois do almoço, comer-se e ir gravar também é mau, a voz fica sempre afectada. Há uma série de segredos que se vai descobrindo ao longo do tempo. Regra geral e para concluir para ter cuidado com a voz são os cuidados normais, não gritar, não apanhar deslocações de ar, ter alguns cuidados com as mudanças de temperatura não ter ar condicionado muito frio no estúdio, que é muito importante, é um inimigo da voz. Em suma é isso.

8. Sim foi. Foi porque surpreendeu as pessoas na altura, porque quando olham para ti não te conhecem, podem ter um juízo de valor antes de te conhecer a voz e depois de conhecer mudam de opinião, eu próprio não sabia que poderia ter uma voz que pudesse usar na rádio.

9. Já há pouco disse. Se for uma voz grave e bonita tanto melhor, mas o mais importante é saber comunicar, saber passar a mensagem, ter uma boa dicção, e ser uma voz que interesse minimamente. Por exemplo, há certas pessoas que nós ouvimos que vão regularmente ao microfone e não têm uma voz bonita, nós dizemos que esta voz é um bocado irritante. Acho que a pessoa que está ao microfone tem que ter essa sensibilidade, tem que se ouvir, tem que gravar as suas coisas e fazer uma auto-critica,

uma análise, mas também tem que estar predisposta a isso, ter que humildade suficiente para isso.

10. Não sei! Cada pessoa é um mundo diferente, não é? Há pessoas que podem gostar e outras acharem que não é nada de especial, isso é uma coisa muito particular, nada é às vezes muito generalista! É normal! É muito difícil de agradar. O mais importante é termos consciência de que estamos a fazer bem o nosso trabalho e quando chega o fim do dia sentirmos que a missão foi feita, acho que isso é o mais importante. Agora agradar a todos é muito difícil, eu tento agradar o maior número de ouvintes possível, não é? Porque nós quando abrimos o microfone queremos falar para muitas pessoas mas não estou preocupado se toda a gente gosta da minha voz.

11. Sim! Temos um mapa de emissão. Aquilo que eu faço durante a semana e continuidade em antena, o que é que isso significa? Vou suceder ao locutor que esteve antes de mim a fazer a emissão. Nós temos que colocar no monitor, no computador que está á nossa frente a emissão para aquela hora, portanto é uma emissão se calhar menos personalizada, mas ao fim de semana temos programas de autor e outras coisas mais pessoais e podemos personalizar mais. Mas tenho um guião durante a semana, aliás todos temos.

12. Não. Escrevo uma base e depois improviso sobre ela, porque o melhor improviso é o escrito. Aquilo que nós temos, o guião que está escrito é o alinhamento da emissão, os jingles da programação, informação, as promos, as musicas que vão tocar e depois nós dizemos coisas no meio, e aí eu escrevo umas notas e depois improviso sobre o que escrevi para poder comunicar, até porque daí nasce a espontaneidade o que as pessoas gostam de ouvir.

Sim tenho! Há coisas que abrevio, que eu já conheço para ser mais rápido, uma linguagem minha, própria que pessoa tem. Cada pessoa tem o seu segredo, a sua maneira de escrever. Não vou escrever um guião num livro, são coisas mais curtas.

14. É toda, porque nem todas as pessoas conseguem estar a improvisar sem ter papel á frente. Há muito poucas pessoas em Portugal que o conseguem fazer isso. E para nós não darmos a entender sistematicamente o ar que nos enganamos, no acto de que fica mal, convém ter uma base escrita e depois a partir daí é a arte de cada que vai fazer com que o programa seja bom ou não. Isto é uma coisa que ao longo que se vai descobrindo. O que eu estou a dizer não se consegue fazer num ano, tem que se fazer numa série de anos. É um saber acumulado! Eu já tenho 20 anos de rádio mas quero continuar a evoluir cada vez mais que para melhorar, porque sou muito exigente comigo próprio e às vezes até fiz um bom trabalho mas penso que poderia ter melhorado e não sou perfeccionista!

Grelha TSF – 23 a 28 de Julho 2008 - Manhã

| GRELHA SEMANAL de 23 a 29 de Junho 2008 |                             |                  |   |                  |                   |                 | Versão: 20 de Junho 08 14h00 |         |
|---|-----------------------------|------------------|---|------------------|-------------------|-----------------|------------------------------|---------|
| HORÁRIO                                 | Seg - 23                    | Ter - 24         | Qua - 25  | Qui - 26         | Sex - 27          | Sábado - 28     | Domingo - 29                 | HORÁRIO |
| 6:00                                    |                             |                  | Jornal das Seis (7')                              |                  |                   | Noticiário (7') | Noticiário (7')              | 6:00    |
| 6:07                                    |                             |                  | PUB + PROMO                                       |                  |                   | PUB + PROMO     | PUB + PROMO                  | 6:07    |
| 6:10                                    |                             |                  | MÚSICA  |                  |                   | MÚSICA          | MÚSICA                       | 6:10    |
| 6:15                                    |                             |                  | PUB   |                  |                   | PUB             | PUB                          | 6:20    |
| 6:20                                    |                             |                  | MÚSICA  |                  |                   | MÚSICA          | MÚSICA                       | 6:21    |
| 6:25                                    |                             |                  |   |                  |                   |                 |                              |         |
| 6:28                                    |                             |                  | PROMO+PUB   |                  |                   | PROMO+PUB       | PROMO+PUB                    | 6:28    |
| 6:30                                    | TOP STORY                   |                  | PUB   |                  |                   | TOP STORY+PUB   | TOP STORY+PUB                | 6:30    |
| 6:31                                    |                             |                  | Noticiário (3')                                   |                  |                   | Noticiário (3') | Noticiário (3')              | 6:31    |
| 6:34                                    |                             |                  | PUB + PROMO                                       |                  |                   | PUB + PROMO     | PUB + PROMO                  | 6:34    |
| 6:37                                    | INFO HORÁRIA+VOX            |                  |   |                  | + PUB             |                 |                              | 6:37    |
| 6:38                                    | Informação de Trânsito (1') |                  |   |                  | PUB               |                 |                              |         |
| 6:40                                    |                             |                  | MÚSICA  |                  |                   | MÚSICA          | MÚSICA                       |         |
| 6:46                                    |                             |                  |   |                  |                   |                 |                              |         |
| 6:50                                    |                             |                  | PUB   |                  |                   | PUB             | PUB                          | 6:50    |
| 6:51                                    |                             |                  | MÚSICA  |                  |                   | MÚSICA          | MÚSICA                       | 6:51    |
| 6:56                                    |                             |                  | PROMO+PUB   |                  |                   | PROMO+PUB       | PROMO+PUB                    | 6:56    |
| 6:58                                    | TOP STORY                   |                  | PUB   |                  |                   | TOP STORY+PUB   | TOP STORY+PUB                | 6:58    |
| 7:00                                    |                             |                  | Jornal das Sete                                   |                  |                   | Noticiário (7') | Noticiário (7')              | 7:00    |
| 7:05                                    |                             |                  | (13')   |                  |                   | PUB + PROMO     | PUB + PROMO                  | 7:07    |
| 7:13                                    |                             |                  | PUB+PROMO   |                  |                   |                 |                              | 7:09    |
| 7:18                                    | Informação de Trânsito (1') |                  |   |                  | PUB               |                 |                              |         |
| 7:18                                    |                             |                  | Revista de Imprensa Nacional - 1ª edição (2')     |                  |                   | MÚSICA          | MÚSICA                       |         |
| 7:20                                    |                             |                  | PUB   |                  |                   | PUB             | PUB                          | 7:20    |
| 7:22                                    |                             |                  | Jornal do Desporto (5')                           |                  |                   | MÚSICA          | MÚSICA                       | 7:21    |
| 7:27                                    |                             |                  | PROMO+PUB   |                  |                   | PROMO+PUB       | PROMO+PUB                    | 7:27    |
| 7:30                                    | TOP STORY                   |                  | PUB   |                  |                   | TOP STORY+PUB   | TOP STORY+PUB                | 7:30    |
| 7:31                                    |                             |                  | Noticiário (3')                                   |                  |                   | Noticiário (3') | Noticiário (3')              | 7:31    |
| 7:34                                    |                             |                  | PUB+PROMO   |                  |                   | PUB + PROMO     | PUB + PROMO                  | 7:34    |
| 7:38                                    | METEO                       |                  |   |                  | + PUB             |                 |                              | 7:38    |
| 7:37                                    | Informação de Trânsito (1') |                  |   |                  | PUB               |                 |                              |         |
| 7:39                                    |                             |                  |   |                  |                   | MÚSICA          | MÚSICA                       |         |
| 7:41                                    |                             |                  | Clinica Geral (2') E                              |                  |                   |                 |                              |         |
| 7:44                                    |                             |                  | Titulos da actualidade (2')                       |                  |                   |                 |                              |         |
| 7:46                                    |                             |                  | Economia dia-a-dia - António Perez Metelo (2'30") |                  |                   |                 |                              |         |
| 7:48                                    |                             |                  | PUB   |                  |                   | PUB             | PUB                          | 7:50    |
| 7:50                                    |                             |                  | PUB   |                  |                   | MÚSICA          | MÚSICA                       |         |
| 7:55                                    |                             |                  | Directo Informação Auto-Estradas BRISA (1')       |                  |                   |                 |                              |         |
| 7:56                                    |                             |                  | PROMO+PUB   |                  |                   | PROMO+PUB       | PROMO+PUB                    | 7:56    |
| 7:58                                    | TOP STORY                   |                  | PUB   |                  |                   | TOP STORY+PUB   | TOP STORY+PUB                | 7:58    |
| 8:00                                    |                             |                  | Jornal das Oito                                   |                  |                   | Noticiário (7') | Noticiário (7')              | 8:00    |
| 8:05                                    |                             |                  | (15')   |                  |                   | PUB + PROMO     | PUB + PROMO                  | 8:07    |
| 8:10                                    |                             |                  | PUB   |                  |                   | MÚSICA          | MÚSICA                       | 8:09    |
| 8:15                                    | Informação de Trânsito (1') |                  |   |                  | PUB               |                 |                              |         |
| 8:17                                    |                             |                  |   |                  |                   |                 |                              |         |
| 8:19                                    |                             |                  | Zé Manel - 008 - Missão Europeu (4') E            |                  |                   | PUB             | PUB                          | 8:20    |
| 8:23                                    |                             |                  | PUB   |                  |                   | MÚSICA          | MÚSICA                       | 8:21    |
| 8:25                                    |                             |                  | Revista de Imprensa Nacional - 2ª edição (2')     |                  |                   |                 |                              |         |
| 8:27                                    |                             |                  | PROMO+PUB   |                  |                   | PROMO+PUB       | PROMO+PUB                    | 8:27    |
| 8:30                                    | TOP STORY                   |                  | PUB   |                  |                   | TOP STORY+PUB   | TOP STORY+PUB                | 8:30    |
| 8:31                                    |                             |                  | Noticiário (3')                                   |                  |                   | Noticiário (3') | Noticiário (3')              | 8:31    |
| 8:34                                    |                             |                  | PUB   |                  |                   | PUB + PROMO     | PUB + PROMO                  | 8:34    |
| 8:36                                    | INFO HORÁRIA                |                  |   |                  | + PUB             |                 |                              | 8:36    |
| 8:37                                    | Informação de Trânsito (1') |                  |   |                  | PUB               |                 |                              |         |
| 8:39                                    |                             |                  | Na Linha da Frente (3')                           |                  |                   |                 |                              |         |
| 8:42                                    | Pedro Santana Lopes         | Carlos Carvalhas | Antº Pires Lima                                   | António Vitorino | Joana Amaral Dias | MÚSICA          | MÚSICA                       |         |
| 8:44                                    |                             |                  | Titulos da actualidade (2')                       |                  |                   |                 |                              |         |
| 8:48                                    |                             |                  | Negócios & Empresas, 1ª ed (4')                   |                  |                   |                 |                              |         |
| 8:50                                    |                             |                  | PUB   |                  |                   | PUB             | PUB                          | 8:50    |
| 8:52                                    |                             |                  | Sinais - Fernando Alves (3')                      |                  |                   | MÚSICA          | MÚSICA                       | 8:51    |
| 8:55                                    |                             |                  | Informação de Trânsito (1')                       |                  |                   |                 |                              |         |
| 8:56                                    |                             |                  | PUB   |                  |                   | PROMO+PUB       | PROMO+PUB                    | 8:55    |
| 8:58                                    | TOP STORY                   |                  | PUB   |                  |                   | TOP STORY+PUB   | TOP STORY+PUB                | 8:58    |
| 9:00                                    |                             |                  | Jornal das Nove                                   |                  |                   | Noticiário (7') | Noticiário (7')              | 9:00    |
| 9:05                                    |                             |                  | (16')   |                  |                   | PUB + PROMO     | PUB + PROMO                  | 9:07    |
| 9:10                                    |                             |                  | PUB+PROMO   |                  |                   |                 | MÚSICA                       | 9:09    |
| 9:16                                    | Informação de Trânsito (1') |                  |   |                  | PUB               |                 |                              |         |
| 9:19                                    |                             |                  |   |                  |                   |                 |                              |         |
| 9:21                                    |                             |                  | PUB   |                  |                   | PUB             | PUB                          | 9:21    |
| 9:23                                    |                             |                  | Tubo de Ensaio - Bruno Nogueira (3') E            |                  |                   | MÚSICA          | MÚSICA                       | 9:22    |
| 9:27                                    |                             |                  | PROMO+PUB   |                  |                   | PROMO+PUB       | PROMO+PUB                    | 9:27    |

| HORÁRIO | Seg - 23                    | Ter - 24         | Qua - 25                                 | Qui - 26                | Sex - 27         | Sábado - 28                | Domingo - 29                       | HORÁRIO |
|---------|-----------------------------|------------------|--|-------------------------|------------------|----------------------------|------------------------------------|---------|
| 9:30    | TOP STORY                   |                  | PUB                                      |                         |                  | TERRA A TERRA              | TOP STORY+PUB                      | 9:30    |
| 9:31    |                             |                  | Noticiário (3')                          |                         |                  |                            | Noticiário (3')                    | 9:31    |
| 9:34    |                             |                  | PUB                                      |                         |                  |                            | PUB + PROMO                        | 9:34    |
| 9:36    | METEO                       |                  |  | + PUB                   |                  |                            |                                    | 9:36    |
| 9:37    | Informação de Trânsito (1') |                  |  | PUB                     |                  |                            |                                    |         |
| 9:39    |                             |                  | Bolsas - Boletim (1')                    |                         |                  | Porto de Mós               |                                    |         |
| 9:40    |                             |                  | Voz Europa João Francisco Guerreiro (1') |                         |                  |                            | MÚSICA                             |         |
| 9:45    |                             |                  | Jornal de Desporto (5')                  |                         |                  |                            |                                    |         |
| 9:47    |                             |                  | Titulos da actualidade (2')              |                         |                  |                            |                                    |         |
| 9:49    | Vinhos                      | Prod portuguesas | Rest/Gastron                             | Sugestões fs            | Eventos/Destinos |                            |                                    |         |
| 9:51    | PUB                         |                  | PUB                                      | CINEMA - M Augusto - EK |                  |                            | PUB                                | 9:50    |
| 9:54    |                             |                  | Informação de Trânsito (1')              |                         |                  |                            | MÚSICA                             | 9:51    |
| 9:55    |                             |                  | PROMO+PUB                                |                         |                  | PROMO+PUB                  |                                    | 9:56    |
| 9:57    |                             |                  | ECO MINUTO                               |                         |                  | TOP STORY+PUB              | TOP STORY+PUB                      | 9:58    |
| 10:00   |                             |                  | Jornal das Dez (10')                     |                         |                  | Noticiário (7')            | Noticiário (7')                    | 10:00   |
| 10:05   |                             |                  | PUB + PROMO                              |                         |                  | PUB + PROMO                | PUB + PROMO                        | 10:07   |
| 10:10   | Informação de Trânsito (1') |                  |  | PUB                     |                  |                            |                                    | 10:09   |
| 10:14   | INFO HORÁRIA+VOX            |                  |  | + PUB                   |                  |                            | REPORTAGEM TSF                     |         |
| 10:15   |                             |                  | PUB                                      |                         |                  |                            |                                    |         |
| 10:17   |                             |                  |  |                         |                  |                            |                                    |         |
| 10:22   |                             |                  |  |                         |                  | TERRA A TERRA              |                                    |         |
| 10:28   |                             |                  | FÓRUM TSF INTERACTIVO                    |                         |                  |                            |                                    |         |
| 10:30   |                             |                  |  |                         |                  |                            |                                    |         |
| 10:31   |                             |                  |  |                         |                  | Porto de Mós               | (R#2K)                             |         |
| 10:34   |                             |                  |  |                         |                  |                            |                                    |         |
| 10:36   |                             |                  | 1ª parte                                 |                         |                  |                            |                                    |         |
| 10:40   |                             |                  |  |                         |                  |                            |                                    |         |
| 10:45   |                             |                  |  |                         |                  |                            |                                    |         |
| 10:50   |                             |                  |  |                         |                  |                            |                                    |         |
| 10:51   |                             |                  |  |                         |                  |                            |                                    |         |
| 10:56   | TOP STORY                   |                  | PROMO+PUB                                |                         |                  | PROMO+PUB                  | PROMO+PUB                          | 10:56   |
| 10:58   |                             |                  | PUB                                      |                         |                  | TOP STORY+PUB              | TOP STORY+PUB                      | 10:58   |
| 11:00   |                             |                  | Noticiário (5')                          |                         |                  | Noticiário (7')            | Noticiário (7')                    | 11:00   |
| 11:05   |                             |                  | PUB + PROMO                              |                         |                  | PUB + PROMO                | PUB + PROMO                        | 11:07   |
| 11:07   |                             |                  | DIGEST 1ª parte (2')                     |                         |                  |                            |                                    | 11:09   |
| 11:10   |                             |                  |  |                         |                  |                            |                                    |         |
| 11:20   |                             |                  |  |                         |                  | JOGO JOGADO                |                                    |         |
| 11:25   |                             |                  |  |                         |                  | João Querido Manha         | Discurso Directo                   |         |
| 11:28   |                             |                  | FÓRUM TSF INTERACTIVO                    |                         |                  | João Rosado                |                                    |         |
| 11:30   |                             |                  |  |                         |                  | Luis Freiras Lobo          |                                    |         |
| 11:31   |                             |                  | 2ª parte                                 |                         |                  | Mário Fernando             |                                    |         |
| 11:34   |                             |                  |  |                         |                  |                            |                                    |         |
| 11:36   |                             |                  |  |                         |                  |                            |                                    |         |
| 11:40   |                             |                  |  |                         |                  |                            |                                    |         |
| 11:45   |                             |                  |  |                         |                  |                            |                                    |         |
| 11:47   |                             |                  |  |                         |                  |                            |                                    |         |
| 11:49   |                             |                  | DIGEST 2ª parte (2')                     |                         |                  | (EK)                       |                                    |         |
| 11:54   |                             |                  | PUB                                      |                         |                  |                            |                                    |         |
| 11:55   | METEO+VOX                   |                  |  | + PUB                   |                  |                            |                                    |         |
| 11:56   |                             |                  | PROMO+PUB                                |                         |                  | PROMO+PUB                  | PROMO+PUB                          | 11:56   |
| 11:58   | TOP STORY                   |                  | PUB                                      |                         |                  | TOP STORY+PUB              | TOP STORY+PUB                      | 11:58   |
| 12:00   |                             |                  | Noticiário (6')                          |                         |                  | Noticiário (7')            | Noticiário (7')                    | 12:00   |
| 12:06   |                             |                  | PUB + PROMO                              |                         |                  | PUB + PROMO                | PUB + PROMO                        | 12:06   |
| 12:09   | INFO HORÁRIA+VOX            |                  |  | + PUB                   |                  |                            |                                    | 12:09   |
| 12:10   |                             |                  | Zé Manel - 008 - Missão Europeu          |                         |                  |                            | Zé Manel 008                       |         |
| 12:14   |                             |                  | PUB                                      |                         |                  |                            | Missão Europeu Compacto            |         |
| 12:16   |                             |                  |  |                         |                  | ENCONTROS COM O PATRIMÓNIO |                                    | 12:20   |
| 12:20   |                             |                  | Jornal de Desporto (15')                 |                         |                  | Manuel V Boas              |                                    |         |
| 12:23   |                             |                  |  |                         |                  | TSF/GESPAR                 | PROMO+PUB                          |         |
| 12:25   |                             |                  |  |                         |                  |                            | TOP STORY+PUB                      |         |
| 12:27   |                             |                  | PROMO+PUB                                |                         |                  |                            | Noticiário (3')                    | 12:27   |
| 12:30   | TOP STORY                   |                  | PUB                                      |                         |                  | (EK)                       | PUB + PROMO                        | 12:30   |
| 12:31   |                             |                  | Jornal do meio-dia e meia                |                         |                  |                            |                                    | 12:31   |
| 12:34   |                             |                  |  |                         |                  |                            |                                    | 12:34   |
| 12:36   |                             |                  | (21')                                    |                         |                  |                            | Tubo de Ensaio Compacto Semana (E) | 12:36   |
| 12:42   |                             |                  |  |                         |                  |                            |                                    |         |
| 12:43   |                             |                  |  |                         |                  |                            |                                    |         |
| 12:50   |                             |                  | PUB                                      |                         |                  |                            |                                    | 12:50   |
| 12:52   |                             |                  | PROMO+PUB                                |                         |                  | PROMO+PUB                  | PROMO+PUB                          | 12:56   |
| 12:56   | TOP STORY                   |                  | PUB                                      |                         |                  | TOP STORY+PUB              | TOP STORY+PUB                      | 12:58   |
| 12:58   |                             |                  | Noticiário (6')                          |                         |                  | Noticiário (7')            | Noticiário (7')                    | 13:00   |
| 13:00   |                             |                  | PUB + PROMO                              |                         |                  | PUB + PROMO                | PUB + PROMO                        | 13:07   |
| 13:05   | METEO+VOX                   |                  |  | + PUB                   |                  |                            |                                    | 13:07   |
| 13:07   |                             |                  |  |                         |                  | Na Ordem do dia (3')       |                                    | 13:09   |